

7
E 40.1
5249c

"EDUCAÇÃO E AUTONOMIA:
UMA CONSTRUÇÃO NO COTIDIANO DOS TRA-
BALHADORES

Gildo Scalco

28211

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA


MV 05

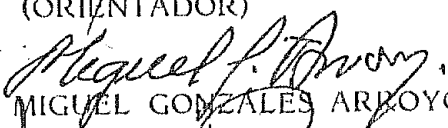


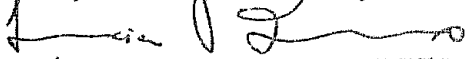
298688704

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

BANCA EXAMINADORA:


Professor ODER JOSÉ DOS SANTOS
(ORIENTADOR)


Professor MIGUEL GONZALES ARROYO


Professora LÚCIA EMILIA N. BARRETO BRUNO

OS GIRASSÓIS NÃO MORRERÃO...

Deixem-me dizer que não se apagam os rastros
que o sinal do novo emerge
e dos porões traz as sementes.
Sem pedir licença descansa formas certas
põe a história no presente.
Como o dia descontínuo
vive além do convergente.

Deixem-me acreditar que os girassóis não morrerão
enquanto os olhos e os olhares tiverem brilho
sem temer a escuridão.

Deixem-me conceituar a vida como a um triângulo
imantado, fascinante. De um lado a lua
espelho do sol, o homem numa ponta e na outra
um pé de girassol.

Deixem-me dizer que a sabedoria está entre o chorar
e o rir, dureza - leveza
d-i-a-m-a-n-t-e-s
um chora pra ficar outro chorou por não partir.

Deixem-me dizer que o movimento gera movimento,
que o silêncio sempre vem na hora certa
de acalmar o vento.

Deixem-me buscar ao meu redor um-por-um meus fragmentos.
Não consegui me ver no todo, nem unificadas as
diferenças.
Conferi identidade em cada parte,
redescobri no dia-a-dia o emergir de um
novo tempo.

Gildo - set/87.

A meus pais, Olivina e Artur, que me ajudaram a edificar uma história no silêncio e na descontinuidade, como a lua em mudança de estação.

À Vitória Faria, incentivadora ímpar, interlocutora crítica e, às vezes, sinal quando me achei sem direção.

À Mariana, filha e amiga, com quem aprendi que autonomia tem limites, mas é imprescindível para germinar e fazer crescer o novo grão.

À Raquel, filha mais nova, sempre ali a me avivar. Com ela descobri que a palavra não é germe, mas que a vida só emerge ante a força da emoção.

AGRADECIMENTOS

Devo dizer àqueles a quem minhas palavras alcançarem que os agradecimentos aqui manifestos expressam o reconhecimento emocionado pelo prazer em registrar a constatação seguinte:

Este trabalho de tese não é uma produção só minha. Ao produzi-lo evoquei interlocutores e mesmo sem conhecê-los, dialoguei com eles em seus trabalhos literários. Vivenciei uma experiência fascinante e inesquecível com os que contribuíram com seu trabalho manual e técnico, bem como pela ação intelectual. A força expressa no incentivo de muitos permitiu que nesta obra emergisse a emoção.

Assim, quero agradecer aos professores do Mestrado em Educação da FAE/UFMG e em especial à Eliane Marta, que percorreu comigo os diversos caminhos para a constituição do campo temático, realização da pesquisa, discussão e análise dos primeiros capítulos. Como orientadora, se deixou ser mais que isso: confiou e acreditou em mim como pessoa e como pesquisador.

Com elevada estima, agradeço ao professor Oder, orientador efetivo. Com suas sábias interlocuções e questionamentos, ele contribuiu, decisivamente, para a direção final desta dissertação.

Quero registrar também meu reconhecimento agradecido à Lúcia Bruno pelo incentivo pessoal e ao aprofundamento do tema aqui estudado.

À "turma de mestrado" de 1984, inesquecível, registro meu abraço e agradecido constato a sua contribuição significativa através da discussão do tema desta tese e de outras questões da educação brasileira. Agradeço aos membros do meu grupo de estudo, Lincoln e Paulo, pelas discussões e interlocuções valiosas que apresentaram ao meu tema e, em especial, ao José Raimundo, que no dia-a-dia do Mestrado,

e fora dele, polemizou e percorreu comigo o fio da história, ajudando-me, assim, a redimensionar minhas preocupações.

Agradeço a outros excelentes interlocutores, ocultos ou não, que pelas mais variadas formas contribuíram com este trabalho. Neste sentido, devo maiores agradecimentos a Eliane Farah, Hamilton Faria, Cida, Joaquim, Conceição, Ana, Leiser, Rogério Cunha e Lúcia, secretária do Mestrado.

Agradeço ao José Luis, que não só fez a primeira datilografia do trabalho; se sentiu ligado ao tema e como jornalista incentivou-me até o final desta produção. À Heloisa Helena e Maria de Fátima, que fez a datilografia final; ao Geraldo, pela sua calma em transcrever as fitas; à Karla, pela responsabilidade ao normatizar a bibliografia, e à Márcia, pelo cuidadoso trabalho na revisão do português.

Gostaria de agradecer também ao INEP e à FUNDEP pelo financiamento parcial da pesquisa e pela assessoria na elaboração do projeto.

Em outro tom, finalmente, agradeço aos coordenadores, funcionários e instrutores da Escola de Produção Tio Beijo, a todos os meus alunos, ex-alunos da escola e pais, principais protagonistas de um "coro" que não só faz ouvir sua voz como lança notas descontínuas de um novo tempo, sem pedir licença para construir uma outra história.

R E S U M O

Este estudo constitui uma análise que "desentoca" a prática educativa de um grupo de trabalhadores da Região Industrial de Belo Horizonte/Contagem. Representa um momento da caleidoscópica imagem do cotidiano dos trabalhadores, onde criam seu espaço educativo específico.

A análise mostra que, em um movimento que se autoconstitui, aqueles sujeitos se autogovernam, ao expressarem os cuidados que têm com sua educação. Demonstra, a partir dos próprios protagonistas, os caminhos, as formas de organização e as relações pedagógicas que são construídas no processo educativo ali desenvolvido. Revela, na sua dinâmica interna e na prática educativa mais geral, que aqueles sujeitos buscam nessa experiência resgatar o passado pela redescoberta do tempo, afirmando sua diferença e compreendendo suas vivências cotidianas fragmentadas.

O dia-a-dia da sala-de-aula daqueles trabalhadores, pelo cruzamento das experiências vividas e narradas, expressa a possibilidade da reelaboração da sua identidade. A partir da emergência desses sujeitos, a prática educativa ali desenvolvida explicita formas de relação que permitem pensar aquele espaço educativo como o lugar da constituição permanente da memória daqueles agentes. Enfim, as práticas ali desenvolvidas revelam as formas expressivas de autonomia como imprescindíveis à gestação da pedagogia dos trabalhadores.

Vale dizer, ainda, que tal espaço educativo constitui um lugar privilegiado, em que a racionalização da vida se tem curvado frente à "experiência humana", enquanto a educação do humano emerge, ajuntando os fragmentos da identidade daqueles sujeitos trabalhadores.

S U M Á R I O

INTRODUÇÃO	01
------------------	----

CAPÍTULO I

O COTIDIANO DOS TRABALHADORES E OS CUIDADOS COM SUA EDUCAÇÃO	12
--	----

1. O SUJEITO-TRABALHADOR NO "FAZER" ESPECÍFICO	12
2. AS RUPTURAS E O FAZER COTIDIANO DOS TRABALHADORES ..	16
3. NA TRAJETÓRIA DESCONTÍNUA, OUTRAS RUPTURAS	33

CAPÍTULO II

NAS RAÍZES DA HISTÓRIA

1. NO SILÊNCIO, A CONSTRUÇÃO DE UMA OUTRA HISTÓRIA.....	39
1.1. Contextualização do Bairro Lindéia	42
1.2. O embrião da Escola de Produção "Tio Beijo"	48
1.3. Os interesses dos moradores e sua autoconservação.	55
2. O MUTIRÃO E A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA DE PRODUÇÃO "TIO BEIJO"	62
2.1. Com "as nossas mãos a nossa escola"	63
2.2. Quem cria constrói sua liberdade para falar	69
3. A LEGITIMIDADE NÃO TEM CARIMBO	75
3.1. Os sinais do novo não pedem licença	80
3.2. Quando a participação é levada a sério	84

CAPÍTULO III

A ESCOLA DE PRODUÇÃO TIO BEIJO E SEU PAPEL NA REGIÃO INDUSTRIAL

1. O CAPITAL IMPLANTA FÁBRICAS; O TRABALHADOR, NO COTIDIANO, CRIA OS MEIOS DE SUA EMANCIPAÇÃO.....	91
--	----

1.1. Um certo interesse do setor secundário pela educação	102
1.2. A Escola de Produção Tio Beijo e a Secretaria do Trabalho	104
1.3. A demanda por educação é interesse por nova forma de vida	108
1.4. A escola não passa o aluno; ele é quem passa pela escola	123
1.4.1. Quando os alunos retornam à Escola Tio Beijo.....	128
2. A ESCOLA DE PRODUÇÃO TIO BEIJO E A ESCOLA PÚBLICA...	138
2.1. Muitas práticas, muitos saberes	146
3. UMA ESCOLA A SERVIÇO DOS TRABALHADORES	164
3.1. A escola que interessa aos trabalhadores	166
3.2. As escolas que se ajudam	169
 CAPÍTULO IV	
O EDUCATIVO DESCONTÍNUO NA SALA DE AULA DA ESCOLA "TIO BEIJO"	
1. MISTURANDO AS PRÁTICAS.....	189
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 194
 BIBLIOGRAFIA	 203

ANEXOS

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Pelos meados dos anos 70 (1972/1978), tornou-se incontornável às forças do poder vigente a entrada dos trabalhadores na cena política, em um palco onde a cortina cerrada da historiografia dominante os ocultava e silenciava suas vozes.

Rompendo o silêncio de vários anos, despontam na época várias formas de organização e de luta, através das quais os trabalhadores demandam novas condições de vida. Criam, na diversidade e na descontinuidade do cotidiano, espaços específicos próprios, enquanto enfrentam, ali, as opressões, também específicas.

Na caleidoscópica imagem em que o movimento dos trabalhadores se autodetermina, percebi a manifestação do interesse e dos cuidados que os trabalhadores têm com sua educação. Desde 1977, morando na Região Industrial de Belo Horizonte/Contagem, trabalhando, como muitos, na área da educação não formal, atuei em um programa da FEBEM, no atendimento ao menor da periferia. Atuei ali como profissional da educação, em um Centro Integrado de Atendimento ao Menor - CI/ME. Participei do movimento por ampliação de escolas e extensão de séries. Atuei na criação de associações de moradores, do Movimento de Feira Cultural, etc. Ajudei a organizar encontros de 41 favelas da região, onde discutimos a situação dos analfabetos, dentre outras questões. Trabalhei na Fundação de Educação para o Trabalho de Minas Gerais —UTRAMIG— como orientador pedagógico de cursos de iniciação profissional para menores e cursos de alfabetização e profissionalização para adultos da Região Industrial de Belo Horizonte/Contagem (1982 a 1984).

Da prática educativa realizada na Região Industrial

por organizações comunitárias e por entidades profissionalizantes emergiu, após os anos 80, um movimento — que agrupou temporariamente 61 entidades — reivindicando a instalação de uma sub-sede da UTRAMIG na região (ver anexos). Dentre tais entidades, muitas desenvolviam experiências na área de educação e trabalho, já há mais tempo. Algumas atuavam na alfabetização de adultos, outras em cursos profissionalizantes de curta duração mantidos com verbas do governo. Dentre outras escolas e centros profissionalizantes da área de educação e trabalho, estava emergindo a experiência da Escola de Produção Tio Beijo.

Na época, fiz parte da comissão mobilizadora e da elaboração do projeto para implantação da reivindicada sub-sede da UTRAMIG em Contagem. Junto aos representantes de grupos de moradores do bairro e muitas outras entidades, atuei na assessoria de um movimento reivindicando mais escolas (ensino de 1º e 2º graus), ampliação de salas e mais vagas nas escolas, e do movimento de criação e organização de creches.

Junto à Escola de Produção Tio Beijo, participei de outros centros profissionalizantes de Belo Horizonte e Contagem ajudando na organização de encontros de instrutores e na organização do encontro de entidades para discutir sobre o tema: "A educação que interessa aos trabalhadores". Este assunto estava emergente nas diversas experiências vividas pelas comunidades na área de educação e trabalho, e desses encontros resultou o movimento de entidades populares da região em busca de cursos técnicos para os trabalhadores da região e seus filhos.

Atuando como professor na dinâmica interna da Escola Tio Beijo, me senti agente no interior do meu objeto de estudo. Como professor, em 1986, fiz parte do processo educativo que será discutido no capítulo IV deste trabalho. Ali vivi o dia-a-dia da Escola Tio Beijo, participei de encon-

tros sobre educação, reuniões pedagógicas, festas comunitárias e religiosas.

Como representante da Fundação Cultural Metropolitana, participei de encontros sobre educação e trabalho realizados na região de Belo Horizonte/Contagem. Nesta oportunidade, a Escola de Produção Tio Beijo fez uma análise de suas práticas, relatando suas experiências. Junto com representantes dessa escola e de outras em Contagem e Belo Horizonte, participei do IV Encontro de Educação e Trabalho em Recife. Desse encontro participaram também representantes de experiências realizadas em Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro.

Dentre outras questões, foram debatidos no encontro relatos de experiências onde o tema educação e autonomia teve seu destaque. Não se pretendeu, ali, tirar nenhuma proposta de ação conjunta. Houve, sim, por um início de reflexão, o interesse em ampliar a compreensão a respeito das formas e dos espaços educativos criados e mantidos pelos próprios trabalhadores. Manifestou-se, também, a preocupação em não se criar nenhum modelo de autonomia, pois os participantes entendiam que qualquer modelo de autonomia que se pretenda elaborar trará o risco de levar a uma visão de sua institucionalização.

Minha preocupação naquele encontro voltou-se para o cruzamento das experiências vividas e narradas. A partir daí, senti que ao tecer a teia dessas experiências o movimento aponta para um caminho autônomo, expresso na conquista do espaço físico e específico, na organização do trabalho educativo, nas relações novas que os agentes da educação constroem e na dinâmica da sala-de-aula, onde a aprendizagem deve ser pensada como busca de conhecimentos orientados por interesses.

Fazendo parte das experiências já relatadas, vivi um aprendizado importante: a autonomia é imprescindível para que o espaço da sala-de-aula também-seja um lugar de "destrução" das concepções modeladoras.

Ao iniciar o curso de Mestrado em educação na FAE—UFMG, eu ainda não havia conseguido constituir o campo temático desta dissertação. Possuía, no entanto, a crença nas possibilidades e interesse em repensar minhas experiências na área de educação e trabalho — isto por um lado. Havia também, por outro lado, a emergência de práticas nessa área, onde as formas de relações criadas no espaço educativo específico (o não consagrado pelo poder vigente) ganhavam relevante significação no movimento que demarcava um campo próprio à sua autoconstituição.

O avanço de práticas de luta por escola, na demanda por novas formas de vida, na constituição de espaços próprios revela a situação de um momento educativo em que os trabalhadores expressam os cuidados com sua educação.

Percebi que, ao reconstituir a trajetória de minhas práticas educativas, eu captava a concretude da manifestação dos trabalhadores em busca da educação que lhes interessa. Percebi, também, que aquele movimento, embora incipiente e com pouco brilho na fragmentação caleidoscópica do cotidiano dos trabalhadores, conquistava espaços autônomos também no campo instituído: a escola pública local.

No entanto, logo entendi que aqueles trabalhadores se revelavam como exímios opositores à educação sistêmica. Entenderam esses trabalhadores que os espaços autônomos podem, sem dúvida, passar ao controle do poder político vigente. Eles viam, com isso, que permanentemente os dominantes criam mecanismos inibidores, limitam as conquistas, e tentam

expropriar as experiências autônomas quando intensificam o controle dos movimentos sociais na recuperação de sua hegemonia. Nesse sentido, o movimento que expressa os cuidados que os trabalhadores têm com sua educação se faz emergir além dos espaços consagrados pelo poder político vigente. Isto porque os trabalhadores entendem que sua autonomia não encontra espaço de vida no poder instituído.

Ao perceber que os trabalhadores elegiam um outro lugar, que não os já consagrados no sistema da educação formal, procurei aprofundar-me mais nessas experiências. Para compreender melhor as experiências de educação dos trabalhadores no espaço não formal, elaborei um projeto de pesquisa visando desvelar a importância e o sentido desse novo caminho e entendê-lo como um espaço onde os trabalhadores criam, cotidianamente, formas expressivas de autonomia. No Capítulo I deste trabalho explicitarei melhor a concepção de autonomia aqui empregada.

Foi por esse caminho que percebi com um pouco mais de clareza que o campo da educação não formal, onde desenvolvi minha prática, tem relevante significação e várias matizes na representação caleidoscópica no cotidiano dos trabalhadores. Nesse sentido decidi privilegiar o espaço da Escola de Produção Tio Beijo como um lugar específico onde os trabalhadores materializam os cuidados que dispensam à sua educação. Para isso, procurei puxar o fio da constituição histórica dessa escola, no sentido de reconstruir, com os próprios trabalhadores, suas experiências educativas que, se não trouxeram diretrizes, apresentaram novos elementos constitutivos para a fundação da pedagogia do trabalhador.

Procurei, assim, reconstruir os caminhos que um grupo de trabalhadores percorreu para criar sua própria escola. Pelo exame cuidadoso da história das pessoas que ali atuam, proponho-me demonstrar neste trabalho a importância da gesta

ção silenciosa, do nascimento e do vigor de uma escola criada e mantida pelos próprios trabalhadores.

O fato de reconstruir a história da Escola de Produção Tio Beijo apontou também, por um lado, a possibilidade de abrir as cortinas da ocultação de outra história das lutas dos trabalhadores, mantida pelos mecanismos instituídos do poder político dominante. Por outro lado, a ocultação das pequenas lutas — ou das chamadas "lutas atrasadas" — tem sido reforçada pelas análises tradicionais sobre o movimento desses trabalhadores (voltaremos a esta questão no Capítulo I).

Proponho-me neste trabalho recuperar e destacar os caminhos percorridos por trabalhadores que vivem no Bairro Lindéia ao construírem seu espaço específico, onde desenvolvem uma prática educativa diferenciada e frontalmente oposta à educação sistêmica.

Procuro evidenciar os aspectos relevantes das experiências vividas por aqueles protagonistas, para o que defini o seguinte caminho: reconstruir com os próprios criadores da Escola a história do movimento que resultou na sua criação; como este movimento se autoconstituiu, como se materializou na prática, que formas de organização foram criadas, e que relações novas emergiram. Num outro sentido, busco estudar a importância que têm essas experiências em relação a um contexto maior, onde cruzam com outras experiências educativas.

Empenhei-me, também, no exame da dinâmica interna daquele espaço, no intuito de captar e analisar o espaço específico da sala-de-aula como um lugar em que os alunos-trabalhadores se autodeterminam. Enfim, procuro demonstrar que naquele espaço específico da sala-de-aula, criado pelos pró-

prios trabalhadores, está a possibilidade do cruzamento de experiências vividas e narradas. E que, na construção pelos trabalhadores da teia de suas experiências, aquele espaço autônomo torna-se imprescindível à reelaboração do memorial de suas experiências, pois enquanto refazem sua memória ajuntam os elementos fragmentados e silenciados de sua identidade. Nesse sentido, colocam-se como agentes de sua própria emancipação.

Ao realizar a coleta dos dados, fiquei vigilante à captação de aspectos não presentes anteriormente como objeto de análise no projeto de pesquisa. Iniciei o trabalho da pesquisa expondo para os coordenadores e alunos da Escola Tio Beijo minhas preocupações com o estudo daquela experiência. Realizei, a partir daí, observações na sala-de-aula, entrevistei coordenadores, funcionários, alunos, ex-alunos, pais e instrutores da escola. Para revelar a imagem da escola fora do seu lugar geográfico, entrevistei a coordenadora e professores da escola pública local; entrevistei também, aleatoriamente, muitos moradores do bairro. As entrevistas realizadas foram gravadas, formando um total de 38, com duração aproximada de 45 horas.

Participei do encontro de alunos, ex-alunos, instrutores e coordenadores, quando foi realizada uma avaliação do trabalho que a escola está desenvolvendo na formação daqueles alunos-trabalhadores. Analisei 38 questionários de alunos, respondidos em manuscrito, através dos quais foi feita (com os alunos, professores e pais) uma avaliação do processo de aprendizagem. As questões que dizem respeito à relação professor x aluno, à elaboração do programa, à criação de novos cursos e à organização do espaço físico tiveram grande relevância nesse processo.

Entrevistei um grupo de técnicos da Secretaria do Estado do Trabalho. Os entrevistados expressaram, por um la-

do, quais são os interesses institucionais ao financiarem projetos para execução de cursos profissionalizantes às entidades que atuam na área de educação e trabalho; por outro lado, expressaram também, o empenho que têm, constantemente, em fortalecer experiências como a da Escola de Produção Tio Beijo.

Recolhi e organizei todo o material existente nos arquivos e na biblioteca da escola. Ali encontrei o estatuto; relatórios de encontros; projetos; correspondências caracterizando os níveis de relação com a escola oficial, com os organismos públicos, indústrias, parlamentares, entidades religiosas e entidades oficialmente reconhecidas como representativas dos trabalhadores. Examinei textos resultantes de estudos a respeito da experiência educativa da Escola Tio Beijo, feitos por alunos do Curso de Pedagogia da UFMG. Discuti informalmente com coordenadores, alunos e ex-alunos, a respeito do rumo que estava tomando a pesquisa. Retornei então à Escola Tio Beijo, onde apresentei algumas conclusões parciais que me permitiram elucidar mais os resultados que obtive com este trabalho.

Ao completar a primeira sistematização, redigi e discuti com outros pesquisadores da UFMG e com trabalhadores da escola os aspectos relevantes de uma conclusão inconclusa. Tal entendimento a respeito dos resultados expressa uma visão minha como autor; no entanto, os protagonistas da experiência demonstraram concordância com as questões relevantes do trabalho. Decidi pela transcrição de falas, muitas vezes longas e aparentemente repetitivas, por acreditar que essa opção metodológica garante que o próprio material coletado explicita, por si mesmo, o que as análises muitas vezes não conseguem revelar.

O material coletado foi extremamente valioso para as análises e continua inesgotável. São textos contendo nar-

rativas e histórias de vida, fragmentos de vivências cotidianas que a cada releitura apontam para um novo conhecimento , revelam um novo gesto, explicitam um novo espaço educativo autônomo.

CAPÍTULO I

CAPÍTULO I

O COTIDIANO DOS TRABALHADORES E OS CUIDADOS COM SUA EDUCAÇÃO

1. O SUJEITO-TRABALHADOR NO SEU "FAZER" ESPECÍFICO

A multiplicidade das experiências vividas pelo trabalhador ocorre na sua situação de oprimido e, explorado quando permanentemente busca satisfazer suas necessidades existenciais.

Nas vivências cotidianas, no enfrentamento das opressões e da exploração é que emerge um conjunto de práticas que constituem um movimento caracterizado pela busca incessante de emancipação. É importante explicitar que por necessidades existenciais entendo não só as empíricas e imediatas, mas, principalmente, as decorrentes de interesses orientadores básicos. Isto é, interesses identificáveis como o farejar, como a busca permanente dos benefícios materiais, sociais, psíquicos e culturais que impulsionam os trabalhadores à solução de seus próprios problemas. Tais interesses, por sua vez, ao orientarem o conhecimento dos trabalhadores levam-nos a enfrentar a dominação imposta pelas condições de trabalho e existência, tanto as decorrentes da vida atrás do muro das fábricas como as de fora dele.

Assim, os trabalhadores criam, permanentemente, formas de luta e de organização no seu cotidiano, onde percebem a fragmentação de suas vidas. Ali, na luta cotidiana, percebem também que para recompô-las é preciso trilhar seus próprios caminhos. Assim vivenciam as mais diversas experiências no seu fazer cotidiano, de onde

de resultam a solidariedade e formas de organização eventualmente convergentes.

Ao enfrentarem as opressões específicas nas ações cotidianas, esses trabalhadores conseguem criar seu espaço vital e essencial para sua existência como sujeitos. Caso contrário, sua vida social sucumbiria. Ali, "em seu efetivo acontecer", THOMPSON (1975, p.39) é que o trabalhador se define como sujeito. Como sujeito, suas experiências nos espaços específicos vão-se cruzando. Deste cruzamento resultam determinadas vivências, como por exemplo os momentos e instantes de liberdade, as vivências de relações no processo de trabalho, vivências do prazer, das emoções, vivências de conflitos entre sujeitos e sujeitos, nas lutas pela melhoria das condições de vida, de moradia, e um aprendizado decorrente das vivências cotidianas do seu processo educativo.

De tais vivências resulta a construção de novos conhecimentos, a descoberta de novos espaços de luta essenciais ao movimento de sua constituição como sujeitos políticos. Em um processo, esses conhecimentos vão também se revelando. Muitas vezes, no entanto, o silêncio tem sido a melhor forma de expressão do movimento. Esse silêncio deve ser lido mais como momento auscultador da realidade do que como manifestação de recuo. Expressa-se, ainda, como eficaz sinal de resistência, que poderá resultar nas formas de luta espontâneas e informais, e outras que ganham uma constituição organizada.

Ainda embutidas nesse processo, outras manifestações desses sujeitos — inclusive pouco reconhecidas ou mesmo silenciadas pela racionalização — vão também se revelando como fundamentais para o movimento libertador que se autoconstitui. Elas é que são as expressões inesperadas, conhecidas como manifestações de emo

ções, sentimentos e desejos. São elas, por sinal, as mais interceptadas pela opressão cotidiana ação do poder que, por um lado, controla o cotidiano do trabalhador e, por outro, o abandona.

Esses sujeitos, no entanto, mesmo sob a opressão mais rígida, vivenciam experiências que desentocam saberes, que inventam o novo, que reinventam a vida e ganham nova impulsão para compreender melhor seu espaço específico. Com isso, e a partir dessas experiências, conseguem alterar suas condições de existência. É então no interior do espaço específico que o sujeito-trabalhador enfrenta opressões também específicas. Dali, onde ocorre o cruzamento de experiências cotidianas, é que, sem dúvida, emergem ações coletivas de sujeitos com interesses afins. No entanto, tais ações coletivas organizadas são eventualmente convergentes. Acho até desnecessário dizer que essas ações não tenderão à institucionalização, nem se deixarão cristalizar enquanto forem autônomas. Serão, isto sim, tão mais descontínuas quanto mais cotidianas forem as experiências dos sujeitos organizados. Nesse processo, a classe se autodefine em seu efetivo acontecer.

Com o fim de atender às suas aspirações a novas formas de vida, e orientado por interesses fundamentais, o sujeito começa a se perceber como tal. E aí, ao se perceber, fareja a possibilidade de apropriação e alteração da realidade ao seu redor. Para reforçar minhas explicações a respeito da existência social e política dos trabalhadores, procurei fundamentos em análises explicativas mais recentes. Dentre outras, vali-me das contribuições seguintes, de Maria Célia Paoli:

"... a produção das Ciências Sociais nos últimos anos rompe com algumas coisas tidas quase como certas e

adquiridas sobre a realidade em que vivemos. Só para se dar um idéia, descobriu-se que o operário brasileiro não é nem nunca foi atrasado e irracional, em bora possa ser conservador; (...) que existe uma burguesia forte e bem plantada nos aparatos de Estado desde os anos 20; que o campesinato brasileiro não é uma sobrevivência, mas uma produção viva deste capitalismo; que a família brasileira não foi apenas a família patriarcal; (...) que a educação brasileira não apenas não educa ninguém, como não inculca ideologia substantiva nenhuma, dada a recodificação operada pelos alunos; que as formas de resistência operária não se fazem em sindicatos, mas se aprendem na própria fábrica. (...) A linha comum destas descobertas parece estar na recusa a considerar as instituições vigentes como tomando todo o espaço da vida social, sejam elas partidos, sindicatos, associações civis ou o estado". (PAOLI, 1982) (O grifo foi meu).

Nesse sentido, o espaço específico no cotidiano se revela como o lugar onde o movimento dos trabalhadores se autoconstitui ao tecer a teia das experiências dos sujeitos. Ali, no seu espaço específico em que acontecem as experiências vividas, interferem também outras, as que denominei experiências narradas.¹

Dessa interseção é que poderão surgir situações novas, muitas vezes expressas por formas conflitivas e desequilibradas. Nessa dinâmica, os trabalhadores criam relações que apontam para a perspectiva de alcançarem aqui e agora, através de novas experiências, os instantes de sua liberdade. Tais instantes acontecem caracteri

zados pela possibilidade da autonomia e, ao vivenciar esses instantes, em que expressa as formas autônomas, a classe engendra um movimento organizado que passa a ter para os sujeitos-trabalhadores um significado vital, isto é, uma vivência processual de sua emancipação.²

Ainda importa evidenciar que assim os trabalhadores, enquanto sujeitos, expressam por múltiplas formas as vivências do seu espaço específico. Ali irrompe um processo de apropriação e compreensão sobre o seu "fazer-se". Do referido cruzamento das experiências cotidianas resultam aprendizados cujas manifestações revelam a identidade do sujeito-trabalhador nas suas ações. Mais: reconhecendo-se como tal, ele reproduz a vida, altera suas formas de resolver problemas e cria novas formas de existir que o personalizam e lhe dão identidade.

No seu fazer específico, o movimento se autodetermina e se constitui historicamente. Com isso, nas experiências vividas e narradas, de onde vem a impulsão a novos interesses, é que se vê a emergência desses sujeitos trabalhadores em um movimento vivo. Movimento vivo exatamente por expressar-se divergente, descontínuo, surpreendente e, antes de tudo, por ser cotidiano. Pois o sujeito-trabalhador, no seu "fazer-se", expressa a vida pelas mais estranhas formas, revela a descontinuidade nas ações e inventa o silêncio como forma de expressão. Assim ele se faz, fazendo o seu cotidiano.

2. AS RUPTURAS E O FAZER COTIDIANO DOS TRABALHADORES

A literatura tradicional até pouco tempo atrás constituía a única fonte e o único referencial para se analisar e entender o movimento dos trabalhadores. As análises que por muito tempo vêm produzindo uma imagem vir-

tual e em negativo do trabalhador têm também, em grande parte, considerado seu movimento fundamentalmente como decorrente de fatores estruturais e econômicos. Tais análises têm percebido no movimento somente aquelas ações dos trabalhadores que representam uma resposta comportamental condizente com os seus modelos preconcebidos. Segundo seus defensores, os fatores econômicos determinam fundamentalmente a constituição dos trabalhadores como classe. Nesse sentido, eles não são concebidos como sujeitos, pois dependeriam das condições objetivas para que se manifestassem como classe em si.

Nas evidências das concepções tradicionais o trabalhador não é capaz de se perceber, por ele mesmo, como sujeito de sua própria libertação. Pelo contrário, à sua classe estaria reservada a tarefa da emancipação da sociedade. E como? Tal emancipação só ocorreria por uma mediação, que se traduz pela força imantadora vinda da ação dos intelectuais e do partido. Estes levariam, assim, a ciência da política para dentro da classe, visto que sozinhos os trabalhadores somente chegariam a uma consciência associativa. E esta seria caracterizada pela participação nos sindicatos e associações dos próprios trabalhadores. Para ilustrar esta discussão achei esclarecedoras as afirmações seguintes, de Hamílton Faria:

"A literatura tradicional sobre o movimento operário, apesar de suas contribuições, dados o tempo e lugar em que estão inscritas, tem partido de conceituações objetivas de classe, de determinações estruturais. Por outro lado, é comum atribuir predicados à classe operária como se ela fosse, a priori, a emancipadora da sociedade como um todo, uma espécie de "Salvador Supremo" da opressão realizada pelo Estado e pelo capital". (FARIA, 1986 p. 30)

Um pouco mais à frente, Faria esclarece:

..."A história de movimento operário não se reduz a uma experiência (a de fábrica, por exemplo), mas é a convergência da existência operária na fábrica, no bairro, na família, nas comunidades, na igreja, nas festas religiosas ou místicas, nas instituições ou fora delas, nas atividades legais e ilegais, econômicas e políticas, etc."

(FARIA, 1986, p.36)

As análises interpretativas tomam, por um lado, fundamentalmente os fatores econômicos e estruturais como único caminho para explicar a luta de classes. Por outro lado, projetam no campo da política uma imagem do movimento dos trabalhadores em que o princípio de unidade sustenta os discursos e ações de grupos que adotam a política da intervenção. Dentro do princípio da unidade é que se movem correntes políticas que tanto elaboram análises conjunturais como programam suas práticas, visando transformar a realidade social. Para tornar sua ação previsível, isto é, programável, as forças políticas tornam o mundo como uma totalidade.

Sustentando-se na suposta unidade do cosmos, a Ciência Política orienta os partidos políticos, organizações e sindicatos a agirem a partir de uma visão quantitativa do mundo social. Nesse sentido, através dos partidos e das vanguardas, instituem o caminho por onde deve ocorrer a chegada ao poder. Conseguem adesão das massas lançando a esperança no futuro. Pela palavra, ocupantes de um lugar social que não o dos oprimidos, os defensores da unidade fazem culto à Razão e até mesmo propagam por tal caminho a edificação de uma nova ordem social e econômica.

As correntes de pensamento que se alimentam do dogma da unidade o têm como um princípio. Isto é: a transformação social ocorreria pela ação de forças organizadas, partidos e vanguardas que orientariam a chegada da classe ao poder. Por outro lado, o discurso da unidade e as teorias que só concebem as transformações sociais como decorrentes das condições objetivas buscam numa visão de totalidade as explicações a respeito do movimento de transformação social. É mais: por esse caminho forma-se um conceito de trabalhador em negativo. Mesmo assim, o trabalhador ainda teria uma chance, a da virtualidade, isto é, a de um dia chegar lá... E quando? Quando as condições objetivas apresentarem suas possibilidades...

Tal concepção só entende a transformação social como decorrente do desenvolvimento das forças produtivas e, em segundo lugar, pela força da Ciência Política que seria levada de fora para dentro da classe. Nesse sentido, de uma visão de totalidade é que nascem e se impõem também os grandes conceitos sob os quais está projetada a sociedade ocidental. No conceito de unidade está sustentada a convenção das ciências; pelo conceito de razão institui-se a ordem social; pela concepção de progresso se organiza e se racionaliza a produção; e pelo conceito de democracia institui-se um poder que promove a consciência e impõe as leis.

Nessa força logocêntrica dos grandes conceitos — de maneira bem explícita, no conceito de unidade — é que se estruturam e se edificam os partidos políticos, se sustenta a organização empresarial e se assentam os Estados e todas as burocracias. Isto por um lado. Já pelo lado dos oprimidos ocorre a mesma lógica, no momento em que seus representantes se cristalizam em instituições nas quais a força do unitário também atua, estabelecendo e ser

vindo de matriz para estruturar e orientar a organização de seus sindicatos, suas associações e, também, os partidos a favor das "grandes causas".

As organizações de trabalhadores, quando são assentadas nos mesmos princípios e na mesma lógica da organização social instituída pelos opressores, ao invés de afirmar as diferenças, de fazer as partes emergirem, de privilegiar o específico, de descrystalizar as hierarquias fortalecem a visão unitária na ação. Confirma-se pela unidade a verticalização do poder opressor que exclui, silencia e tenta abafar um contra-poder sustentado por outra visão, a da ação que abarca as experiências vividas e as acumulações culturais veiculadas pela arte, pela literatura e pelas manifestações inconscientes de suas representações.

É surpreendente o sentimento que se tem ao entrar em um sindicato de trabalhadores. É a mesma sensação de quem está entrando numa empresa. Costumeiramente burocrática, racionalizada e vertical, a situação do sindicato chega ao ponto do próprio trabalhador não se reconhecer como parte dele. Ali está o peso da hierarquia nas decisões e o autoritarismo se manifesta até mesmo na constituição dos "guichês" que separam o trabalhador do trabalhador. Sente-se ainda, pela burocratização, que as relações entre as direções sindicais e os trabalhadores estão mesmo é referendando a existência da hierarquia, o fortalecimento da estrutura vertical e, para completar, fortalecendo o autoritarismo enquanto cristalizam essas formas.

Aqui cabe chamar novamente a atenção sobre as análises interpretativas tradicionais a respeito do movimento dos trabalhadores. Essas análises tomam como material de estudo somente o explícito nas lutas conduzidas e orientadas pelos sindicatos, associações e partidos, des-

conhecendo o específico. Ora, ao tomarem somente o explícito como fonte principal, tomam e confirmam o instituído como o único caminho para se pensar as lutas dos trabalhadores. Enquanto isso, abafam o não-explícito, o não-unitário, e silenciam uma outra história, a história dos vencidos, do não-institucionalizado, enfim do que não se dobrou ao unitário. Castoriadis, na seguinte citação, combate as raízes dessa visão:

(...) "Quando os operários desencadeavam greves selvagens para obter uma pausa para o café de um quarto de hora, sindicalistas e marxistas tendiam a considerar tal reivindicação como trivial ou como expressão do atraso dos operários. Trivialidade e atraso se situavam nos sindicalistas e marxistas. Através da tal reivindicação, os operários questionavam o fundamento da organização capitalista da empresa e da sociedade: o de que o homem existe para a produção. E lhes impunham o princípio de uma organização da produção em torno dos carecimentos e da vida do homem produtor."(CASTORIADIS, 1985, p.64)

Em seguida, Castoriadis aprofunda mais a crítica a essa concepção:

"... Essa cegueira não é acidental; atividade coletiva autônoma e anônima, a luta implícita e informal dos operários não tem lugar na conceitualização tradicional; no plano prático, é "inutilizável" pelas organizações formais, sindicatos ou partidos, inapreensível por essas, não "capitalizável"..."(CASTORIADIS, 1985, p.63)

Seguindo um caminho hoje conhecido por uma prática literária dos que falam em nome de outrem não faltam análises em que intelectuais e militantes se valem, constantemente, do pressuposto das determinações objetivas. Em tais análises os componentes estruturais e econômicos determinam todas as práticas políticas e até mesmo o pensamento dos indivíduos trabalhadores. A partir de um modelo preconcebido, calcado no princípio de unidade e na visão de objetividade, estabelecem parâmetros às verdades da ciência sobre a consciência, sobre a ação política e, inclusive, sobre as verdades normativas da técnica e da produção. Dessa forma, essas análises se processam ocultando e silenciando as formas de expressão nascidas das experiências vividas e narradas já mencionadas mais atrás. E esse ocultamento só tem contribuído com a projeção de uma imagem invertida de classe. Tal imagem, com certeza, só tem ofuscado as possibilidades emancipatórias dos sujeitos trabalhadores.

Sem dúvida, dessa forma essas análises têm levado para a sociedade e, particularmente, para a própria classe trabalhadora, dada a veiculação da sua imagem em negativo, o desconhecimento do movimento não-explicito presente nas práticas cotidianas. E isso pelo fato dele se expressar como não-unitário, descontínuo, paralelo, divergente e alternativo. Em consequência de desconhecimento e negação do movimento não-explicito, as lutas específicas são chamadas de "lutas menores" ou "atrasadas".

No desconhecimento também têm sido colocadas as formas expressivas de autonomia. Aqui reafirmo que a concepção de autonomia que estou evidenciando com este trabalho não germina e nem se expressa no campo do instituído. Pelo contrário, as condições necessárias para o emergir das formas autônomas se encontram no campo fragmentado do cotidiano. No descontínuo, informal e específico

é que está a possibilidade da manifestação da autonomia.

Nesta altura, já se impõe e se faz necessário tecer esclarecimentos sobre o conceito de autonomia, que vem da língua grega (auto-nomos). E, no grego, por nomos entende-se lei, governo. Então auto-nomos significa gover^{no} no de si mesmo, lei de si mesmo. Sendo assim, concebo a autonomia como a capacidade dos sujeitos-trabalhadores criarem seus próprios espaços, onde o movimento cria as condições de sua autodeterminação. Tais espaços distinguem-se do instituído e se opõem a ele e às forças unitárias, aparentemente convergentes e, acima de tudo, dominantes.

Nessa perspectiva, as análises tradicionais também não reconhecem as formas de autonomia do movimento e, muito menos, a autonomia dos indivíduos em seu "fazer-se" no cotidiano. A força da autonomia se apresenta abrindo formas que se opõem às opressões, quando os trabalhadores se tornam governadores de seu próprio processo de emancipação. Essa concepção de autonomia não permite pensá-la em nenhum momento como forma que se institucionaliza. Pelo contrário, os sujeitos, por um movimento autodeterminado, criam seus próprios espaços, inventam lugares diferentes dos consagrados e se organizam na descontinuidade como uma força autônoma.

Como reforço para esta discussão, quero valer-me do trabalho de Thompson - "Lucha de clases sin clases", em que ele "fere na raiz" as concepções modelizantes, isto é, a visão que institui e elege os fatores estruturais e econômicos como determinantes para a formação da classe:

... "nenhum modelo pode proporcionar-nos o que deve ser a verdadeira formação da classe em uma determinada etapa do processo. Nenhuma formação de classe, propriamente dita, da história é mais verdadeira ou mais real que outra, e classe se define, a si mesma, em seu efetivo acontecer".

(THOMPSON, 1975, p. 39).

Voltando um pouco atrás, retomo o fio da discussão a respeito da unidade. Estamos habituados a não nos perguntarmos quais são os fundamentos que estruturam as teorias tradicionais em evidência. Estamos, da mesma forma pouco habituados a investigar os sustentáculos sobre os quais se encontram os grandes conceitos amplificados no princípio da unidade. Como, por exemplo, entender e explicar que as concepções da Europa Ocidental conseguiram, desde as colonizações, submeter diversos povos das mais variadas raças à lógica e racionalidade do modelo capitalista?

É desnecessário, aqui, uma resposta formal, mas é necessário dizer, novamente, que os grandes conceitos apontados anteriormente encontram-se embutidos na cultura ocidental. E, por uma cadeia de forças, eles estabelecem princípios, criam leis e organizam a produção. Nesse sentido, processa-se uma linha de montagem que subordina as mais diferentes personalidades, portadoras de muitas e diferentes experiências vividas, a uma mesma lógica, a lógica do ter mais. Assim, estas concepções conseguem, ainda hoje, submeter raças, crenças e culturas a gestos idênticos, calcados na racionalidade de um processo de produção que tenta ocultar todas as diferenças.

Estruturando e sustentado por grandes conceitos, o Ocidente só consegue pensar, segundo Jacques Der-

rida, pela visão embutida no Logocentrismo, cuja saída, de acordo com o autor, está na sua desconstrução. Aqui, são importantes as observações de Jair F. dos Santos, quando analisa a força da "besta" chamada Logocentrismo:

(...) "No centro da cultura e da filosofia ocidentais está o Logos, isto é, o espírito racional que fala, discurso. O Logos é a razão e a palavra, no sujeito humano, transformando as coisas em conceitos universais. (...) O Logocentrismo acaba com as diferenças entre as coisas reais ao reduzi-las à identidade no conceito".

(Santos, 1986, p.79).

Para Derrida e para Jair F. dos Santos, a cultura ocidental está atravessada por uma cadeia de grandes conceitos embutida no Logos, que leva o Ocidente a pensar por uma lógica que arredonda e iguala todas as diferenças. Novamente, outras observações de Jair F. dos Santos vêm para ilustrar a análise a respeito da força do Logocentrismo:

(...) "Logos é Espírito, que dá em Razão, que faz Ciência, que promove a consciência, que impõe a Lei, que estabelece a Ordem, que organiza a Produção". (SANTOS, 1985, p. 80).

Portanto, a força dessa cadeia de grandes conceitos maiúsculos" (...) só se promoveu reprimindo e silenciando como inferiores os termos de uma outra cadeia: corpo/emoção/desejo/poesia/inconsciente/acaso/invenção." (SANTOS, 1986, p. 80). E tentam, com isso, silenciar o sujeito-trabalhador, reprimindo sua força e emudecendo a

voz de seu cotidiano.

O princípio da unidade, ao sustentar os grandes conceitos embutidos no Logocentrismo Ocidental, funciona inegavelmente como o pilar sustentador das concepções que atravessam, especialmente, as instituições. Isto pelo lado das forças opressoras, através de suas organizações. Pelo lado dos sujeitos-trabalhadores, essas "maquinas enormes", vão sendo cotidianamente percebidas, compreendidas e enfrentadas. Sendo assim, as experiências vividas e narradas dos trabalhadores vão-se constituindo em qualidades novas no interior de cada movimento específico, onde a forma molecular desconstruindo o cristalizado, hierárquico, desconstrói, acima de tudo, a concepção de unidade. É quando, então, emerge e se apresenta o fragmentado e descontínuo movimento autônomo.

A historiografia tradicional, ao se alinhar também em concepções unitárias para conseguir sustentar-se, toma como principais fontes para análise do movimento dos explorados as lutas conduzidas e orientadas pelos organismos sindicais e partidários, dando credibilidade exclusiva ao movimento explícito. Nessa prática, e com tal concepção projeta-se uma imagem dos trabalhadores que vem colocar no silêncio as expressões do interior do movimento específico e no esquecimento o significado do aprendizado de todas as suas práticas cotidianas. Por acréscimo, ainda rotulam de "pequenas lutas", de "lutas atrasadas e menores" todas as ações que não se encaixam ou não correspondem aquelas orientações. E, com isso, estas concepções só reforçam a instituição que desmemoriza o cotidiano.

Não é minha intenção deter-me nos pormenores da crítica à literatura tradicional sobre o movimento dos trabalhadores. Outros já a fizeram com muita propriedade.

Assim, é desnecessário reinventar a roda. E não são necessárias também outras explicações a fim de percebermos a presença dessa cadeia dos grandes conceitos agindo na estruturação e no controle da vida social. Os termos, os aspectos inferiorizados da vida dos sujeitos estão secularmente silenciados. Todavia, sua força vital permanece guardada no mesmo silêncio, ou melhor, protegida por ele. É como o fenômeno das sementes de trigo que, passando tempos milenares no silêncio e segredo das pirâmides do Egito, conservam todas as suas possibilidades germinativas.

No entanto, com o intuito de aclarar mais esta discussão, procurei valer-me também de trabalhos mais recentes, em que os autores conseguem captar o trabalhador no seu "fazer-se". Dessa forma, abrem uma ação de resgate das práticas específicas, as principais fontes constituintes do cotidiano dos trabalhadores. Este resgate representa, acima de tudo, um momento de ruptura com os modelos tradicionais de análise do movimento.

Os trabalhos acadêmicos dos anos 80 em diante rompem o silêncio. Como que abrindo as portas das "pirâmides" modelares acadêmicas, resgatam as sementes (as especificidades do cotidiano) e revelam a força germinativa do novo, presente nas experiências vividas e narradas dos sujeitos-trabalhadores. Com isso, o referencial das determinações estruturais e econômicas deixa de ser o único caminho viável para se pensar e conhecer o movimento dos oprimidos. Desde então, a possibilidade de se estudar os fenômenos do movimento dos trabalhadores não está mais e somente com a visão tradicional. Pelo contrário, percebe-se hoje a emergência de outras análises interpretativas, que ajudam a compreender o movimento dos trabalhadores a partir das especificidades do seu acontecer histórico. Aqui parece-me importante e esclarecedora a observação de Maria Célia Paoli:

"Tudo isso pode ser pequeno, descontínuo, fragmentado, mas certamente não é banal. E não é banal pelo menos em dois sentidos importantes: primeiro, se se pode ver nestas "pequenas lutas" a classe em formação, na medida em que inaugura um tempo coletivo de elaboração de suas experiências comuns — ou seja, propõe um tempo político em que os trabalhadores podem se ver como sujeitos de uma dominação específica — certamente isto leva a encarar a própria luta de classes como algo que acontece em tempos descontínuos, divergentes, paralelos e eventualmente convergentes." (PAOLI, p.24-5).

Na perspectiva exposta acima, o cruzamento das experiências do trabalhador no seu fazer cotidiano lhe tornará possível entender-se como sujeito. O homem, como afirma Paulo Freire, "é inacabado e sabe-se inacabado". Por conseguinte, é no interior do movimento específico, e pela força educativa deste movimento, que os trabalhadores farejam as possibilidades de sua emancipação.

É, então, nas vivências do fazer histórico dos trabalhadores, onde também me encontro como profissional da educação, que busco o filão para o desenvolvimento deste trabalho. Pela participação direta na atividade educativa não-formal e pela participação nas lutas por uma educação que interesse aos trabalhadores é que fui constituindo o meu campo temático. Na ação educativa não-formal, portanto detive-me à investigação de questões que ajudam a desvelar os interesses emancipatórios e sua relação com os conhecimentos expressos nos cuidados que um grupo de trabalhadores tem com sua educação. Para isso, privilegiei o espaço educativo não-formal criado por eles mesmos. Mi-

na escolha se efetivou na tentativa de entender a significação desse espaço enquanto possibilidade de criação de novas formas de relação.

Procuro resgatar, no interior do movimento que expressa o interesse desses trabalhadores por educação, algumas práticas de características autônomas. Destas, sem dúvida, é que emana a força impulsiva da emancipação daqueles sujeitos-trabalhadores. Detenho-me, então, principalmente no exame de algumas práticas consideradas relevantes, em que mais uma expressão da autonomia se revela:

- . o processo que resultou na criação de uma escola pelos próprios trabalhadores;
- . as relações que essa escola mantém com organismos institucionais e com associação de trabalhadores;
- . de maneira destacada, as relações dessa escola com a escola oficial;
- . as experiências vividas pelos alunos enquanto sujeitos que no espaço educativo se organizam, criam, se emocionam, vivenciam a liberdade, se solidarizam, produzindo e buscando novos conhecimentos;
- . as experiências dos alunos e ex-alunos enquanto participantes na escola criada pelos trabalhadores e, também enquanto alunos da escola pública;
- . as relações que os ex-alunos e a comunidade mantêm com a escola criada por eles;
- . a legitimidade de uma escola criada pelos próprios trabalhadores e seu significado para a vida da comunidade, uma vez que possibilita a vivência de experiências e seu cruzamento com experiências narradas.

Dentre outros cuidados que tive no desenvolvimento do trabalho, procurei captar nas manifestações os instantes em que a noção de sujeito é reforçada. E isso foi possível pelo exame de práticas cotidianas específicas nas quais o trabalhador se apresenta como sujeito. Ali isso se deu nas mais diferentes formas; como sujeito, o trabalhador manifesta os mais variados interesses fundamentais à sua emancipação. Nesse sentido, procurei destacar neste trabalho dois aspectos em que o espaço educativo específico se caracteriza como um caminho às manifestações autônomas dos sujeitos em estudo:

- a) Os trabalhadores demonstram que por meio das experiências cotidianas criam as mais variadas formas de expressão individual e coletiva, desenvolvem a sociabilidade e a solidariedade, dão vazão às emoções, buscam situações prazerosas e se entendem como sujeitos;
- b) Demonstram esses sujeitos-trabalhadores que nas relações com os opressores também produzem novos conhecimentos, criam as mais descontínuas formas de resistência, aprendem a se organizar e encontram, inclusive, meios para que a opressão não interfira de modo terminal no nível de seus desejos emancipatórios.

Esses dois aspectos constituem um campo em que os sujeitos-trabalhadores farejam as possibilidades de sua emancipação. É nesse sentido que entendo a emergência dos sujeitos-trabalhadores ante as situações incertas do fazer cotidiano e ante os limites impostos pela racionalização institucionalizada da existência.

O espaço da educação não-formal tem sido ignorado pelas análises a respeito do movimento dos trabalhadores. No entanto, esse espaço vem constituindo um campo

específico no qual novas relações se revelam. Das diversas experiências cotidianas — como por exemplo o local de moradia, a saúde, o transporte, o lazer, o trabalho e a educação — é que se constitui o campo fragmentado do movimento emancipatório; porém, cada um com sua emergência e significação própria.

Para reforçar a concepção a respeito das lutas cotidianas, vali-me, novamente, da produção teórica mais recente, já citada neste capítulo. Ali as questões temáticas, ao serem constituídas, têm dado relevância à análise das experiências específicas do cotidiano. Sendo assim, tal visão contribuiu para a constituição do campo temático deste trabalho, e com isso pude perceber e entender o campo da educação não-formal como um espaço importante para se compreender a possibilidade de outras formas definidoras da autonomia. Trata-se de mais um espaço em que também se percebe a emergência do movimento dos trabalhadores que, segundo Maria Célia Paoli, et alii:

"... são sujeitos sociais que se expressam em múltiplas dimensões, com formas de vida própria, estratégias de vida caracterizáveis, definindo-se a cada momento em seu local de moradia, de trabalho, nas suas formas de lazer, religiosidade, de saber". (PAOLI, 1984, p. 129-149)³

A relevância de um flash sobre o espaço educativo específico construído pelos próprios sujeitos-trabalhadores está, para mim, na possibilidade das formas de autonomia se realçarem como imprescindíveis e vitais contra as opressões específicas. Imprescindíveis também no sentido de resgatar tudo que está silenciado, a começar por manifestação do corpo, silêncio, invenção, sentimen-

tos; na possibilidade de resgatar emoção, poesia, inconsciente, desejo, acaso, descontinuidade e autonomia. Esse resgate, sem dúvida, torna-se mais imprescindível ainda quando percebemos o perigo iminente de não se reconhecer mais o homem.

X O espaço educativo não-formal que privilegiei está caracterizado pelo não-controle da parte do poder institucionalizado que vem do Estado. Mas nem por isso, no entanto, esse espaço está de todo isento das influências burocráticas e institucionais. Acontecem nele variadas formas de intervenção institucional inibidoras da vida autônoma dos indivíduos e grupos. Vindas de forças institucionais religiosas, partidos políticos, organismos do Estado e, inclusive, de organismos sindicais dos próprios trabalhadores, essas forças intervêm no sentido de dificultar o caminho por onde o movimento dos trabalhadores se forma e se autodetermina.

Por acréscimo, o movimento ocorrido no espaço educativo específico ainda enfrenta os velhos hábitos e concepções presentes nas práticas hierarquizadas que sustentam formas cristalizadoras de direção. Acabam sempre colocando limites e barreiras, por sua prática autoritária e/ou paternalista. Com isso, dificultam as experiências autônomas dos trabalhadores, cristalizam as relações do poder, verticalizam as decisões e racionalizam o dia-a-dia.

Essas intervenções a que me referi acima, todavia, não conseguem impedir de maneira terminal a descontinua fundação da liberdade que os trabalhadores vivenciam no seu cotidiano. Considerando isso, este trabalho procura resgatar a importância vital das práticas específicas para a constituição do memorial dos trabalhadores enquanto sujeitos.

3. NA TRAJETÓRIA DESCONTÍNUA, OUTRAS RUPTURAS

O campo da educação no cotidiano se tem revelado na minha trajetória como a mais constante descontinuidade. Na especificidade desse espaço sempre circulou minha prática, ora como aluno, ora como profissional da educação, notando-se uma constante interrupção de situações, resultante de choques com estruturas verticais e concepções modelizantes. No desequilíbrio e na descontinuidade, minha trajetória se tem revelado pelo constante farejar de novas formas de vida. Um constante fazer e refazer experiências.

Como filho de camponês, aluno de escola pública, no terceiro ano primário fui, sem saber e sem querer, mais um dos premiados com o carimbo de "evadido", manchando, provavelmente meu primeiro documento escolar. Naquele momento, devido ao pouco interesse pela escola e ao imperativo ao trabalho na agricultura (uma exigência do pai), a escola me perde, e lá está o ex-aluno, o evadido, na sua primeira ruptura; só que sem guerra, sem discurso, mas trazendo o silêncio como a possível expressão de resistência àquela situação.

Afastado do processo educativo, somente retornei ao banco de escola aos vinte anos de idade, quando já me encontrava vestido de "guerreiro" no serviço militar "em defesa da Pátria". Após a saída do Exército, fui bancário e empregado no comércio. Nesse espaço, permaneci pouco tempo até que novos interesses impulsionaram-me na busca de outros desafios. Foi quando tive duras experiências, na tentativa de conjugar e conciliar as vivências do campo do trabalho com as da situação de aluno. Aqui, novas desistências do espaço escolar como aluno ocorreram e outras tentativas na demanda de novas formas de vida alcançaram seus momentos.

Por uma situação contingencial ainda bastante obscura para mim, logo pelo início da década de 60 fui para o seminário de adultos na ordem dos Franciscanos. Ali passei por uma substancial mudança de vida, com a retomada do processo educativo de maneira mais estável, agora como seminarista. Abriu-se, com isso, um espaço novo. Pelas experiências vividas ali, a recuperação de minha trajetória como sujeito que se percebe e se conhece como tal começou a ter uma vital significação: o interesse que orienta a busca ininterrupta de outros caminhos para a libertação.

Aquele espaço, mesmo sendo institucional, possibilitava a reflexão a respeito das experiências vividas no meu cotidiano. Possibilitava, também, o conhecimento das experiências sistematizadas, desde as mais dogmáticas às mais empíricas. Com estudos da História da Igreja, com as especulações filosóficas, estudos de Sociologia e Teologia da Libertação vim a ter, por um lado, maior possibilidade de perceber os problemas cruciais de nossa época. Por outro lado, os referenciais teóricos para entender-me nessa situação se sustentavam nas concepções modelizantes e ortodoxas. Com as situações conflitivas que sempre afloram em todas as relações cotidianas, tornou-se insustentável minha permanência no seminário. E aqui outra ruptura se evidencia pela recusa à vida institucional religiosa.

Nessa nova situação, logo assumi outras práticas, buscando agora os caminhos da militância política. Com isso, desenrolou-se uma "grande militância", tanto no campo do trabalho como profissional da educação quanto no espaço específico das manifestações populares. Nesse processo, sempre ocorreram conflitos causados pela ausência de sintonia entre as vivências cotidianas e a execução de programas que visam à "conscientização e organização" dos trabalhadores.

Devido às novas formas de existência difusa e descontínua, ocorre o cruzamento das experiências vividas e narradas, resultando no mais descontínuo camponês, aluno, ex-aluno, defensor da Pátria, militante na Igreja e na política, profissional da educação e, novamente, estudante. Processa-se aqui, inevitavelmente, um desequilíbrio significativo decorrente da descontinuidade da minha trajetória no espaço específico. Tal descontinuidade, portanto, aparece como fundamental para que ocorram outros conhecimentos e uma aprendizagem que sempre impulsiona à vida. Com isso, me vi novamente orientado por interesses que me levaram à busca da reflexão e teorização sobre minha trajetória e prática educativa. Foi quando me empenhei na tarefa de recuperar um momento da minha prática e elaborar este trabalho.

Este pequeno resgate memorial representa para mim um ponto de partida, mas, também, o descortinar de minha trajetória como sujeito-trabalhador. Isto de um lado. De outro, representa a tentativa de se puxar o fio da história do cotidiano dos trabalhadores, no sentido de resgatar o espaço da educação não-formal como lugar específico fragmentado e descontínuo. E, pelo fato de o espaço da educação não-formal ser assim tão descontínuo e tão cotidiano podemos caracterizá-lo como também imprescindível à emergência do movimento dos trabalhadores como sujeitos de sua própria história.

Durante um bom tempo, venho trabalhando como profissional da educação no espaço não-formal. Participei junto a associações comunitárias, através de instituições públicas, de propostas de educação não-formal. Atuei em demandas por um tipo de escola em que os trabalhadores pudessem decidir o que lhes interessa no processo de aprendizagem. Tenho participado também, na Região Industrial

de Belo Horizonte e Contagem, de estudos e manifestações que visam buscar o fortalecimento de projetos de educação criados e dirigidos pelos próprios trabalhadores. Ali tenho percebido e pensado o espaço da sala de aula na educação não-formal como um lugar que privilegia o cruzamento das experiências.

No sentido de contribuir com a revelação de novos espaços do cotidiano é que considero importante esta dissertação. Isso porque ela busca resgatar e ajudar na elaboração do memorial histórico dos sujeitos-trabalhadores. Assim como afirma Hamílton Faria, "a memória é um elemento de subversão de valores e de constituição de identidades..." (FARIA, 1986, p.12).

Num espaço como a escola criada pelos próprios trabalhadores aumenta-se a possibilidade das experiências se cruzarem. E, considerando a forma como anteriormente anunciei o cruzamento das experiências, é desnecessário afirmar que ao colocar em evidência o espaço da educação não-formal o concebo e o aponto como campo em que está em gestação a pedagogia do trabalhador.

A importância deste trabalho se impõe, também, pela teia das memórias que registra num tempo descontínuo e pelas possibilidades que traz quando elas forem lidas, estudadas e refletidas. Nesse sentido, ao se apresentarem como experiências narradas, com certeza cruzarão com experiências de outros sujeitos em um processo educativo emancipatório.

Notas

1 Experiências vividas e experiências narradas:

. Por experiência vivida entendo a prática dos indivíduos em espaços fragmentados do cotidiano. Expressa-se em tempos descontínuos, divergentes em situações conflitivas e eventualmente convergentes. Ali os indivíduos vivenciam instantes e situações de sua autoconservação. Manifestam afetividade; emoção, desprazer e prazer. Enfim, eu a entendo como a prática intensa da vida.

. Por experiência narrada entendo os conhecimentos sistematizados explícitos, acumulados historicamente pela Humanidade. Deve-se entender também por experiência narrada o silencioso memorial não-explicito, descontínuo, inescrutável muitas vezes, mas já emergente no cotidiano.

2. Emancipação:

Situação infinita, ininterruptamente prazerosa que todos os indivíduos farejam e, a partir daí, edificam uma história para alcançá-la aqui e agora.

3. Faço indicação da leitura de todo o texto citado para maior compreensão a respeito das análises sobre o movimento dos trabalhadores brasileiros.

CAPÍTULO II

CAPÍTULO II

NAS RAÍZES DA HISTÓRIA

1. NO SILÊNCIO, A CONSTRUÇÃO DE UMA OUTRA HISTÓRIA

Quem tomar o silêncio como algo estático corre o risco de sempre perder o metrô. O veículo sai como que deslizando e suas portas se abrem e se fecham rapidamente, e em silêncio. Se nossos recursos para perceber forem somente a forma, o movimento explícito e os ruídos, poderemos ficar, muitas vezes, "a ver navios". Igualmente captarão pouco das transformações sociais aqueles que considerarem o conflito entre as classes como o único fator de mudança.

O silêncio poderá estar gestando momentos históricos significativos e vitais para as pessoas. Na aparência da calmaria de uma nação, de uma comunidade, estão as pessoas se entendendo e desentendendo, se organizando e desorganizando. Seus interesses, ao mesmo tempo que impulsionam para a conquista de uma nova vida, cuidam do momento e de como voar mais seguramente para conseguir agarrá-la.

A história do dia-a-dia dos trabalhadores da Região Industrial de Contagem tem-se desenrolado de maneira muito rica; porém, não se ouve ali todos os sons de suas lutas e nem se percebe todos os movimentos de sua história.

A sociedade brasileira tem-se caracterizado, em suas relações, pelas formas repressoras, especialmente sobre os movimentos libertadores. Desencadeia-se uma ação repressora sobre tudo que desestabiliza, sobre toda prática dos trabalhadores que ameaça descrystalizar e descons-

truir o institucionalizado. Assim pesa sobre a grande maioria dos trabalhadores uma situação de abandono que reflete as condições de saúde, moradia, educação e liberdade dos principais produtores das riquezas desse país. De maneira especial, é preocupante a situação de abandono a que chegou a educação das camadas oprimidas em todos os estados da nação. Não é necessário aqui tocar na questão da qualidade do ensino dos trabalhadores. Basta, simplesmente, olhar o índice de analfabetismo no Estado de Minas Gerais (mais de dois milhões e meio) e lembrar que de cada 100 crianças 60 são reprovadas, devido a causas já bem conhecidas.

Não precisamos ir muito longe para entendermos que tanto a situação de controle como a de abandono são situações decorrentes de sociedades como a nossa, que criam uma série de necessidades para as pessoas e até as orientam para aceitar a realidade sem contestação. É com esse mecanismo e outros que o mundo capitalista tem conseguido êxito e estabilidade. Em todos os níveis da vida social, as relações capitalistas se têm manifestado de forma opressiva. Isso se revela ainda mais fortemente quando os capitalistas têm que enfrentar um proletariado que sempre reagiu às opressões, ora com o silêncio, ora com mobilizações de enfrentamento. A sociedade capitalista estabelece ali uma concepção que ainda coloca como chave para solucionar todos os problemas as necessidades econômicas. Castoriadis contribui para esclarecer isso, quando afirma:

"Toda sociedade cria um conjunto de necessidades para seus membros e lhes ensina que a vida não vale a pena ser vivida e mesmo não pode ser materialmente vivida a não ser que estas necessidades sejam bem ou mal "satisfeitas". Qual é a especificidade do capitalismo quanto a isso? Em primeiro lugar, é que o capitalismo

só conseguiu surgir, manter-se, desenvolver-se, estabilizar-se (apesar de e com as intensas lutas operárias que dilaceraram sua história) colocando no centro de tudo as necessidades econômicas.

... Em segundo lugar, pois, o capitalismo conseguiu criar uma humanidade para a qual, mais ou menos bem ou mal, estas "necessidades" são, aproximadamente, tudo o que conta na vida. E, em terceiro lugar... estas necessidades que cria, o capitalismo, bem ou mal e na maior parte do tempo, consegue satisfazê-las... A quinilharia aí está, as lojas estão repletas — e basta você trabalhar para poder comprá-la. Basta ser bem comportado e trabalhar que você ganhará mais, subirá, comprará mais e tudo bem. E a experiência histórica está aí para mostrar que, com algumas exceções, a coisa funciona..." (CASTORIADIS, 1981, p. 20).

Nessa situação, no entanto, a realidade fica insuportável, e a melhor resposta dos trabalhadores à opressão é a organização. Cada indivíduo se mobiliza em busca da satisfação das necessidades existenciais. Nessa busca, ajuntam-se temporariamente uns aos outros e criam formas de organização que se evidenciam dentro das condições históricas que favorecem novos avanços. Tomam decisões coletivas, quando determinados interesses específicos, mesmo na relação opressiva, indicam possibilidades de mudanças, acenam para novos conhecimentos. Qualquer demanda em conquista de um bem é expressão do interesse por novas formas de vida. E qualquer forma de luta dos trabalhadores diante do controle ou abandono social é so resposta ao estado insuportável de vida imposto pelos opressores.

Enquanto as fábricas crescem, crescem também os bairros e novos povoados se formam. Nesse processo estão presentes por um lado, os problemas do cotidiano decorrentes da má qualidade de vida a que estão sujeitos os trabalhadores; por outro lado, muito silenciosamente e sem pressa nesse seu fazer-se, os trabalhadores edificam sua história.

Fazendo parte desse processo, e também no silêncio, está sendo constituída a história da Escola de Produção Tio Beijo. Para se entender a respeito da existência dessa escola é necessário puxar um fio da história que nos levará às origens do bairro Lindéia, onde ela nasceu e se legitimou. Entender um pouco da história do bairro Lindéia representa um caminho mais seguro para se chegar a compreender o interesse e os cuidados que os moradores têm com sua educação. É compreender também que junto às lutas por melhoria (saúde, habitação, transporte, etc.) já estava presente, desde os primeiros momentos do bairro, uma demanda específica por educação.

1.1. - Contextualização do Bairro Lindéia

Como as pegadas dos animais não desaparecem, segundo a arqueologia, nem mesmo com o tempo, muito menos desaparecem com guerras e tempestades as marcas memoráveis de lutas muito significativas para enriquecer a emergência de uma outra história. Os registros das lutas dos trabalhadores por escola são poucos. Contar com o esforço da memória dos figurantes da história do "tempo de agora" é deveras desgastante, mas extremamente fascinante. É assim que, com o esforço da memória dos moradores mais antigos do Lindéia, e com a ajuda de alguns valiosos registros documentados, tentaremos resgatar um pouco da sua trajetória o que ajudará no propósito de reconstruir a histó

ria da Escola de Produção Tio Beijo.

No local onde hoje está o bairro Lindéia havia uma grande fazenda, cujo proprietário foi Washington Pires. Nos arredores dessa fazenda, ainda em 1963, havia alguns moradores que já nessa época se organizavam, criando um grupo de mais de 50 pessoas, através da estrutura dos Vicentinos que, por sua vez, já estavam atuando na região. Segundo alguns moradores mais antigos do bairro, a necessidade de atuar organizadamente mais tarde apareceu. Uma violenta especulação imobiliária estava ocorrendo na Região Industrial. Devido à criação da Cidade Industrial de Contagem, na década de 50, aumentou sensivelmente, o interesse por um lugar próximo às fabricas.

Foi quando, em 1966 e no início de 1967, a Imobiliária Sancruza comprou a referida fazenda, loteou-a, mesmo sem a devida aprovação da Prefeitura de Belo Horizonte, e sem nenhum sinal de demarcação das ruas e praças. Mesmo nessas condições, em seguida a Prefeitura de Ibirité aprovou o loteamento, a pedido da Imobiliária, o que criou sérios problemas e lutas da população para retornar à jurisdição de Belo Horizonte. Naquela época não havia no local nenhum serviço de infra-estrutura urbana. Apesar disso, em 1968 operários moradores das cidades próximas, atraídos pela implantação de fábricas na região, ocuparam a área. Um pouco mais tarde, vieram em massa para o Lindéia os favelados da antiga Vila São Vicente. Fala um morador dos primeiros dias do bairro:

"Eu cheguei para cá em 1968. Mudei pro bairro Lindéia no dia 8 de junho de 1968. Eu vim de Acesita, mas já tinha dois anos que eu já estava aqui na Cidade Industrial. Eu trabalhei na Acesita nove anos, e vim para cá com o ideal de construir um lugar para a gente morar. Quan

do nós chegamos aqui, só tinha mesmo os lotes. Nem ruas abertas não tinham; não tinham escolas, não tinha água, redes de esgoto, nem energia elétrica. Era uma dificuldade total".

(Entrevista realizada em 02 de outubro de 1986 com o Sr. Manoel).

Essa situação foi motivo suficiente para a população recém-chegada se organizar a fim de reivindicar infraestrutura ao Prefeito de Ibitaré e aos políticos que moravam na região. Chegaram a ajuntar-se em 1969 muitas pessoas que, lotando um caminhão, foram à casa de um deputado reivindicar melhorias para o bairro. Esse deputado pouco ou nada fez. Só se sabe que em 1970 chegou luz somente em três ruas do bairro.

Havia ali, nessa realidade, uma série de interesses que levaram as pessoas a se entenderem. Uns reuniam-se como Vicentinos e, inclusive, agiam enquanto tal na mobilização para a melhoria na habitação. Outros atuavam formando grupos e pequenas comissões com tarefas específicas que mais tarde se ampliaram, englobando lutas por educação, transporte e outras melhorias. Desse grupo originou-se o Conselho de Moradores do Bairro Lindéia, que foi criado em 1975, e que tinha como objetivo fortalecer e direcionar o movimento dos moradores na busca de solução para esses problemas. Mais tarde, em 1978, esse Conselho transformou-se em Associação Comunitária do Bairro Lindéia, permanecendo como tal até os nossos dias.

Outros moradores, buscando formas "mais seguras", dado os "anos negros" (1969), acharam que a saída, também, seria trazer a Igreja Católica para o bairro e tê-la como seu escudo. Porém, nem sempre está presente o "dedo de Deus" na história dos homens. Ali estava presente o interesse e a vontade de emancipação de muitos trabalhadores.

Procurar o escudo da Igreja naquela situação e naquela época, por um lado, fortalecem a luta existencial, e, por outro, resguardou suas formas de agir nos momentos de manifestação de seus interesses como indivíduos.

Uma outra fala do mesmo antigo morador expressa a incansável busca de novas formas que o trabalhador precisa criar para conseguir seu intento nas lutas do dia-a-dia:

"A minha preocupação naquele tempo era unir o pessoal, uma vez que o regime estava exigindo muito da gente; então a gente tinha que ter muito cuidado no trabalho, não podia fazer uma reunião para discutir. Então a gente viu que o importante era começar pela Igreja, talvez seria uma forma mais fácil. Inclusive, eu tomei essa opinião quando fui procurar o moço que mexia com loteamento. Ele falou: aqui no bairro tem o terreno para a igreja, mas o terreno só pode ser entregue para o padre ou alguma pessoa que pertença a Igreja. Então achei que a idéia era essa mesmo: reforçar essa idéia da Igreja e haverá uma melhor possibilidade de reunir o pessoal".

(Entrevista realizada em 02 de outubro 1982).

Dessa forma, ele se juntou a mais cinco, a mais 10 trabalhadores. Criaram o grupo de Vicentinos. Ajuntaram-se mais de 150 pessoas, sem que para isso fosse preciso haver algum partido à frente. Foram às autoridades e políticos cobrarem promessas. Estabeleceram uma relação com a Igreja bem num estilo de pacto. Por um lado, a Igreja como instituição implantou ali seu projeto, e os trabalhadores, por outro lado, utilizaram de todos os meios para encontrar sua trilha na demanda de uma nova vida.

Essas formas, no entanto, não se cristalizam; vigo-ram-se e se renovam na medida em que vão rompendo os limites do desejo. Nesse processo, novas formas e novos meios de solucionar problemas vão sendo criados, na medida em que novos interesses vão sendo perseguidos. E assim, a Igreja, mais tarde, foi chamada.

No bojo desta história estava presente um trabalhador cujo nome a Escola de Produção teve a honra de receber.

"Seu" Benjamim Garcia, "Seu" Beijo, Tio Beijo são as formas carinhosas de tratamento dadas a ele, um desses batallhadores imbatíveis da comunidade do Lindéia.

Tio Beijo era um vicentino ardente, antigo morador da região e fundador de várias conferências¹ da redondeza. Canalizava toda sua energia para um trabalho dentro da estrutura da Conferência de São Vicente em benefício das melhorias da comunidade. As pessoas do bairro reconhecem nele cuidados relevantes com a formação da juventude trabalhadora do bairro. Tio Beijo gostava dos jovens. Procurava a juventude e se completava com ela. Mesmo através do trabalho vicentino, integrava sua ação à dos jovens, numa escola em que se preparavam para as lutas da vida. Muitos moradores novos e velhos, quando discutem sobre seus problemas, sempre evocam exemplos de lideranças e lembram as célebres palavras de Tio Beijo, gravadas na memória da comunidade: "o velho sabe, o jovem pode". (ASA, 1985, p.44)

Tio Beijo ajudou na constituição do grupo "Conquista Jovem", por volta de 1974. Mais tarde, o grupo se ampliou e tomou o rumo do Teatro Popular. Escreveram várias peças e as encenaram em praça pública. Os temas das peças eram os de sua própria realidade. Eram os atores: metalúrgicos, comerciários, domésticas, pedreiros, encenando temas de suas próprias vidas. Suas peças mais significativas

e de maior repercussão na região são: "Sofrimento do Lavrador", "Brasil, Campeão de Acidentes de Trabalho" e "Natal Propaganda", tendo esta última sido impedida de ser levada ao público pelas autoridades policiais da época. Em 1979, esse grupo — junto com mais 17 das comunidades da Região Industrial — promoveu na Praça da Cemig um importante festival que marcou época, inclusive tendo a presença da imprensa e da polícia (que nunca falta às manifestações dos trabalhadores). Ainda hoje o grupo é atuante na comunidade.

O interesse pela presença da Igreja na comunidade efetivou-se em 1972. Na fala de participantes dos grupos e comissões, nota-se que estes e também a população sempre esperavam que a Igreja trouxesse nova vida ao bairro. Nova vida significa reacender a esperança de criar condições para que os moradores se organizem em prol das lutas pelas melhorias.

O bairro até hoje não tem áreas de lazer. Há uma pequena praça, construída recentemente, próxima ao Centro Comunitário. Não há cinema, nem mesmo nos bairros vizinhos. A infraestrutura urbana ainda continua precária, pois a pavimentação só atingiu as ruas principais e algumas secundárias por favores de políticos a cabos eleitorais. O transporte coletivo também é precário, o que não é nenhuma novidade, pois estamos falando da realidade das periferias de Minas Gerais, e na Região Industrial de Belo Horizonte e Contagem. Por parte dos poderes públicos, não se vê nenhum benefício na área cultural, de lazer, ou de recreação.

O comércio tem sua precariedade, não fugindo, inclusive, das características do comércio de bairros pobres de Belo Horizonte. Há um acentuado número de galinheiros (comércio de galinhas) pelo centro do bairro. Nota-se,

também, uma frequência grande de criação de galinha nas casas e plantação de várias hortaliças. A criação e engorda de porco também tem o seu destaque, principalmente nas partes periféricas do bairro. Muitos botecos e bares maiores estão espalhados por todo o bairro. Ao final da tarde e nos fins de semana, os botequins são uma das poucas alternativas de lazer, com o bilhar, o fliperama e, em outros, o baralho.

A partir de 1983, teve início uma atividade comunitária de criação de cabras, sob assistência e orientação do Projeto Metropolitano da UFMG. O Projeto encaminhou à comunidade, inicialmente, 18 matrizes; alguns meses depois, esse número passou para 40, dada a grande aceitação e o interesse da população na época. No início deste ano (1987), segundo "Seu" José, um dos moradores responsáveis pelo projeto na comunidade, o trabalho já conta com mais de 150 matrizes de raça pura.

No começo de 1986, o mesmo Projeto Metropolitano introduziu ali a criação de coelhos para abate. Essa produção é recolhida por uma cooperativa vinculada ao projeto e localizada na Ceasa. Tudo isso foi conquistado por meio de um processo de lutas, para o que houve a criação de comissões, abaixo-assinados, caravanas. A comunidade conta ainda com um Posto de Saúde, serviço de psicologia, biblioteca popular, creche, serviço dentário, salão de artesanato, escola de 1º e 2º graus e a Escola de Produção Tio Beijo.

1.2. - O Embrião da Escola de Produção "Tio Beijo"

Foi a partir da chegada do padre na comunidade, em 1971, que veio a necessidade da construção da Igreja. Por volta de 1973/74, comissões e grupos criados para en

caminhar a construção deram início aos chamados "cursinhos profissionalizantes". Quanto à importância da Igreja, podemos dizer que por diversos motivos os moradores queriam a presença dela na comunidade. Uns queriam-na como salão comunitário, idéia que agradou a "gregos e troianos". Segundo eles, ali daria para rezar, para se reunir em busca de solução para os problemas, enfim, para festas, teatro, "escolinha"² etc. Outros queriam mesmo uma igreja com sino batendo e tudo mais.

Acabou que as vontades e possibilidades estavam mais para a construção do Centro Comunitário e a população na época, se uniu em torno da construção desse Centro. Para isso, criaram formas organizatórias que se destacaram e que são relevantes como elementos de auto-educação. A constituição das comissões, grupos, caravanas de pressão aos políticos, a prática do mutirão e a criação de cursos profissionalizantes foram as formas de organização mais evidentes no início da história da Escola de Produção Tio Beijo.

Como a população decidiu pela vinda da Igreja, com a presença de um pároco, caberia à comunidade enfrentar a construção de um local para as atividades que respondessem a seus interesses. Já era prática daqueles moradores resolver seus problemas coletivamente. Inclusive a conquista de um padre para o bairro passou por articulações com a Pastoral da Região Industrial, quando então fizeram pressão ao Bispo para conseguir um pároco. A fala de um morador é esclarecedora nesse ponto:

"Todo primeiro sábado de cada mês a gente se reunia com o pessoal da Pastoral e colocava os problemas. Tivemos a felicidade de ver que o Padre Miguel tinha a mesma ideia da gente, pelo menos em muitas

partes. E nós colocamos para ele que para reunir o povo só através da Igreja".
(Entrevista realizada em 5 de set.1986)

Já havia um terreno destinado à Igreja, mas era necessário um representante seu no local, para se responsabilizar e tomar conta da referida área e criar um trabalho pastoral. Por aquela ocasião, a prática do mutirão estava bastante popularizada, e foi no momento da construção da igreja que os moradores vieram a utilizar mais essa forma de trabalho coletivo.

Nessa mesma fase, o desenvolvimento das lutas dos trabalhadores em resposta às situações de opressão ampliou formas coletivas para resolver seus problemas do cotidiano. Essas formas, coincidentemente, fazem parte das propostas da ala mais avançada da Igreja. Na época, é bom lembrar, a Igreja Católica estava alterando seus métodos. Inovava sua prática, tornando-se menos assistencialista e mais voltada à participação.

Coincidentemente, a década de 70 se caracteriza, no movimento dos setores oprimidos da sociedade brasileira, pela experimentação e pelo desenvolvimento de teorias que enalteciam a ação participativa. A população do bairro — juntamente com o padre — organizou grupos para levantar a construção. No dia-a-dia, entenderam que havia um campo de aprendizagem vinculado à prática do mutirão.

Ao serem criados os cursos de pedreiro e carpinteiro, estava em jogo uma série de interesses, tais como: resolver o problema da falta de dinheiro para a mão-de-obra, aproveitar os recursos financeiros da Secretaria do Trabalho para ministrar os cursos, deixar fluir as formas de cooperação e garantir o aprendizado de uma profissão. Temos em seguida a fala de um morador e par-

participante do mutirão na construção da igreja. Esta fala reforça a presença dessas preocupações na luta cotidiana. Assim o referido morador se expressou:

"... Antes de ter uma escola mesmo, começou há muito tempo atrás alguma coisa. Por exemplo: na construção da igreja o pessoal começou a se unir para trabalhar lá, porque a igreja foi feita através de mutirão. E com isso, para levantar as paredes, quando não tinha dinheiro, começou a se pensar em curso de pedreiro. Era uma maneira que as pessoas tinham de ajudar e, concretamente, aprender a trabalhar de pedreiro".

(Entrevista realizada em 19 de setembro de 1986, com Roberto).

Como já moravam no bairro trabalhadores e profissionais dos setores de produção e prestação de serviços, já com importante experiência sobre o mundo do trabalho, não faltaram idéias para ajudarem a organizar os cursos de Pedreiro, Carpinteiro e o Curso de Estruturas. Estavam expressos ali, ainda que de forma embrionária, os cuidados que os trabalhadores tinham com a socialização de seus conhecimentos. A fala a seguir também aponta a importância do espaço adequado para a realização de seus desejos na área da Educação:

"... poderia ser um lugar para aquelas pessoas ter um pouco de experiência. Então eu pensei que seria muito bom, inclusive, até na própria profissão da gente, a gente poderia explicar alguma coisa, porque eu estava acostumado a trabalhar com os estrangeiros e eles

têm uma forma de trabalhar assim: o sujeito trabalha na mecânica 10 ou 20 anos e não aprende nem um risco, porque eles fazem no gabarito e dá para fazer mil peças desse tipo para as pessoas. Você trabalha aí o mês inteiro e não aprende a fazer nada, só repetindo a mesma coisa, só colocando o gabarito em cima da chapa e riscando a peça. Isso faz com que a pessoa fique mais escravizada ainda, porque já é sacrificada pelo mecânico e tem medo de sair e encontrar dificuldade. Eu tinha vontade de passar a experiência que eu tenho para as pessoas que são mais carente do que a gente. (...) Então, se a gente fizesse esse centro profissionalizante, a gente poderia passar essas experiências, não só na parte profissional da indústria, mas também na economia doméstica, um corte-e-costura, um bordado e coisas desse tipo".

(Entrevista realizada em 02 de outubro, 1986).

Esse movimento, manifesto nos depoimentos sobre o embrião da Escola Tio Beijo, expressa de modo ainda in ciente a preocupação com uma educação que aponta para a necessidade de uma escola onde os interesses dos trabalhadores fossem traduzidos em conteúdos reais. Isto é, que ajudasse esses trabalhadores a resolver os problemas existenciais. Aponta também para a possibilidade de um processo criativo na aprendizagem. Nega de maneira enfática a atividade repetitiva, robotizada e que escraviza. Fala um antigo morador do bairro e instrutor de pedreiro a respeito dos cursos profissionais já mencionados, que deram origem à Escola Tio Beijo:

"Além da Escola de produção, nós fizemos também diversas obras com esse tipo de mutirão. Como a Igreja Matriz, a gente fez ela através de mutirão e cursos profissionais. Além da gente aprender na teoria e na prática, a gente reservava uma hora todo domingo para bater papo sobre a situação do operário".

(Entrevista realizada com Sr. Roberval em 20 de outubro de 1986).

A fala anterior, a respeito da construção da Igreja, mostra a flexibilidade conseguida no processo de criação dos cursos profissionais, o que consideramos o embrião da Escola de produção Tio Beijo. Esses cursos profissionais funcionavam juntamente com o mutirão para a construção da igreja. Confirma ainda esta forma de atividade coletiva um momento de vinculação entre teoria e prática, bem como o espaço para reflexão a respeito de seus problemas cotidianos.

Os cursos que os entrevistados mencionaram anteriormente ganharam desde o início boa procura por parte dos moradores. Havia, no entanto, uma dificuldade objetiva para sua manutenção e ampliação: a falta de recursos financeiros. Para enfrentar tal situação, a comunidade, através de sua organização, buscou financiamentos e outros tipos de ajuda, inclusive fora do País. Foi quando se organizou projetos de funcionamento dos cursos e se conseguiu verba da Secretaria de Estado do Trabalho de Minas Gerais.

No início, a comunidade só pediu ajuda para esses cursos. Nos anos seguintes, organizaram novamente os "cursinhos" e criaram outros cursos nas áreas de elétrica, calderaria, bem como corte e costura, manicure etc.

O financiamento da Secretaria do Trabalho para esses cursos vem como ajuda ou complemento à implantação de cursos de formação de mão-de-obra de curta duração. Essa iniciativa do Estado recebeu, ultimamente, o título de Programa de Atendimento à População de Baixa Renda. Só pagam uma ajuda ao instrutor, em caráter de prestação de serviços, e dão uma verba insignificante para compra de material de consumo. A duração de cada curso varia de 50 a 280 horas.

Para que uma entidade seja atendida com financiamento desses cursos é necessário haver comprometimento com as forças governamentais ou uma demonstração de forças através da comunidade. No caso, o Bairro Lindéia dependia da demonstração de forças. Ali, o movimento comunitário era, muitas vezes, beneficiado pela presença da Igreja ou, noutros casos, prejudicado. Dependia sempre do tamanho da "paz" que reinasse entre o Estado e a Igreja.

O ponto relevante nessa questão é que as forças atuantes no Lindéia têm conseguido transitar entre os interesses da instituição religiosa e os do Estado, sem deixar ferir sua independência. Principalmente no que diz respeito à questão dos cuidados com a educação, aquela comunidade tem conseguido criar formas de relação na aprendizagem que, longe de simplesmente insurgirem contra a miséria e a exploração, colocam também na educação e no trabalho a possibilidade de uma nova organização da sociedade.

Durante alguns anos, esses cursos funcionaram de maneira precária, no porão da igreja (Centro Comunitário). Esse porão foi o espaço onde teve início a atividade educativa mais sistematizada para o funcionamento dos cursos. Como já vimos, os cursos, desde o início,

constituíam-se por uma parte prática e outra de reflexão sobre a situação dos trabalhadores no local de trabalho, sobre a situação decorrente de moradia e sobre as lutas e memórias históricas da classe. Para que essas atividades se realizassem foi necessária a utilização do referido porão, que oferecia as mínimas condições para isso.

Os moradores em geral consideram os anos de 1974 a 1978 como o período em que a comunidade despertou e avançou em termos de maiores cuidados com a questão da sua educação. As atividades educativas dos "cursinhos" tinham no início um caráter muito prático. Ao lado das discussões sobre os problemas do dia-a-dia, os instrutores e alunos decidiram, depois da construção da igreja, que iriam desenvolver as aulas práticas em barrações construídos na Vila Piratinga, vizinha do bairro, reformando casas e construindo também outros espaços de uso coletivo. Por exemplo, a creche comunitária da Rua Begônia, no Bairro Regina, construída com as atividades dos cursinhos e mutirões.

1.3. - Os Interesses dos Moradores e sua Autoconservação

Os grandes e pequenos movimentos dos oprimidos não podem ser analisados a partir de determinações decorrentes, simplesmente, da situação de vendedores de sua força de trabalho. Isto é: das determinações estruturais e econômicas. As necessidades empíricas, aos serem satisfeitas, não encerram em si só os interesses que as orientam. Os interesses dos indivíduos são múltiplos e decorrem de sua prática integrada. A autoconservação não permite que se entenda a busca de um "bem" simplesmente pela necessidade natural da satisfação imediata. Existe constantemente um interesse em perseguir desafios, em buscar conhecimentos que ultrapassem os objetivos imediada

tos, que só se realizam pela experiência de sujeitos interagindo. Segundo Habermas (1982):

"Verdade é que devemos acrescentar imediatamente que a experiência da autoconservação coletiva fixa já o conceito da pré-compreensão, a partir do qual inferimos privativamente algo assim como conservação da espécie em vista da pré-história animal da espécie humana. Seja como for, uma reconstrução da história da espécie, a qual não abandone o terreno da crítica, precisa recordar-se da base de sua experiência e conceber a espécie a partir do "instante" em que esta não pode reproduzir sua vida senão em condições culturais, como um sujeito que necessita, antes de mais nada e de qualquer forma, de reproduzir como sujeito". (HABERMAS, 1982, p. 299).

Dessa forma, as ações dos trabalhadores, quando reivindicam e lutam por um tipo de escola, é expressão real de interesse por uma nova forma de vida.

Os anos de 1978 a 1983 formam um período marcante quanto às conquistas de melhorias no transporte coletivo, a transformação do Conselho de Moradores em Associação Comunitária do Bairro Lindéia, a criação de escola de 1º grau (5ª a 8ª série), o asfaltamento de algumas ruas principais, bem como outras melhorias já citadas.

Todas as melhorias do bairro foram conseguidas por meio de um processo de mobilização que implicou a organização de abaixo-assinados, caravanas, mutirões e comissões responsáveis por determinadas tarefas definidas

em assembléias. As formas utilizadas se destacavam pelo seu caráter passageiro. Isto é: descobre-se a forma organizando-se. Após ter atingido o desejado, desfaz-se com saldos que impulsionarão os participantes em outros momentos e em outras lutas. O caráter de não-permanência das formas de organização só tem contribuído para a sua não-cristalização.

O período de 1978 a 1983 aparece também como uma fase significativa porque, como já vimos, se estava gestando lentamente a Escola de Produção Tio Beijo, através dos cursos profissionalizantes já mencionados.

No final de 1978, diante de novas dificuldades financeiras para manter os cursos, os padres conseguiram um dinheiro da Espanha. É comum ouvir os moradores dizerem que uma doação de parentes do padre do bairro foi feita. Com essa verba, fizeram a aquisição de cinco pequenos tornos, um esmeril e outras ferramentas necessárias e, com isso, foi criado um curso na área de mecânica (Torneiro mecânico).

Em um processo do qual participam muitas forças comunitárias, uma conquista dentre as derrotas vai desencadeando o interesse por outra e indefinidamente as pessoas vão percebendo possibilidades de avançar mais. A organização do porão como o embrião da Escola Tio Beijo, a possibilidade do dinheiro da Espanha, o entusiasmo dos moradores e do padre com a experiência dos cursinhos e as preocupações de operários em criar sua escola foram suficientes para darem um novo passo.

Reuniram-se, então, muitos dos interessados: Associação do Bairro, Vicentinos, grupos de jovens e muita gente da comunidade que se entusiasmou com a idéia. Vieram dar o seu apoio crianças, jovens e adultos. Discuti-

ram e buscaram novos meios para concretizarem seu intento. Fala um dos criadores da Escola de Produção Tio Beijo a respeito dos cuidados que tem com a educação, manifestados no empenho para criar a escola que lhe interessa:

"Depois que foi dado o curso, o pessoal entusiasmou. Depois de acabadas as partes de baixo e de cima da igreja, foi feito um porão. Aí houve um comentário a respeito de uma escola. Eu comentei com o padre e ele disse: "é interessante essa idéia. Outras pessoas também já falaram nisso". Aí essa idéia foi-se firmando. Então nós fizemos uma reunião com o pessoal e eles acharam que seria muito bom a gente montar uma escola profissional de tornearia".

(Entrevista feita com Roberto em setembro 1986).

Testemunha ainda outro morador, também um dos criadores da Escola de produção Tio Beijo, e professor de Desenho desde o começo até hoje:

Parece que foi em 1982 que começou a funcionar a Tio Beijo. Já havia terminado lá a estrutura do Centro Comunitário e já havia Associação de Bairro. Então já foi mais fácil conseguir recursos nos órgãos que ajudam. E o pessoal se uniu na associação. A gente explicava para eles qual era a finalidade da Escola aqui. Que ia ser uma escola para o povo, realmente. Uma escola que o povo tivesse condições de sentir que era uma

coisa dele e vem considerando assim até hoje".

(Entrevista realizada em 02 de setembro de 1986).

Declara outro fundador da Tio Beijo:

"Sempre houve uma participação da comunidade, quando se resolveu fazer isso aqui, não foi a associação, mas um grupo de pessoas que pertencia à associação, à Igreja, ao grupo de mães. Então ajuntava as pessoas que eram mais interessadas nessa área de educação"

(Entrevista realizada com Roberto em 22 de setembro de 1986).

Como vimos, essa experiência se foi firmando.

Com a participação dos moradores, a ajuda do exterior e o esforço dos mais interessados na área de educação, conseguiram adquirir o local onde hoje está a Escola de Produção Tio Beijo. A fala do atual Coordenador Pedagógico da Tio Beijo, um dos seus criadores, expressa o importante momento da criação da Escola de Produção:

"Então essa escola surgiu mais ou menos assim: foram feitas muitas reuniões, depois que já funcionava lá em cima o curso de Torneiro Mecânico. Para ter daí uma proposta concreta até conseguir comprar esses lotes aqui. Eles foram comprados em 1981. Depois começou a construção através de mutirão e hoje já estamos com ele pronto".

(Entrevista feita com Lírio, atual coordenador da Escola em 22 de set. 1986).

Hoje encontram-se nos arquivos da Escola de produção do Tio Beijo atas, estatutos, material pedagógico, correspondências, documentos de convênios com o Projeto Metropolitano da UFMG e documentos de convênios com a Secretaria do Trabalho. Em todos os documentos oficiais, como atas, registros do Cartório e Estatutos, não aparece a denominação de Escola de Produção Tio Beijo. Figura nesses documentos o nome de Ação Social Técnica. Esta mesma denominação encontra-se na fachada atual da Escola de produção Tio Beijo.

Consta no Cartório Jero Oliva, livro A-34, sob nº de ordem 45.032, datado de 12.07.79, a averbação e o registro da Ata e Estatutos da entidade denominada Ação Social Técnica. Sobre esse assunto, no entanto, retornaremos no tópico "A legitimidade não tem carimbo".

Foi só em 1979 que se efetivou a oficialização, quando as atividades ainda eram realizadas no porão da igreja. Em 1983 o trabalho já estava consolidado e a demanda por parte dos moradores para frequentar os cursos também estava muito forte. Em 1983 já havia sido finalizada a construção da sede atual da escola. Lírio é quem fala sobre a passagem para a sede atual:

"Em julho de 1979 foi feito o registro em nome de Ação Social Técnica, não como escola mas empresa. Tem como objetivo a formação profissional. A partir de 1983 é que começou a incrementar mesmo. Começaram a funcionar cursos de manhã, de tarde e de noite".

(Entrevista feita com Lírio em 22 de setembro de 1986).

Na fala abaixo, um dos moradores relata uma certa dificuldade que a população teve no começo, devido à ligação que a Ação Social Técnica tem com a Igreja, e também pela presença do padre no trabalho da Escola de Produção Tio Beijo:

"Muita gente achava que isso aqui é dos padres e que quem participa lá na igreja tem direito a tudo aqui. E quem vai à missa tem direito de pôr o menino dele aqui. Mas o critério adotado aqui não é esse. O critério discutido com o pessoal é que isso aqui é do povo. Não é da Igreja, é do pessoal do bairro. Outros bairros vizinhos, Jatobá, Tirol, também têm direito. A partir deste ano (1986) nós definimos que o bairro Lindéia entra com 50% dos alunos. O restante seria alunos de outros bairros."
(Entrevista com Lírio em 22 de setembro de 1986).

Nota-se que a constituição da Escola de Produção Tio Beijo teve seu ritmo bastante lento e cheio de altos e baixos. As falas dos moradores e atuais responsáveis pelo trabalho da Tio Beijo expressam uma indefinição salutar em relação a quem comanda o trabalho. Tal indefinição não significa que não haja responsáveis pelo trabalho. Na direção não pré determinada do processo está em emergência uma autogestão do trabalho. Ali, como já dissemos, as decisões são tomadas sempre orientadas pelos interesses dos trabalhadores que moram na comunidade e que farejam possibilidades de mudança de vida.

A escola que ensinou aquelas pessoas a defenderem seus interesses foi o dia-a-dia. Inclusive já conhe-

comos parte dessa história. Basta lembrarmos do movimen-to dos moradores daquele bairro no momento da ocupação da área, criação de infra estrutura, etc. Quando falo de interesse quero fazer entender que o conhecimento sempre está orientado por interesses. O que não quer dizer que seja no sentido da satisfação de necessidades naturais somente. O movimento dos indivíduos no cotidiano lhes propicia fazer parte de um processo cumulativo de aprendiza-gem.

Ali a prática específica vai além disso. As experiências educativas destes trabalhadores têm possibilitado o cruzamento de experiências vividas e narradas. Através do estudo de sua própria história, e pela reflexão sobre sua participação nos movimentos, aqueles trabalhadores abrem novos caminhos para arrancar do silêncio as lições memoriais de outras épocas e momentos de luta dos oprimidos. Esses conhecimentos vão tomando formas adequadas e metódicas, na medida em que o movimento se vai autoconstituindo no processo. Dali outros interesses vão sendo evidenciados. Na medida em que os trabalhadores removem empecilhos para a prática mínima da liberdade, criam novos interesses que, por sua vez, orientam para novas buscas, onde aparece o interesse, melhor explícito pela constituição de sua memória histórica.

2. O MUTIRÃO E A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA DE PRODUÇÃO TIO BEIJO

O mutirão é uma reunião de pessoas, uma prática eventualmente coletiva dos trabalhadores do campo ou da cidade. Para essa prática as pessoas são atraídas pelos mais diversos interesses. Uns vão pela novidade do acontecimento, pela ação de solidariedade, pela atração do conhecimento presente e explícito nas atividades. Outros

vão para encontrar gente, estar perto de outros em uma relação sem opressão. Todos, no entanto, vão na tentativa de criar um benefício que lhes interessa. Ali não se pensa em pagamento e, em determinados momentos, a prática do mutirão assume características políticas explícitas.

Essas vivências ocorrem comumente para se fazer a limpeza de um ribeirão, a construção de uma igreja, fazer um roçado, fazer um posto médico, estradas, pontes, escolas, festas, terreiro de Pai-de-santo e, também, morada para as pessoas. É um fenômeno que ocorre de norte a sul do nosso país.

O mutirão tem sido considerado como prática que fortalece a omissão dos poderes públicos. Todavia, na prática da população do Bairro Lindéia o mutirão para construir igreja, escolas, barracões etc tem sido a expressão de uma forma educativa dos trabalhadores. Tem-se desenvolvido ali um processo de auto-educação em que se dá a vinculação do interesse ao conhecimento, o fortalecimento de sua segurança no enfrentamento do mundo e a alteração do seu poder pelo fato dos trabalhadores participarem da organização daquele trabalho. É também por deixarem na obra realizada parte do seu ser, momentos de sua história, e por expressarem, ali, a fundação de sua liberdade.

2.1. - Com as nossas mãos, a nossa escola

Na situação de opressão, o abandono por parte dos poderes públicos é a marca mais visível na população trabalhadora das periferias. Simultaneamente, os trabalhadores reagem diante dessa situação criando suas formas de resistência e seu próprio espaço, para garantirem sua autoconservação.

Criam formas próprias de organização e juntos materializam seus conhecimentos, sempre orientados por interesses. A conquista do espaço material vem no sentido de garantir sua liberdade e sua independência. As formas organizatórias que aqueles trabalhadores criaram através de caminhadas e do mutirão expressam os cuidados e interesses que têm por sua "emancipação". Nesse sentido, a criação de uma escola, desde seu aspecto material até as novas formas de comunicação e autogestão, é mais uma expressão viva do seu fazer-se no cotidiano.

O mutirão, como já tivemos oportunidade de ver mais atrás, é uma forma muito utilizada pelos moradores do Bairro Lindéia. Consta nos documentos da Tio Beijo registros em assinaturas com endereços de mais de 100 moradores que participaram do mutirão para construir a Escola de Produção Tio Beijo.

Esses moradores organizaram-se para as diversas atividades (serviço de pedreiro, carpinteiro, azulejeiro, soldador, carregadores, etc.), em quatro grupos com mais de 20 pessoas cada. Trabalhavam nos finais de semana em sistema alternado, de forma que cada grupo trabalhasse um final de semana por mês.

O trabalho de construção do prédio teve seu início em fevereiro de 1982, indo até o final de dezembro do mesmo ano. Este é o período que consta no caderno de registro do mutirão, documento histórico da escola. Tal período foi suficiente para deixar o prédio em condições mínimas de funcionamento, ainda que precário, da escola. Até o momento da realização da pesquisa para esta dissertação havia ainda muitas partes da construção sem acabamento. Temos, a seguir algumas falas de moradores que participaram do mutirão para construir o prédio da Escola

Tio Beijo:

"... Era o seguinte: todo domingo tinha aquele horário fixo para a gente se encontrar. Cada pessoa que a gente encontrava e que tivesse disponível para trabalhar, trabalhava. Por volta de 3 horas da tarde, o pessoal já estava querendo parar, mas sempre vinha um lanche para nós e aí o pessoal animava a trabalhar mais um pouquinho. Quem fazia o lanche eram voluntárias da comunidade. O mutirão durou pouco mais de um ano. Depois entrou uma verba..."

(Entrevista feita em 28 de setembro de 1986).

"Foi conseguida uma verba do Estado para fazer o centro Profissional. Uma parte das paredes foi feita com o curso profissionalizante. Nós fazíamos alguma parte que era do curso e outras era o mutirão. Num domingo vinha uma turma de gente, noutro domingo vinha outra. Acabava tudo sendo feito em mutirão e a gente ia fazendo e aprendendo. Às vezes, havia pessoas da comunidade que traziam lanche para nós: era suco, café, biscoito, pão com manteiga. O pessoal fazia e trazia para a gente sem ninguém pedir. Isso foi feito com a boa vontade de todo mundo."

(Entrevista feita em 15 de setembro de 1986).

"Esta escola nasceu da necessidade de um grupo de pessoas com tempo para ajudar a comunidade a caminhar de maneira mais aproveitada (...) nos fins de semana a gente organizava uma turma aí para poder, por exemplo, colocar o telhado na escola. A gente ajudou na base do mutirão. Esse mutirão era convocado por intermédio das missas."

(Entrevista com Sr. Joaquim em 02 de outubro de 1986).

"Além da Escola de Produção nós fizemos também diversas obras do tipo de mutirão."

(Entrevista com Sr. Alcides em 28 de setembro de 1986).

A comunidade do Lindéia tem diversas obras conquistadas através da mobilização e do trabalho de seus próprios moradores. Algumas foram conseguidas com reivindicações diante dos poderes públicos. No entanto, a execução de determinadas obras como calçamento, abertura de ruas, praças, esgotos, posto de saúde e escola de 1º grau eram por conta do Estado ou Município.

Como a população da periferia sempre viveu correndo o risco de ficar no esquecimento, sabiamente resolveu sair do silêncio. Mobilizou-se pelas melhorias, descobriu onde estão os "cofres públicos" e, até mesmo, a época em que estão mais cheios. Para isto é preciso compreender a realidade: para agarrá-la. É necessário ter penetração na política, saber das mudanças e provocá-las sempre.

E é preciso mais. É preciso conhecer de dentro as coisas da política, para que os projetos dos trabalhadores tenham voz. Lembro aqui uma fala do "Seu" Manoel, que se referia à conquista da escola de 2º grau Escola Estadual Padre João Bosco Bournier - na comunidade do Lindéia. Diz ele:

"Eu gosto de mostrar sempre para que o nosso povo sinta a importância da participação política. Então se não fosse essa ajuda que nós já temos de políticos que já estão reconhecendo o nosso trabalho, aqui na Assembléia Legislativa e mesmo lá em Brasília, nós não teríamos conseguido essa escola. Porque a verba já tinha saído quando fazia quatro anos que nós já estávamos lutando pra desapropriar o terreno e eles não davam a mínima pra nós. Então foi um grupo de pessoas aqui da associação lá em Brasília cobrar. Ai saiu."

(Entrevista feita com Sr. Manoel em 02 de outubro de 1986).

A população não aguenta a morosidade e o descaso dos administradores públicos. Muitas obras, portanto, como a construção de creches, igreja, salão comunitário, escola de 2º grau, barracões para os mais carentes, a ajuda aos desempregados e a criação de local para lazer foram executadas por meio de mutirões e cursinhos profissionalizantes.

Foi, então, como já vimos, que no início do ano de 1983 estava terminada a Escola de Produção Tio Beijo (algumas pequenas modificações foram feitas de-

pois). Está funcionando lá uma conquista de uma população ousada e corajosa. Um prédio de dois andares, contendo cinco salas de aula de tamanho normal, para mais de 30 alunos cada. Tem também biblioteca, sala da diretoria, secretaria, cantina para alunos e professores, instalações sanitárias, almoxarifado, salão das oficinas com mais ou menos 200 m², e área livre para recreação.

Vale ressaltar que as falas dos entrevistados revelam, por um lado, a importância da participação política em nível parlamentar. Revelam também, por outro lado, que em nada resultará ter tais representantes no parlamento se os trabalhadores não estiverem sempre se mobilizando e criando formas diretas de cobrança e controle deles e dos benefícios públicos.

Essas formas de organização criadas no processo de conquista da escola nos faz entender que os trabalhadores estão aprendendo a não deixar que o poder para condução de suas lutas descanse nos representantes, mesmo se estes tiverem sido eleitos para executar certas funções. Pois os representantes, não mais agindo de acordo com o que os representados decidiram ou desejavam em um certo contexto, continuam a agir em seu nome e por sua iniciativa. Tornam público que a vontade dos representados seja a sua. Dessa forma, os representantes eliminam os representados do processo e os colocam à margem das decisões que vão sendo tomadas enquanto crescem o distanciamento e a cisão entre dirigente e dirigido.

2.2. - Quem cria constrói sua liberdade para falar

Devido ao interesse dos moradores em ter a sua escola, sua participação por diversas formas corresponde de maneira coerente às suas falas. Muitas dessas falas testemunham a importância do fato da Escola de produção Tio Beijo ter sido criada pela comunidade. E a essa participação corresponde hoje uma prática que concebe a escola como espaço seu. Consideram-na como criação sua, para atender seus interesses e os de seus filhos.

Dentre todos os entrevistados não encontrei ninguém que dissesse que a escola não é da comunidade. Temos a seguir algumas falas de moradores do bairro que revelam essa visão quando respondem à pergunta: De quem é a Escola de Produção Tio Beijo?

"... no meu modo de pensar e que sempre a gente vem ouvindo de pessoas aqui da comunidade, inclusive o padre Miguel, essa escola aqui é uma escola de bem-estar de toda a comunidade do bairro e outras pessoas que queiram aproveitar do tipo de trabalho que é aqui desenvolvido. Agora, essa escola aqui é nossa, ela é do povo que arregou as mangas da camisa para levar um trabalho para frente. Essa escola é nossa. O dono dela somos nós."

(Entrevista realizada em 02 de outubro de 1986).

"Eu considero esta escola comunitária, uma escola da comunidade. Pela participação dos alunos da comunida-

de, pelos professores. Foi criada pelo esforço do Tio Beijo, o responsável pela comunidade. Ele tinha um amor muito grande pelos jovens, pelas crianças."

(Entrevista realizada em 20 de setembro de 1986).

"Essa escola é minha e de todos que a frequentam."

(Entrevista realizada em 20 de outubro 1986).

"A minha resposta é que ela é da comunidade. E está cumprindo mesmo o desejo desse amigo Tio Beijo. O desejo dele era uma escola para a juventude. Ele tinha essa vontade e cumpriu."

(Entrevista realizada em 28 de setembro de 1986).

"De quem, não; eu acho que ela é de todos, é da comunidade. Todo esforço é feito em torno do aluno, o valorizado aqui é o aluno. Aqui não tem fins lucrativos."

(Entrevista realizada em 29 de outubro de 1986).

"Então a questão de dono aqui dentro, por exemplo, com esses alunos do Curso Normal, eu acho que eles não conseguem entender direito essas coisas. Na escola do Estado a diretora que é tipo dono. Eles sabem que ela não é dono, o governo que é... Aos poucos,

eles vão assumindo essas coisas, mas é um trabalho que tem que ser feito. Eu acho que-aí entra a questão do instrutor, do pessoal que trabalha aqui dentro."

(Entrevista realizada em 12 de outubro de 1986).

Em uma das entrevistas, os alunos do Curso de Tornearia fazem referências sobre a quem pertence a escola. Naquele momento, discutíamos o retorno dos ex-alunos à Escola Tio Beijo. Sobre isso referem-se as falas abaixo:

"Os professores ajudam muito os alunos. Qualquer dúvida eles estão sempre ali. Além disso, que a escola é dos alunos, é da comunidade, principalmente dos alunos e professores, todos juntos."

(Entrevista realizada com um grupo de alunos de tornearia no dia 25 de outubro de 1986).

"Principalemente porque a escola é nossa, nós fazemos o currículo junto dos professores. Você dá vontade mais, tu do que é nosso a gente cuida e sente bem dentro dela."

(Entrevista realizada com um grupo de alunos do curso de tornearia no dia 25 de outubro de 1986).

"Eu acho que a Escola de Produção Tio Beijo não tem dono; é das pessoas que a construíram e das que realmente es-

tão aí, dessas pessoas que realmente estão aí e querendo colocar esse trabalho para frente. A escola é do pessoal da igreja, a escola é de crente, de católico, de preto, de branco, de índio; a escola é de todo mundo."

(Entrevista realizada com um grupo de alunos de tornearia no dia 25 de outubro de 1986.

Perguntando a um grupo de cinco alunos do curso de Ajustagem a respeito de a quem pertence a Escola Tio Beijo, eles responderam:

"A Escola de Produção Tio Beijo é da comunidade, porque a comunidade é que lutou por isso aqui."

(Entrevista feita com os alunos do curso de ajustagem no dia 07 de novembro de 1986).

Para entender melhor a respeito da imagem da Escola de Produção presente na comunidade e verificar em que apreço os moradores dali a têm, realizei uma série de entrevistas. Com o intuito de colher as falas de maneira mais espontânea e livre, caminhei pelo meio do bairro, abordando qualquer pessoa que por ali encontrasse. E assim fui conversando e registrando as falas que transcrevo em seguida, e que só reforçarão a afirmativa: "Quem cria, constrói sua liberdade para falar". Diante das perguntas: Quem criou e a quem pertence a Escola de Produção Tio Beijo, os entrevistados responderam:

"Ah, eu tenho uma idéia que foi o Tio Beijo. Ele que fez parte dessa cria-

ção dessa escola aí. É assim que me informaram. Foi a comunidade que lutou e conseguiu. Agora quem criou mesmo acho que foi só a comunidade que lutou para conseguir. Deram o nome pelo Tio Beijo. Foi criada pelo Tio Beijo e a comunidade, junto com a comunidade.

A associação comunitária, junto com a Igreja e a comunidade. O fundador por tradição de nome, eles colocaram Tio Beijo-Benjamim Garcia - então colocaram o nome dele, Tio Beijo.

Foi mesmo a comunidade, através dos padres, com apoio deles.

A escola aqui foi formada pela comunidade, construída com a mão-de-obra da comunidade e sempre quando acontece qualquer coisa, qualquer trabalho dentro da comunidade, sempre a comunidade, sempre a comunidade é que dá idéia, aí nós lutamos."

Quanto à segunda pergunta os entrevistados de clararam:

"Essa escola é nossa, é da comunidade. O que é da comunidade é nosso, de nos sos filhos.

Eu considero que esta escola é da comunidade - pertence à comunidade.

É da comunidade, que a gente não vai citar que é do padre, que é do fulano, cicrano não; é da comunidade.

Uai, é da comunidade, não? Todos têm direito de estudar. Eu acho que é da comunidade mesmo, de quem tem interesse em aprender. Aqui tem vaga pra todo mundo. É que tudo que tem no Bairro Lindéia: asfalto, o grupo escolar, o grupo de jovens, essa Escola de Produção, a escola de artesanato, tudo foi os moradores do bairro que lutou e conseguiu, tudo foi os moradores do bairro que conseguiram, que lutou e conseguiu ter tudo aqui."

(Entrevista realizada dia 22/11/86 com moradores do bairro Lindéia).

Essas falas nos chamaram a atenção e nos remeteram ao exame das relações que se desenvolvem em nossa sociedade. No setor de produção, a chamada "racionalização" da produção capitalista consiste em organizar o trabalho independente dos trabalhadores. Dessa forma, exclui os trabalhadores do processo de decisão e os coloca, por essa razão pela relação de exploração, totalmente contra a opressão e dominação que aí se edifica.

Nessa perspectiva é que temos percebido que mesmo na opressão os trabalhadores, ao perseguirem os caminhos da autonomia, são capazes de criar novas formas e novos princípios de organização que lhes interessem. É nesse sentido que as formas de organização criadas pelos trabalhadores na conquista de sua escola expressam um avanço e mostram em que nível estão os seus cuidados com sua educação.

3. A LEGITIMIDADE NÃO TEM CARIMBO

Ao viver por longos anos a situação de opressão, os trabalhadores vão percebendo as diferenças sociais a que estão submetidos. Devido à racionalização da produção, agrava-se a situação dos explorados deste país. Por sua vez, esta realidade também tem colocado os trabalhadores frente a um campo mais definido de oposição. Dessa forma, não só reagem contra a miséria, mas criam novas possibilidades de organizar a sociedade. A situação que cada um assume na prática social leva os oprimidos a se juntarem ou a se separarem na busca de solução para seus problemas. Lúcia Bruno capta de maneira clara essa realidade:

"É neste nível que os indivíduos se unem ou se separam em torno das questões cruciais da nossa época (...) Trata-se de um processo de luta no qual a classe operária se organiza e se dirige, diferenciando-se das classes dominantes e de suas instituições, das práticas e ideologia de integração e exploração.

(...) A esta altura, podemos perguntar o que exatamente tem possibilitado à classe operária desenvolver um processo onde ela se define em completa ruptura com a sociedade capitalista como um todo (...) De um lado, é a classe organizada pelo capital, nos locais de produção, desenvolvendo as relações que o sistema capitalista impõe, mediante a utilização de uma maquinaria e tecnologia determinadas. Esse esquema submete a classe operária a operações particularizadas, afastando-a da compreensão do processo de trabalho e sujeitando-a à

hierarquia rígida. É a classe operária organizada para a produção de lucro no e para o capitalismo. De outro lado, os operários desenvolvem entre si relações livres e coletivistas sempre que travam uma luta direta contra o capital."

(BRUNO, 1985 ps. 7, 8 e 10).

Os trabalhadores captam a existência de relações que os oprimem nas vivências cotidianas. Por essa razão, interessam-se em buscar novas formas de organizar a vida social. Devido às experiências de relações livres desenvolvidas entre si na luta pela sobrevivência e na negação à opressão, vão deformando³, continuamente, os conhecimentos já cristalizados, e buscam refazer e criar princípios de organização que sirvam para satisfazer seus interesses por uma nova forma de vida. Nesse processo, e diante dos efeitos causados pelo abandono por parte dos dirigentes capitalistas nas áreas de alimentação, saúde, emprego, comunicação e educação, imprescindivelmente, se interessam pela busca desejosa da autoconservação.

No cotidiano, os oprimidos buscam maneiras de se proteger contra as formas de autoritarismo. Porém, as pessoas, os grupos que se comunicam e se organizam para criar seus próprios caminhos encontram, com certeza, empecilhos de todo tipo. A repressão a tudo que se movimenta autonomamente é a primeira e a mais forte. Outras repressões vêm pelo direito negado de usufruírem das fundamentais condições materiais para sua existência e pela opressão cotidiana edificada na exploração

Diante disso, os trabalhadores vão criando suas próprias formas de resistência. Legitimam pela irreverência e por criações autônomas suas próprias normas, seus próprios códigos, seus próprios métodos e seu próprio fazer-se como homem, insaciável, infinito e indefinido, e por isso mesmo fascinante. Lançam mão

de formas paralelas às institucionalizadas, na tentativa de garantirem sua existência emancipatória.

Tais caminhos, por serem próprios, ampliam a margem de respeito nas suas relações com os opressores. Na medida em que se manifesta um contrapoder dos trabalhadores, estes vão desconstruindo relações cristalizadas, mesmo que restos de concepções velhas e atrasadas sustente "velhos hábitos ideológicos" que ainda edificam a opressão, inclusive nas suas formas de organização. Segundo Weffort, as concepções atrasadas ainda estão presentes nas próprias organizações dos trabalhadores:

"... a existência de uma orientação geral de independência não exclui a presença influente de alguns velhos hábitos ideológicos e organizatórios do sindicalismo populista."

(WEFFORT, 1972, p.87).

Já vimos que a população do Lindéia iniciou uma marcha, muitas vezes atropelada, em busca das melhorias e conseguiu agarrar todas as possibilidades provenientes de suas relações com as instituições do Estado - Secretaria do Trabalho, UFMG (MEC), relações no exterior, Igreja etc. É bom lembrar que as instituições maiores, no caso a Igreja e o Estado, têm seus projetos próprios. No caso da Igreja no Lindéia, os projetos se manifestam numa prática favorável e mais próxima do interesse dos oprimidos. Daí a convivência do projeto dos trabalhadores para se libertarem das opressões com o projeto de uma ala da Igreja que atua socialmente na perspectiva da "promoção do homem". Nesse sentido, ouve-se o canto apologético da "Esperança" recitado sempre pela Igreja Católica.

No referido e explícito pacto entre os interesses da Igreja e os dos oprimidos revela-se o fato de os trabalhadores não possuírem um caminho já determinado para sua libertação. Em todos os espaços específicos do cotidiano, eles, os trabalhadores, se fortalecem criando uma infraestrutura que não lhes oprime. Mantêm, enquanto podem, um controle sobre esse processo, visando caminhar em busca de novos conhecimentos e, conseqüentemente, novas formas de viver.

Na relação institucional que mantêm, os trabalhadores manifestam uma nova maneira de se organizarem. Procurando explicitar melhor a identidade de sujeitos, suas práticas na relação com as instituições têm sido caracterizadas por maior independência e expressão de autonomia. Nessa experiência, demonstram a possibilidade da criação de novas formas de relação com as instituições.

No cotidiano desses processos de experiência com a Igreja, os trabalhadores têm tido também um aprendizado. Desenvolveram práticas diversificadas e descontínuas que vêm possibilitando a constituição de um movimento em que os trabalhadores estão se apresentando como sujeitos que sempre criam novos caminhos no seu fazer cotidiano. No caso da criação da Escola de Produção Tio Beijo os moradores, desejosos e interessados em terem a sua escola, aceitaram no pacto que a Igreja desenvolvesse seu projeto, enquanto eles criavam condições para conseguir suas melhorias.

A criação da Escola de Produção Tio Beijo tem, certamente, tantas histórias quantas forem as pessoas que ali participaram e participam. Tem a história que a Igreja deve estar sistematizando e que, provavelmente, outros analisarão. Tem a história que estamos ten-

tando resgatar, dando um flash no processo onde está em gestação um tipo de pedagogia que aos trabalhadores interessa. E tem também a história de outras lutas da região, que se refere às experiências do movimento operário fabril e sindical, e que não cabe neste estudo ; porém, recomendo e ressalto sua importância como um outro campo temático para análise.

No meu entender, a prática que resultou na Escola de Produção Tio Beijo garantiu sua legitimidade diante da comunidade de moradores, diante de entidades similares, diante de organizações representativas dos trabalhadores, inclusive em nível internacional. Em nível nacional, estadual e da Região Industrial temos documentos pelos quais se estabelecem relações que reconhecem a existência da Escola de Produção Tio Beijo. Noutros documentos, que estabelecem relações burocratizadas, geralmente figura o nome de Ação Social Técnica.

Frente à Câmara Municipal, à Prefeitura, à UFMG, à Secretaria do Trabalho e à Pastoral da Região Industrial, os dirigentes da escola utilizam o nome oficial, para garantir, dentro da linguagem dessas instituições, os benefícios e sua tramitação dentro do parâmetro legal. Com sindicatos, com a Frente Nacional do Trabalho, a ULTRAMIG, deputados combativos, entidades alternativas na área de Educação e trabalho é utilizado o nome Escola de Produção Tio Beijo. Para quem acredita na autonomia, as relações ali não passam predominante pelos caminhos da burocracia, e nem pela institucionalização dessas novas formas. Passam, sim, pelas práticas e formas de organização que ajudam os trabalhadores a compreenderem que a solução de seus problemas só será conseguida com a criação de seus próprios caminhos.

Achei oportuno apresentar aqui alguns exemplos de relações que a Escola mantém, nas quais figura nas correspondências o nome de Escola de Produção Tio Beijo (este também pode ser um dos aspectos que asseguram e caracterizam sua legitimidade): Frente Nacional do Trabalho/SP, correspondência recebida em 25/04/84; carta recebida do Deputado Federal Luiz Dulci, de 15/05/84; carta enviada ao Deputado João Batista Mares Guia, em 07/06/84; carta enviada ao Ibase, em 15/12/83; texto do discurso pronunciado pelo Padre Bahige, por ocasião da inauguração da escola-ali, diante do então secretário de Educação, Otávio Elísio, do então Secretário do Trabalho, Ronan Tito, e da população que criou a escola, lhe foi dedicado o nome de Tio Beijo, em enaltecimento à prática daquele homem como um dos moradores mais combativos da comunidade, em busca de uma Escola para os jovens da região.

Nas entrevistas realizadas com os moradores do bairro, alunos, ex-alunos, mães de alunos e funcionários da escola não houve sequer uma referência ou alusão à Escola de Produção Tio Beijo enquanto Ação Social Técnica.

3.1. Os sinais do novo não pedem licença

A busca das origens da Escola de Produção Tio Beijo tem como objetivo tornar explícito o avanço que os trabalhadores conseguem quando criam seus próprios caminhos. Pretende mostrar, ainda, que as formas de organização desses trabalhadores não pedem licença para existir. Isto por um lado; por outro lado, evidencia alguns limites debaixo dos quais os trabalhadores tentam construir sua autonomia.

Esta pequena radiografia do cotidiano dos trabalhadores registra sua estratégia do silêncio, sua ação de resistência, os cuidados que têm com sua escola e o peso do seu cotidiano devido às condições materiais e políticas desses trabalhadores.

A independência dos trabalhadores constitui um longo processo de lutas em que, ao construírem seu próprio caminho, esbarram com os limites do institucional. E estes limites, quando não aparecem revestidos das formas próprias do abandono social, são visíveis aceiros⁴ presentes nas leis e práticas institucionais que tentam cooptar ou reprimir toda e qualquer manifestação do novo.

As formas através das quais a existência da Escola Tio Beijo se impôs no cotidiano da Região Industrial foram construídas dentro de um processo que negou os velhos hábitos organizatórios, enquanto os desconstruía. No entanto, na medida em que tentavam usufruir dos benefícios e conquistas maiores da sociedade, como por exemplo, a educação, esbarravam na burocracia e nas leis do Estado, que não lhes asseguram nem o mínimo necessário para o acesso ao saber sistematizado.

Além dessas barreiras institucionais, outras de ordem política também criam obstáculos ao avanço de suas conquistas. Devido inclusive ao mínimo de coerência dos trabalhadores em suas práticas no cotidiano, todos os problemas existenciais da região que envolvem os poderes municipais de Contagem são levados para dentro da escola. Visa-se, com isso, fazer uma reflexão sobre as questões do dia-a-dia, o que possibilitará entender o mundo ao seu redor, compreender as causas dos problemas e buscar a sua solução.

Como as pessoas que refletem ali sobre as condições existenciais não ficam na ação contemplativa, sua prática incomoda os poderes públicos. Isto quer dizer, também, que a escola dos trabalhadores não tem o papel específico de direcionar lutas reivindicatórias. Tem, sim, evocando Freinet, o interesse em levar a vida para dentro da escola. Essa prática que reflete o dia-a-dia dos trabalhadores tem possibilitado à Escola de Produção Tio Beijo ajudar o seu aluno a compreender as relações sociais e de trabalho, bem como investigar a história das lutas de sua classe.

Essa experiência não pretende ser nenhum modelo preconcebido de formas de organização dos trabalhadores quando criam sua escola. Não pretende ser outro modelo, e nem mesmo cabe dizer que essa experiência se tornará uma proposta a ser incorporada ao sistema oficial de educação.

Mesmo com todos os emperamentos, desde os de ordem material até os de ordem política, essas formas expressivas da autonomia dos oprimidos continuam não pedindo licença. Pelas formas da autonomia, os trabalhadores descontrolam o cristalizado, abrem novos caminhos, rompem como uma cunha no social as amarras atadas pelos mecanismos de opressão e pelas concepções modelizantes sobre sua libertação. Lúcia Bruno resgata a força possível de uma das formas de organização autônoma:

"No terreno da autonomia operária, o trabalhador não se faz representar. Ele se apresenta. Trata-se de um processo de luta no qual a classe operária se organiza e se dirige, diferenciando-se das classes dominantes e de

suas instituições..."

(BRUNO, 1985 p.8)

Citarei a seguir a fala de um dos moradores do bairro (e criador da Escola de Produção Tio Beijo), onde é enfatizada a importância de estarem lutando pela conquista da educação que lhes interessa. Todas as entidades do bairro estavam mobilizadas em busca da construção da escola de 2º grau para o bairro, e junto a essa mobilização estava a Escola de produção Tio Beijo, através de seus alunos, pais e dirigentes. Assim se expressou o morador:

"Acho que aquilo foi muito importante prá nós, essa luta dessa escola de 2º grau. Saber que existem 700 bairros em Belo Horizonte, e um dos poucos, um bairro novo, ainda com muita coisa a fazer, e já tem uma escola de 2º grau. Acho ainda que foi uma das grandes conquistas que a Associação Comunitária do Bairro Lindéia já conseguiu até hoje, já que foi uma luta que durou 4 anos, esse trabalho. Porque a gente tinha que desapropriar um terreno de um homem poderoso aí, dono do bairro todo aqui. Os alunos da Tio Beijo participaram também com a gente. Alguns já tinham feito o curso e estavam estudando lá, e outros tinham a possibilidade de continuar os estudos deles. Fazer o 2º grau. Então, acho que foi muito importante essa luta nossa aí. E a gente procura colocar tudo que nós encontramos aqui

com essa finalidade."

(Entrevista realizada com Sr. Manoel em 14 de outubro de 1986).

Foi nesse ritmo, e debaixo das mais diferentes formas de opressão, que nasceu a Escola de Produção Tio Beijo. De maneira especial, o ano de 1983 foi um outro marco na sua história. Como já vimos, foi em 1983 que a comunidade terminou a construção do prédio atual, possibilitando, com isso, aumentar o número dos cursos para atender à demanda de outros participantes. O ano de 1983 significou, ainda, um avanço na melhor sistematização dos cursos: o reconhecimento e a garantia de sua legitimidade diante das instituições locais. Foi ainda em 1983 que a participação da comunidade teve maior adesão ao trabalho, quando viram aumentadas suas chances nos estudos e, principalmente, no aprendizado de uma profissão. Ali, na Escola Tio Beijo, está a manifestação viva do interesse e dos cuidados que aquele grupo de trabalhadores tem com sua educação.

3.2. Quando a participação é levada a sério

Não é necessário ir muito longe para lembrarmos o quanto se falou a palavra e da palavra participação na última década. Na verdade, onde mais se fala de participação é onde menos a encontramos e onde menos os opressores permitem sua manifestação de fato. Não faltaram apologistas de todos os matizes em sua exaltação. Assentaram suas tribunas nas instituições do Estado, na Igreja, nos partidos, nos grupos organizados, e até mesmo nos organismos representativos dos trabalhadores. Na cena política eleitoral muitas urnas se encheram em virtude das práticas oportunistas reinantes nessas épocas, e cuja força capitalizadora estava na

palavra participação. Convocações, chamadas, propagandas, cartas-convocatórias, discursos etc., nenhum poderia deixar de trazer uma das frases célebres: "Contamos com sua participação", "Participe", "Venha participar conosco", "É preciso participar...".

Como as coisas sempre podem ser vistas de mais de um jeito, do outro lado, isto é, do lado dos dominados, houve sempre quem buscasse a participação pela orientação de outros interesses, os da libertação de experiências como oprimidos. Enquanto os opressores acenam e encenam a participação, os oprimidos vão à luta, mesmo antes dos discursos. Interessados, os trabalhadores vão à luta para construir a sua própria escola. Vão à luta expressando o maior e o mais concreto anseio por emancipação. Participam da edificação de sua autonomia diante da opressão cotidiana. É isto, sem dúvida, só vem distinguir essa prática daquelas práticas oportunistas, próprias da classe dominante.

Todas as formas de luta desenvolvidas no cotidiano desses trabalhadores, seja na edificação da resistência, seja nas formas mais complexas de organização, abrem espaço para a aprendizagem de conhecimentos orientados por interesses que liberam e libertam esses sujeitos. Nessa perspectiva é que ocorre a participação no movimentado processo educativo da Escola de Produção Tio Beijo. Ali foi tomada muito a sério a questão da participação em todos os níveis, como a organização de comissões, a participação em encontros e congressos, a participação na política, em mutirões, em campanhas salariais, greves, etc.

Exalta-se aqui, no caso da Escola Tio Beijo, a sua edificação por meio de relações livres entre os trabalhadores. Assim, tal conquista traz um grande sig-

nificado, expresso em um pequeno registro temporal da história das histórias aparentemente silenciadas. Para muitos ali, além disso, representa; em primeira mão, segurança, devido à possibilidade iminente de conquistar novos conhecimentos. Segurança por descobrir novas profissões, por conhecer novas formas de existir, de ter melhores condições de vida e de incorporar aos seus espaços a possibilidade da educação dos sentimentos, bem como o limite e a possibilidade do prazer.

Toda manifestação em busca da educação é, em primeira mão, expressão viva do interesse por novas formas de vida. Junto a tudo isso, há uma característica relevante nas práticas das pessoas que, de uma maneira ou de outra, devem ter participado da criação da Escola Tio Beijo. É que hoje — como já vimos antes na fala dos entrevistados e participantes de avaliações daquele trabalho, alunos e ex-alunos, professores, funcionários e coordenadores — não existe quem diga que a escola não seja da comunidade e nem quem a negue como escola que lhes interessa.

Para Roberto e Lírio, coordenadores da escola, o pessoal levou mesmo muito a sério a questão da escola da comunidade e de como e quem participa dela. Realmente é uma discussão interessante. Temos aqui algumas de suas declarações a esse respeito:

"É interessante que quando a gente começou, as pessoas entendiam errado a questão da oficina. Então todo dia chegava cara aqui com carrinho de mão, máquina de moer carne, facas e tesouras para afiar. Chegava cara com uma sacola cheia de facas. Saía catando todas as facas dos vizinhos, dizen

do que na oficina eles arrumavam, por que era da comunidade. Mas as pessoas, agora, estão mais conscientes de que isto aqui é uma escola e que a ajuda que vai dar à comunidade não é afiar faca, mas sim que os filhos dela tenham condição de ganhar um dinheiro melhor. Mas eles foram compreendendo e tem pessoas que hoje têm inclusive uma boa atividade no bairro e que no começo pensavam completamente diferente. Agora o próprio menino traz a faca e afia. Não cai tudo na mão de um cara, como era no começo. Praticamente era só o Roberto que tinha aqui, então ficava tudo com ele. Você não pode pôr um esmeril na mão de qualquer um, porque são umas ferramentas muito perigosas. Ainda vem muita coisa, só que é menos e já tem mais gente que está trabalhando aqui dentro. Os alunos fazem o trabalho, Sr. Joaquim e Aristo ajudam. Todo mundo que trabalha lá faz alguma coisa."

(Entrevista realizada com Roberto e Lírio em 19 de setembro de 1986).

Hoje, como afirma Lírio, o próprio menino traz a faca e afia, ou os alunos que, por sua vez, são da comunidade, fazem esse serviço. Além dessas mudanças, há uma que expressa um nível maior de entendimento e compreensão sobre a educação que fazem. Sempre há interesse da comunidade e do pessoal da Escola Tio Beijo em ampliar ou construir outros espaços como essa Escola. Esse interesse se vem manifestando na medida da avaliação, pela própria comunidade, dos benefícios resulta -

tes daquele tipo de escola.

Há quase dois anos, por semelhante processo, uma outra comunidade próxima de Betim criou uma escola, o Centro de aperfeiçoamento e Trabalho (CAT). Todos os passos do CAT tiveram apoio e incentivo da Escola Tio Beijo. Fizeram discussões na fase de implantação e se ajudaram na implantação dos cursos. Continuam hoje trocando experiências, inclusive entre alunos das duas escolas. Outras ligações da Escola Tio Beijo serão abordadas no Capítulo III.

NOTAS

1. Conferência:

. Denominação dada a cada grupo de Vicentinos que atua num bairro ou numa região. Criam a denominação para sua estrutura de organização de acordo com seus objetivos.

2. Escolinha:

. Espaço há muito tempo sonhado pelos moradores para aprenderem profissões.

3. Deformando:

. Aqui o termo deformar é usado com o sentido de dar nova forma aos conhecimentos e a sua prática cotidiana em função de seus interesses.

4. Aceiros:

. Obstáculos criados para se evitar que o fogo avance no meio do mato. É feito um roçado bem à frente, circulando a área em chamas; inclusive, atea-se um outro fogo do lado contrário do incêndio.

CAPÍTULO III

CAPÍTULO III

A ESCOLA DE PRODUÇÃO "TIO BEIJO" E SEU PAPEL NA REGIÃO INDUSTRIAL

I. O CAPITAL IMPLANTA FÁBRICAS, O TRABALHADOR, NO COTIDIANO, CRIA OS MEIOS DE SUA EMANCIPAÇÃO

O Bairro Lindéia, onde está localizada a Escola de Produção Tio Beijo, fica situado na região sudeste do município de Belo Horizonte. Faz divisa com o município de Contagem (pelo lado do Bairro Amazonas) e limita-se, também pelo sudeste, com o município de Ibirité. Na linguagem e no entendimento popular sempre se fala que esse bairro fica na Região Industrial Belo Horizonte/Contagem.

O Lindéia é um dos bairros que nasceram em decorrência do surto industrial que se configurou a partir de meados deste século. Seus moradores, como os de outros bairros da Região Industrial de Belo Horizonte e Contagem, Ibirité e Betim, foram atraídos pelas fábricas que ali se instalaram.

Desde a década de 50 a chamada Região Industrial Belo Horizonte/Contagem assume o caráter de um pólo industrial. Essa caracterização vem ser, de fato, conferida a partir dos anos 70 com um ritmo de crescimento industrial sem precedente na história do Estado. Desde o início da década de 50, já se tem registros da instalação de indústrias na região.

Precisamente no ano de 1941, sob o Decreto-Lei Estadual nº 770, foi criado o Centro Industrial Coronel

Juventino Dias. Numa velocidade ímpar, em pouco mais de 10 anos as principais fábricas da chamada Cidade Industrial Belo Horizonte/Contagem estavam em pleno funcionamento. O ritmo de instalação dessas fábricas foi assim: em 1941, instala-se a Indústria de refratários Magnezita; em 1942, o Laboratório Ozório Moraes Ltda; em 1944, a Companhia Industrial de Estamparia; em 1946, Irmãos Diniz S/A, Domingos Costa Massas Alimentícias, e Cimento Itaú; em 1947, a Companhia de Fiação São Geraldo; em 1952, a Siderúrgica Mannesmann; em 1953, Tecidos Elizabeth e Matersa; em 1959, a Belgo Mineira. Nessas duas décadas se instalaram, então, as principais indústrias que hoje compõem o maior centro industrial do estado.

Devido a esse movimento de criação do parque industrial, desencadeia-se um processo de ocupação das periferias pelos trabalhadores vindos de diversos pontos do Estado. Um dos primeiros problemas enfrentados por eles foi a falta de planejamento habitacional. Quem aqui chegava imaginando encontrar melhoria de vida, só se defrontava com dificuldades de toda sorte. Não havia escola, nem sistema de transporte coletivo, nem infraestrutura básica (esgoto, água e luz). Para completar o quadro, esses trabalhadores enfrentaram, ainda, uma incontida exploração imobiliária que loteou quase toda a região sem nenhuma aprovação oficial. Veja maiores esclarecimentos no Capítulo II - "Contextualização do Bairro Lindéia".

Ampliando o pólo industrial num ritmo semelhante ao de sua implantação, na década de 60, precisamente em 31 de março de 1968, é inaugurado a Refinaria Gabriel Passos no município de Betim, limítrofe ao de Contagem. A instalação dessa refinaria influenciou outros setores, atraindo, por sua vez, diversas outras firmas na área de distribuição de combustível e gás. Consta que por essa ocasião a Esso, Petrominas, Shell, Ipiranga etc. criaram seus pos-

tos de armazenamento de combustível, tendo inclusive mais tarde espalhado suas redes com postos de distribuição de gás liquefeito para a Região Industrial e, também para o centro da capital do Estado.

Pelos anos de 73/74, o Centro Industrial de Contagem (Cinco) foi instalado por iniciativa do poder municipal. Esse período marcou-se como a fase de seu maior desenvolvimento. Hoje o Cinco conta com mais de 30 indústrias de grande porte. Ainda pelos anos de 73/74, também se instalaram em Betim, próximo à divisa de Contagem, uma série de grandes indústrias lideradas pelo grupo Fiat. Foi criada, então, a Fiat Automóveis, e com ela a Krup, FMB e, no setor de autopeças, a Ritz. Mais recentemente, na produção de caminhões, o grupo criou a Fiat Allis no município de Contagem.

O crescimento industrial nesse pequeno período de tempo, menos de 30 anos, representa pelo lado do desenvolvimento técnico um grande avanço, expresso, inclusive na implantação da automação no setor de produção de automóveis. Por essa razão, têm-se alterado também outras tecnologias do ramo da mecânica, onde ocorreu uma substituição acentuada na área da elétrica pela eletrônica.

Quanto a habitação, saúde e comunicação, é visível o grau de abandono em que estiveram e estão ainda essas áreas. Não se resolveu, até o início de 87, o problema da poluição sonora e da poluição do ar provocadas pelas fábricas do ramo da indústria química, pelo setor de cimento e construção civil, e pela área da metalurgia.

Acrescenta-se a isso tudo a má qualidade do transporte coletivo que, além de trazer insegurança aos passageiros, devido aos problemas de congestionamento na

Avenida Amazonas¹, é um dos que tem a tarifa mais cara do País. Até se vê policiais a cavalo e armados vigiando, nos pontos finais do centro de Belo Horizonte, os ônibus que chegam da periferia e que a ela retornam.

O processo de implantação e crescimento do pólo industrial que compreende as regiões de Belo Horizonte, Contagem e Betim está caracterizado por atrair das cidades vizinhas interioranas e do meio rural a grande maioria da população que hoje habita os bairros periféricos dessas regiões. Essa população veio então ocupar o setor de trabalho industrial, ou outro atraído por ele.

Esse crescimento tem sido acompanhado por toda sorte de problemas. Primeiramente, como já foi dito aqui, pela falta de planejamento na implantação das fábricas, como, também, pela falta de previsão quanto à garantia dos bens e serviços necessários à sobrevivência e autoconservação dos trabalhadores. O desinteresse expresso pela falta de planejamento e previsão dos serviços como educação, saúde e habitação demonstra o grau de abandono a que estão submetidos os trabalhadores dessa região.

O processo de industrialização da região está marcado também pelo peso que a política orientadora do seu desenvolvimento deu à questão de Educação e Trabalho. Essas marcas do desenvolvimento industrial, têm cada uma delas, suas implicações e seus preços. Interessa-me neste capítulo examinar, sobremaneira, os momentos de uma trajetória e as formas de organização que os trabalhadores estão criando como participantes de um processo, mesmo que sob o peso da opressão caracterizada pelo abandono e pelo controle.

No processo de implantação das referidas fábricas na Região Industrial, a população atraída pelo surto da industrialização foi, na sua grande maioria, composta por trabalhadores com pouca instrução formal. Eram, quase na totalidade, trabalhadores não qualificados para a exigência do mercado de trabalho em formação naquele momento. A população que habita até hoje a Região Industrial Belo Horizonte/Contagem ainda carrega as marcas vivas dos hábitos rurais. Já fiz menção a isso no Capítulo II, quando contextualizei o Bairro Lindéia.

Para completar os dados sobre a origem rural da população da Região Industrial, tomei dois dados de outra pesquisa do ano de 1977 que mostra a procedência da população que ocupou outros bairros vizinhos. Falando sobre a ocupação do Bairro Cardoso, pelo início de 1971, o qual também faz parte da Região Industrial, a pesquisa diz:

"Uma outra característica do tipo de ocupação do bairro pelas famílias é também a divisão do lote entre a casa e uma pequena produção agrícola ou de criações (...) aqui assinalamos este aspecto, pois, apesar de estar realmente mais relacionado às estratégias de vida da família, não deixa de ser por sua generalização e extensão do Bairro uma característica dele, que aliás do ponto de vista físico tem regiões bastante ruralizadas. Assim, das 132 famílias apenas 35 (26,5%) não possui em seu lote, horta e/ou criações". (FAUSTO NETO, 1982, p.39).

Essa realidade me conduz a uma velha questão: o capital tem e não tem interesse na educação do trabalhador. Algumas manifestações, à primeira vista, quase nos

convencem de que há um grande interesse do capital na educação dos trabalhadores. Vejam que em 1827 foi aprovado na Câmara Federal o projeto de organização e institucionalização do ensino denominado público na República do Brasil. Tal projeto é também conhecido como das escolas primárias.

O capital, no entanto, através do Estado, não estava criando o ensino público; estava, sim, encampando o que de educação já existia. O Estado estava, na verdade, colocando sob seu controle o que se criara pelo livre interesse de particulares, associações de classe e imigrantes. Até a República, da parte do capital o que existiu de objetivo educacional na sociedade brasileira foi atender uma perspectiva de consolidar uma visão de ensino hegemoneizadora e unificadora da Nova Sociedade. Não se vê uma preocupação com o homem, a não ser uma preocupação em ajustá-lo à sociedade do novo mundo emergente, o mundo industrial.

É ilustrativo como comprovação do grau de desinteresse do capital pela educação dos trabalhadores o flagrante fato da Cidade Industrial de Contagem "Coronel Juventino Dias" ter sido instalada pelo Estado desde o início da década de 50 e não ter trazido em seu projeto nenhum sinal de seu interesse. Nenhum plano de habitação e/ou construção de escolas se verificou (veja fala do Sr. Manoel em 02.10.86 no Capítulo II).

Temos ainda um outro dado dos arquivos da Secretaria Municipal de Contagem onde se evidencia tal desinteresse. Criada a cidade industrial, somente em 23.07.62 é que o município pelo Decreto Lei nº 460, cria uma das mais antigas escolas situadas nas proximidades do Lindéia. A referida escola se localiza no Bairro Industrial

e, na época, atendia parte dos alunos de cinco bairros vizinhos, sendo que o restante dos alunos de 1º grau e os de 2º tinham que estudar na Gameleira, ou mesmo no centro de Belo Horizonte. É importante lembrar que os trabalhadores começaram a ir para a Região Industrial em 1940/41 e a primeira escola oficial só foi criada 20 anos depois tempo bastante para se formar uma geração de trabalhadores analfabetos — o preço pago ao "progresso".

A fala de um morador antigo vem denunciar e explicitar mais o desinteresse do capital pela educação do trabalhador:

"Foi uma luta muito difícil porque o terreno era de um proprietário que vendeu uns lotes aqui no Lindéia, o Dr. Evandro. E era um terreno muito valorizado e ele pôs muito obstáculo, mas a gente pegou firme, indo à Secretaria da Educação, conscientizando o pessoal porque, quando eles viram que a gente estava com muita força para adquirir o terreno, eles tentaram lotear. Mas a gente sempre vigiando, colocando placas. A gente punha placa avisando, eles tiravam e jogavam fora. E a gente naquela luta. O pior é que o secretário da educação nessa época era primo do Dr. Evandro, aí complicou mais a situação porque ele estava mais pro lado do Dr. Evandro do que pro lado da comunidade. Aí foi pior a luta, mas ninguém desanimava. Se precisasse sair um Especial, ônibus cheio, o pessoal estava acompanhando porque sabia que era uma coisa que a gente precisava, porque os nossos alunos tinham que sair para estudar. Por intermédio do Padre Miguel, a comunidade

conseguiu arrumar um ônibus em 1976. Comprou um ônibus usado, uma jardineira para levar os meninos para estudar. E aquilo era muito difícil, estudava uma parte das crianças, outra parte ficava sem estudar porque não podia levar muita gente. Outros tinham que se deslocar lá para a Gameleira, para outros colégios, pegando condução. E a comunidade viu que era uma coisa muito importante o colégio de 2º grau. Começando pela 5ª série até a 8ª, a gente conseguiu primeiro. Conseguimos pela Carpe. Ela construiu dois pavimentos e a gente começou a funcionar muito precário porque a gente começou sem carteiras. Depois a gente conseguiu construir mais oito salas. Essa aí² foi construída pela comunidade, a mão-de-obra era tocada pela comunidade e eu era o responsável pelo serviço. E me parece, saiu mais barato do que a da Carpe e muito melhor. Foi todo mundo participando." (Entrevista com sr. Roberval em 20 de outubro de 1986).

Um outro dado importante está manifesto no fato do capital, não mais pela ação do Estado, mas pela ação dos industriais, só vir a implantar na Cidade Industrial poucas escolas do Senai. A primeira foi criada em 25.05.63 e foi denominada Curso de Especialização e Profissionalização - CEP Euvaldo Lodi. A segunda, uma unidade móvel, foi criada em 1978, junto à Euvaldo Lodi, e a terceira, em 1980, localizada no Centro Industrial de Contagem (Cinco).

Além das escolas do Senai serem poucas, o que limita o acesso pelos filhos dos trabalhadores, elas só desenvolvem cursos de aprendizagem para menores de 14 a 18 anos, cumprindo apenas 20% de suas atividades como escola. Os 80% restantes estão em treinamento, aperfeiçoamento e especialização de gerentes e supervisores; administração de cursos técnicos de nível médio; treinamento e especialização de adultos. A respeito da elitização do ensino mantido pelos industriais, a fala de um trabalhador e professor da Escola Tio Beijo revela o distanciamento existente entre trabalhadores e Senai:

"No tempo que fiz o 1º até o 4º ano de grupo, eu estudava com filho de médico. Filho de prefeito aqui de Barão de Cocais estudava junto lá. Hoje os filhos dos encarregados já não estudam junto com os nossos filhos aqui mais. O filho de um encarregado já estuda lá pro Sesi, pro Senai afora, num lugar melhor. O filho do patrão do comércio já está lá no centro da cidade, numa escola que o que eles pagam pra um menino no 1º ano de grupo é o salário que nós ganhamos pra viver com a nossa família durante um mês." (Entrevista com Sr. Manuel, realizada em 02 de outubro de 1986).

Em uma entrevista com um grupo de pais e criadores da Escola Tio Beijo, perguntei-lhes a respeito da participação nas outras escolas da região. Um deles respondeu:

"A diferença não dá nem para discutir. Um elemento, para estudar no Senai da Cidade Industrial, ele tem que tolerar

fila, vamos ver se ele vai passar ou não naqueles testes, é quase um "par-ou-ímpar". Não é fácil, é superdifícil". (Entrevista concedida em 28 de setembro de 1986).

Esses poucos dados e questões a respeito do desenvolvimento da Região Industrial são suficientes para a elucidação a respeito do desinteresse do capital com a educação desses trabalhadores. Por um lado, esse quadro expressa o grau e a situação de abandono em que se encontram os trabalhadores quanto à sua educação nesse rápido e desenfreado processo de desenvolvimento da Região Industrial de Belo Horizonte e Contagem. Por outro lado, esses mesmos dados nos ajudam a afirmar que toda ação realizada pelo capital na área da educação dos trabalhadores é no sentido ou de abandonar ou de institucionalizar para manter o controle.

Ainda de maneira mais direta, o capital, pela ação e interesse dos industriais, cria formas de organização para desenvolver a pedagogia das relações capitalistas de trabalho. Nesse sentido é que se compreende a criação do Senai com atividades limitadas e bem definidas, tendo como objetivo suprir o que a pedagogia do processo do trabalho não consegue devido à complexidade e ao avanço de determinados conhecimentos técnicos.

A instituição Senai, criada pelos industriais adquire sua especificidade onde assegura a sua independência em relação à educação pública. Ainda o fato de essa instituição não ser controlada pelos trabalhadores e sim pela Confederação das Indústrias mostra a que interesse está servindo e que concepção de educação está sendo produzida ali. Enfim, quando a pedagogia da fábrica

não dá mais conta da instrumentalização para as tarefas do processo de trabalho, entram em cena as "escolinhas" nas fábricas e o Senai. Logo mais, em 1946, as indústrias dão um outro passo: criam o Sesi e, em 1976, o Senar, que cuidará da pedagogia na organização do trabalho no campo.

Algumas lutas por construção de escolas — tanto de 1º grau quanto de 2º grau — já foram registradas neste trabalho. Essas lutas, bem como as lutas por extensão de séries e as lutas por criação de creches na Região Industrial têm uma longa história, que ainda continua em nossos dias. Voltaremos a este assunto no item "A Escola de Produção Tio Beijo e a escola Pública".

Estudar a Escola de Produção Tio Beijo dentro do contexto apresentado implica em "desentocar" a idéia do resgate histórico da trajetória dos trabalhadores da Região Industrial de Belo Horizonte e Contagem, onde expressam os cuidados pela sua educação. Estes, ao construir uma das maiores riquezas do Estado, edificaram, mesmo que sob o peso da opressão, formas livres de relações. No campo da educação, lutam pela construção de escola, atuam na vida da escola pública, exigem melhoria na qualidade de ensino e criam sua própria escola. Essas manifestações, sem dúvida, expressam o maior cuidado dos trabalhadores com sua educação, o que representa mais que o farejar de possibilidades emancipadoras: significa um sensível avanço na descoberta de seus caminhos quando, na fundação da liberdade, germina o embrião de sua própria pedagogia.

1.1. Um certo interesse do Setor Secundário pela Educação

Desde o momento da criação do primeiro pólo industrial do Estado, existe uma tímida preocupação, por parte do setor público, com a educação profissional. A iniciativa se manifesta através de um plano para formação de mão-de-obra. A população que veio ocupar os postos de trabalho, especialmente na Região Industrial de Belo Horizonte e Contagem, na sua maioria não possuía qualificação correspondente às exigências dos setores industriais em expansão.

Tal realidade fez com que o poder público, através da Secretaria de Agricultura, Comércio e Indústria existente na época, criasse as conhecidas Escolas Vocacionais. Essas escolas foram implantadas em Uberlândia, Santos Dumont e Belo Horizonte, a partir de preocupações que tinham por objetivo preparar os trabalhadores para atender à demanda das indústrias em plena expansão. Mais tarde, em 1961, elas passaram para a Secretaria do Trabalho, tendo caminhado aos poucos para sua descaracterização como escola profissional, e tomando a fisionomia de escola formal.

A partir de 1963, o interesse dos industriais da Região avança da concepção de educação profissional voltada para atender à demanda do mercado para a criação da Instituição Senai, onde a preocupação básica dos industriais se traduz na criação de uma pedagogia específica do trabalho industrial. O texto abaixo, de Gaudêncio Frigotto, reforça o que foi dito a respeito do papel da instituição Senai.

"Por que Senai e por que Cursos de Aprendizagem? Senai, porque se trata da instituição que é produzida num contexto determinado do avanço do capitalismo industrial no Brasil e por constituir-se, por excelência, numa instituição que se especializa na pedagogia do trabalho industrial, ou na pedagogia do capital, e que vai constituir-se em paradigma de todas as instituições congêneres na América Latina, como de resto vai influenciar Senac e mais tarde Senar. Pode ser, de outra parte, a instituição mais antiga e que melhor, penso eu, pode nos dar uma idéia da especificidade do uso do trabalho, da própria concepção de trabalho como elemento pedagógico no interior da formação profissional."(FRIGOTTO, 1983, 47. p. 39).

Enquanto do lado dos industriais da Região Industrial este contexto se formava por meio da Secretaria de Trabalho do estado, as forças governamentais criavam um programa próprio de Educação Profissionalizante. Com recursos próprios do Estado, a partir de 1977, foi instituído o Programa de Formação de Mão-de-obra em Nível Estadual.

Nesse mesmo cenário estava no palco outro personagem, o trabalhador, que mesmo sendo visto como "coro"³ pela historiografia oficial, fazia eco com a voz de suas lutas em busca de melhores condições de vida. Estavam edificando, ali, dentre outras manifestações as que resultaram nas greves significativas e históricas da região (greve de 1968). Dali emergia o conhecimento orientado pelo interesse de buscar na educação, sua e de seus filhos, a possibilidade real de mudança de vida.

1.2. A Escola de Produção Tio Beijo e a Secretaria do Trabalho

Na época em que a Secretaria do Trabalho colocou seu programa de formação de mão-de-obra em andamento, já havia muitos bairros da Região Industrial organizados em associações comunitárias, conselhos de moradores e comissões provisórias pró-melhoramentos. O Bairro Lindéia, onde está a Escola de Produção Tio Beijo, foi um dos primeiros a entrar no programa. Poucos anos depois, também a Escola Tio Beijo efetivou convênios diretos com a Secretaria do Trabalho. As exigências para a realização de convênios com o fim de ministrar cursos profissionais, segundo fontes da referida secretaria são:

- . Haver infraestrutura (local adequado, ferramentas e outros materiais permanentes).
- . Ser uma entidade registrada (pessoa jurídica).
- . Apresentar um projeto.
- . Ter condições para fazer a prestação de contas no final dos cursos.
- . A clientela deve ser carente.

Segundo fontes da Secretaria do Trabalho, o programa de formação de mão-de-obra não tem um acompanhamento rígido. No entanto, são sempre promovidos encontros das entidades que participam do programa. Esses encontros têm como objetivo a troca de experiências, quando também colhem sugestões das entidades para melhorar o atendimento. Um grupo de técnicos dessa secretaria emite sua opinião a respeito do programa e faz considerações relevantes a respeito da prática educativa desenvolvida

pelas entidades. De maneira especial, tecem considerações relevantes e reveladoras às experiências desenvolvidas pela Escola Tio Beijo e, falando do instrutor como peça fundamental no êxito dos cursos, assim se expressam:

"A situação do Lindéia, a experiência deles, é, na avaliação que nós temos, muito satisfatória. Porque nessa questão da vinculação do instrutor, eles conseguiram resolver. Então ele é realmente, a profissão principal dele é ser instrutor. E eles criaram alternativas ali para a manutenção do próprio curso e do instrutor durante o período em que ele não é instrutor. E, com isso, eles podem contar, investir na pessoa, prepará-la. E já outras entidades não conseguem isso." (Entrevista realizada com um grupo de técnicos da Secretaria de Estado do Trabalho de Minas Gerais em 16 de dezembro de 1986)

Em um outro momento da entrevista com o grupo de técnicos da Secretaria do Trabalho, novamente a experiência da Escola de Produção Tio Beijo é mencionada. Falando do espaço conquistado pelo programa de formação de mão-de-obra, o grupo assim se expressou:

(...)Exatamente, porque a educação formal não dá condição da pessoa se preparar pro trabalho, e o Senai tem uma postura bastante elitista; tanto o Senai quanto o Senac, e é aí que a Secretaria entrou. Nós estamos numa lacuna e isto a gente chama de trabalho supletivo

para atender aquele elemento que ficou à margem do dois sistemas. À margem do sistema formal por não ter frequentado, ou porque o sistema formal também o preparou... À margem do informal porque o Senai e o Senac fazem um nível de exigência que não é todo mundo que tem condição... Eu acho que é bem diferente a formação do Senai pras entidades. É porque, olha bem, a entidade é, pelo menos algumas, no caso do Lindéia principalmente, que tem um compromisso maior com o trabalhador - o Senai tem um compromisso com a empresa... ele não pode ir além, pro aluno ter uma visão maior... Agora se não tivesse o recurso que eles, da Escola Tio Beijo, conseguiram através da Igreja, eles não estariam no ponto em que estão."(Entrevista realizada em 16 de dezembro de 1986)

Além da precariedade já mencionada a respeito da viabilização de um programa de Educação e Trabalho, existe a questão do desinteresse da própria Secretaria do Trabalho como instituição. Sempre há mudanças de cunho político (troca de secretário, por exemplo) que se refletem na estabilidade dos programas e, inclusive, nas suas prioridades e metas. Diversas vezes, para se conseguir a liberação das verbas para os cursos, foi necessário haver muita astúcia por parte das entidades. Até para descobrir se seria mantido um determinado programa, se havia recursos disponíveis, necessitavam de informações de "bastidores".

Para a liberação de recursos às entidades, elas sempre utilizaram diversas formas organizatórias como instrumento de pressão. Nessa situação, a Escola Tio Beijo cumpre um papel importante. Dado seu maior nível de organização e sua maior possibilidade de mobilizar-se constantemente, a Escola do Lindéia tem articulado-se com outras entidades, tanto para discutir a questão da educação como para pressionar as instituições governamentais em busca de condições e melhorias na educação. Esse papel articulador é reconhecido, inclusive, pelo grupo de técnicos da Secretaria do Trabalho do Estado, que, falando das repentinas mudanças na prioridade dos programas da Secretaria, assim se referiu à Escola Tio Beijo:

"O ano passado, 85, segundo semestre, esse ano novamente, pra que a programação fosse viabilizada, nós acionamos entidades e telefonamos — basta telefonar pra uma, que é exatamente a Lindéia, que na mesma hora articula e vem aqui, pressiona. A gente monta uma estratégia, que ralmente nesse ano a gente montou e conseguiu liberar. Mas é sempre com a participação das entidades." (Entrevista realizada em 16 de dezembro de 1986).

As lutas por educação manifestadas pelos trabalhadores na Região Industrial têm assumido formas variadas. As articulações citadas anteriormente para se conseguir liberação de verbas têm fornecido grande aprendizado à população. Há poucos anos atrás, nem chegavam às comunidades às notícias sobre a existência de recursos financeiros destinados a áreas sociais. Hoje a capacidade de mobilização das organizações populares consegue a-

cionar mecanismos de pressão até em Brasília, e até mesmo ir à capital Federal para desvendar os tortuosos e complicados caminhos para se chegar ao tesouro (veja fala do Sr. Manoel em 02 de outubro de 1986, no Capítulo II).

1.3. A demanda por educação é interesse por nova forma de vida

A produção ininterrupta de novos conhecimentos advém do farejar a possibilidade da emancipação que os trabalhadores têm decorrente das suas práticas cotidianas. A partir dessa ação perceptiva, que os indivíduos manifestam através das relações no dia-a-dia, os interesses vão-se alterando de maneira contínua e na medida em que as buscas de seus desejos obtêm êxito. Mesmo que movidas por necessidades de garantir a existência, essas buscas assumem formas expressivas pela intensidade do desejo de emancipar-se. Nesse movimento intenso de buscas, os conhecimentos acumulados da humanidade se tornam mais farejáveis.

É, também, na medida em que se avança na desconstrução das formas de opressão, esses trabalhadores vivem, entre si, relações livres no enfrentamento dos problemas cotidianos. Neste sentido em que se funda a liberdade, abre-se o espaço para se incorporar e se manifestar ali a possibilidade de prazer e educação dos sentimentos. É possível entender que a situação infinita e ininterruptamente prazerosa constitui-se de instantes vitais, incertos e, por isso mesmo, fascinantes, mesmo que sob o peso de relações inibidoras. A partir dessa situação, as aspirações a novas formas de vida se desenvolvem numa trajetória em que os indivíduos se juntam ou se separam na conquista de reais interesses para sua existência.

A construção de escolas do interesse dos trabalhadores, a exemplo da Escola Tio Beijo, numa região de profundas contradições próprias de desenvolvimento industrial capitalista representa uma caracterização resultante de longas lutas por educação. No entanto, essas lutas ficam, há muito tempo, completamente à margem da historiografia da Região Industrial de Belo Horizonte/Contagem.

A historiografia tradicional toma as lutas orientadas pelo movimento sindical e pelos políticos como as únicas fontes para sua explicitação, deixando no silêncio as manifestações que expressam os cuidados dos trabalhadores com sua escola. Entretanto, o fato de existir essa situação silenciosa não torna a questão da escola uma virtualidade. Ao contrário, num caminhar próprio o movimento busca novas formas de existir, descobre caminhos nunca percorridos e conquista saberes nunca farejados, que vão desde o silêncio até as formas mais elevadas de organização que a referida historiografia não capta.

Sempre que esses trabalhadores se unem e se organizam para buscar seus interesses, encadeiam ações em diversas direções, e todas elas acabam tomando um sentido contra o capital. Dessa forma, ao mesmo tempo que travam uma luta em busca do saber, eles desenvolvem entre si relações de não-opressão, e criam sua própria escola. A partir daí, legitimam inclusive sua influência no ensino oficial, através de sua presença e da de seus filhos, bem como pela exigência sobre o tipo de escola que lhes interessa.

A existência de um novo tipo de escola na Região Industrial se tem firmado pela prática de seus criadores e dos atuais integrantes. Seus participantes, no cotidiano, agem como trabalhadores, como moradores, como indivíduos com direito à saúde e ao prazer, e como al

guém interessado em produzir conhecimentos que abram caminhos para a sua emancipação. Nessa perspectiva, a garantia de sua sobrevivência começa pelo envolvimento em lutas por mais escolas no bairro e por um novo tipo de educação que lhes interesse e que tenha sua marca e seu controle.

Impulsionando o movimento pela melhoria do ensino público na região, de maneira especial, o trabalhador age e experimenta mil formas para sustentar a edificação da escola que lhe convém. Ombreou, no ano de 1984, juntamente com outros centros profissionalizantes e mais de 50 entidades comunitárias, a tentativa de conquistar mais meios de ensino técnico para a Região Industrial. Mais à frente falaremos sobre a tentativa de se trazer unidade da Utramig para Contagem.

Outra prática expressiva tem sido a tentativa, a partir do bairro, de estender a ação da Escola Tio Beijo, dando atendimento aos trabalhadores dos bairros vizinhos. Essa medida estabelece que 50% das vagas sejam oferecidas aos filhos de moradores do Bairro Lindéia e 50% aos bairros mais próximos, tendo, assim, o objetivo de beneficiar um número maior de filhos de trabalhadores. Visam, dessa forma, incentivar outras comunidades na edificação de uma outra educação que contribua nas transformações sociais.

Algumas falas de moradores, alunos, ex-alunos e coordenadores servem para expressar a concepção de escola que a partir do silêncio os trabalhadores, sem pressa, edificam. Assim se expressou um dos coordenadores da Escola Tio Beijo:

"No começo a gente tinha uma dificuldade muito grande de arrumar serviço. Então, quando a gente pegava um serviço que ia dar um bom dinheiro, a gente trabalhava pra valer, mesmo. Muitas vezes a gente chegava até uma ou duas horas da manhã. O Padre Miguel pegava à meia-noite e ia até de manhã, para não deixar atrasar o serviço. Aquele serviço iria dar um dinheiro para poder manter. Era uma dificuldade muito grande, porque não havia verba nenhuma. E o dinheiro que eu ganhava lá muitas vezes não dava nem para fazer a despesa da minha casa. Na época que o Lírío saiu do seminário e foi morar lá em casa, ele teve que trabalhar para ajudar, porque o dinheiro da oficina não dava. Foi uma insistência muito grande, nossa, para continuar. Teve época que a gente achava que não ia dar mais pra levar. Estava sendo impossível, porque se eu fosse sair de lá para trabalhar noutra lugar, não teria condições de dar aulas. A gente chegava a quase desistir. Mas de repente a gente lembrava daquela idéia, que a gente ia conseguir uma escola boa. Uma escola que fosse, mais ou menos, o que hoje temos, que tivesse condições de muita gente participar, que a participação iria trazer um desenvolvimento melhor na escola, iria ter condição de produzir e com a produção poder ter um salário que dava para viver, como está dando hoje. Uma escola que tem

sustentação própria, que está servindo não só ao bairro Lindéia, mas a outros bairros também. Nunca a gente chegou a pensar que iríamos conseguir o que é hoje: uma escola bem arrumada, uma boa estrutura e um processo de educação dentro desse esquema. A nossa vontade era de formar profissionais e que fosse bons profissionais. Porque a gente acredita no seguinte: que se o cara for um bom profissional, ele tem uma segurança no trabalho e consegue emprego fácil. Ele tendo segurança, pode participar mais de sindicato, ter consciência, para lutar e poder melhorar não só para ele mas para a classe dele também." (Entrevista realizada em 22 de setembro de 1986 com Roberto, um dos criadores da Escola "Tio Beijo" e atual coordenador da área de Tornearia).

Um dos participantes da Escola Tio Beijo e pai de aluno também diz:

"Eu acho que para ajudar a população a viver em um mundo diferente, acho que depende desse trabalho que vocês vêm fazendo. Por exemplo: o aluno, aqui na escola, passa por diversas aulas. E não só uma aula da profissão que ele está aprendendo, mas ele aprende muita coisa. Aqui ele passa por uma aula de sindicato, passa a entender como vai agir dentro de uma fábrica, quando for um operário. Ele está preparado para poder

enfrentar um mundo diferente, que é uma coisa que nós precisamos muito".

(Entrevista realizada em 02 de outubro de 1986 com Sr. Joaquim).

Um morador e instrutor da Escola Tio Beijo fala a respeito da participação dos trabalhadores na conquista da escola de 2º grau para o bairro:

"Foram uns alunos com a gente também, porque alguns já tinham feito o curso e já estavam estudando lá, e outros tinham a possibilidade de continuar os estudos deles, fazer o 2º grau. Então acho que foi muito importante essa luta nossa aí. E a gente procura sempre colocar tudo que nós encontramos aqui com essa finalidade. Inclusive até os próprios vicentinos, eu participo dos vicentinos, também, pra empurrar os vicentinos na luta, porque eles estão mais na base de religião. Eu procuro fazer uma ligação da fé e da política com eles, é muito difícil eles aceitarem, mas vêm aceitando. Já temos um grupo bom que já está lutando aí para melhorar as condições de vida."

(Entrevista realizada em 02 de outubro de 1986 com um fundador da Escola).

Fala a seguir um ex-aluno, expressando o que significou para ele ter conhecido a Escola e ter feito um curso nela:

"Eu comecei a estudar na Escola Tio Bejo em meados de 83 a 84, e já vai pra cerca de dois anos que a gente concluiu esse curso e, com esse período, a gente teve oportunidade de conhecer bastante a respeito de conhecimentos que a gente não participava, não tinha uma experiência adequada. E através desses conhecimentos a gente pode aperfeiçoar a capacidade profissional e também ter contato com pessoas que a gente não tinha conhecimento e adquirir deles coisas que a gente não estava por dentro, e eles obterem o conhecimento também da pessoa que a gente era, que pessoa que a gente não era. Nesse período, nós tivemos, inclusive, oportunidade de dialogar, de ter conhecimento de pessoas até do exterior. Essas pessoas puderam também nos ajudar bastante naquele curso que a gente estava com ele em andamento. E a gente se sente feliz em dar vários esclarecimentos. A Escola Tio Beijo sinceramente marcou na minha vida como trabalhador, ela deu esclarecimentos da capacidade que a gente possuía e realmente está de uma certa forma — de certa forma se a gente tem um esclarecimento adequado, se a gente tinha tal capacidade e através do curso que a gente fez, a gente pode ter oportunidade de comprovar, e tal capacidade só é conseguida quando a pessoa procura ter um esclarecimento, procura uma escola de alto nível como é a Escola Tio Beijo.

"Através dessa escola eu pude obter várias coisas de proveito pra minha vida profissional, pra minha vida no lar com a família; pra minha vida com colegas e amigos." (Entrevista realizada em 30 de outubro de 1986 com Ricardo, ex-aluno da "Tio Beijo").

Por sua vez, outro ex-aluno expressa seu modo de ver a Escola Tio Beijo, apontando um aspecto relevante captado pela sua participação no curso:

"É, tem a diferença política — assim, na parte da formação profissional é igual. Agora, o que é bom hoje na vida do elemento não é a parte profissional porque profissão hoje cê já viu, né? O Brasil com o salário que existe, o cara ser profissional, ou não, ele vai ganhar o mesmo salário, que é uma repressão "fudida" que existe aí. Agora, a tentativa da escola é de um socialismo, socializar; é por aí que começam as coisas. A única vantagem que eu vejo é a parte política. E no restante é igual às outras escolas. E o que a gente precisa hoje é essa parte política, pra alcançar um socialismo no Brasil". (Entrevista realizada em 07 de novembro com o ex-aluno Simão Celso de Oliveira).

Algumas falas de alunos, ex-alunos e moradores do bairro expressam a concepção que possuem sobre as novas formas de vida conquistadas nas experiências vividas na Escola Tio Beijo, mostrando a importância delas no

seu cotidiano. Um morador antigo do bairro e funcionário da escola assim se expressa a respeito dos alunos:

"É um pessoal educado, que sabe a hora certa de conversar, são pessoas já estudadas, que aqui não só se estuda máquinas; estuda história, estuda o Brasil todo, a classe operária. É nisso aí que se fundamenta a formação do aluno, que ele sai bem formado, é uma pessoa que sabe a época, como acontecem as coisas e porque acontecem, porque o aluno tem aulas teóricas, tem aula prática tem aula de tudo. Então ele sai daqui formado, capacitado para enfrentar o nosso dia-a-dia". (Entrevista realizada com Sr. Severino, funcionário da escola, em 29 de outubro de 1986).

Um ex-aluno, atualmente trabalhador em uma fábrica da Região Industrial, registra assim sua vivência:

"Em termos de aprendizagem foi uma aprendizagem muito bonita, tanto no conteúdo mecânico quanto no conteúdo de vivência porque lá nós fazíamos diversos movimentos, nós fazíamos coisas que realmente em outras escolas não tem. Tem uma certa participação do aluno, mestre e pai. Então, nós temos essa participação, aquela participação ativa; vem político, vem pessoal da comunidade, então nós discutimos diversos assuntos e conversamos, nós não deixamos passar pra trás aquilo que nós achamos que está errado. Então, portanto, uma das coisas que eu aprendi

lá foi tentar corrigir um erro sempre quando houver um erro; não deixar o erro pra depois. Porque dentro de uma fábrica, por exemplo, que aprendemos lá que se o patrão estiver dentro de um certo contexto, te prejudicando, fazendo com que você possa levar prejuízo, que você perca com isso, nós aprendemos lá na Tio Beijo a gritar pelos nossos direitos. Então, teve uma posição de vida muito bonita que nos fez realmente ver o mundo que estava quase estranho, desconhecido pra nós. Na Tio Beijo realmente nós vimos certas coisas que gravou muito, nos ajudou muito, tanto como mecânico como espiritualmente."

(Entrevista realizada em 25 de novembro de 1986 com o ex-aluno Cláudio, hoje operário na Região Industrial).

Declara outro ex-aluno, expressando a satisfação de seu interesse por nova forma de vida em vista dos desejos futuros:

"O que eu mais gostei aqui na Escola Tio Beijo é como os alunos se relacionam com os professores, que antes de eu entrar aqui, eu nem imaginava que um alunopudesse se relacionar com professor igual se relaciona aqui, de "papo", conversando normal. E aqui na Escola Tio Beijo todo mundo fica por dentro da realidade do mundo lá fora, porque nas outras escolas aí, estaduais aí, fica só na teoria, nessas histórias antigas aí, e a Escola Tio Beijo, ela informa

a gente do que está acontecendo lá fora atualmente, ensina a gente a criticar as coisas, a defender os nossos direitos. Então, isso aí, eu acho que está satisfazendo muito aquilo que eu quero saber, está me preparando para um bom futuro." (Entrevista realizada com um grupo de ex-alunos em 07 de novembro de 1986).

Alguns ex-alunos e alunos da Escola Tio Beijo que frequentam também o 2º grau no Colégio Padre Penido Bournier assim se expressaram, demonstrando seu apreço ao tipo de escola criada por eles:

"Eu acho uma coisa que eu mais gostei foi assim mesmo esse trabalho que eles levam assim de companheirismo entre a turma, a gente ser colega e companheiro um do outro, esse trabalho que a gente faz aí por fora, tipo conscientização, isso eu acho uma coisa que veio partindo dentro de mim, uma coisa muito boa, como a gente age aqui dentro e tudo assim que... falar a verdade, eu gostei foi de tudo, não teve isso que eu não gostei".

"No primeiro ano, eu entrei aqui no curso, aí vi que os professores eram legais até demais, e então a gente começou a fazer aquela baguncinha nossa, o professor é legal. Então, quer dizer, o primeiro ano foi um ano de entrosamento muito importante, agora, esse segundo ano que é tornearia, a gente começou a dar mais valor ao curso porque sabe que é uma coisa muito importante. A

gente aprendeu muita coisa diferente. Então, é importante cada um de nós se dedicar a uma coisa diferente, diferente mesmo, igual aqui eles ensinam o preparo de um operário, os nossos direitos e deveres. Conheci também muitos amigos, pessoas legais até demais. Então, são coisas importantes que a gente passou por esses dois anos. Eu acho que tinha muito mais coisas pra gente ver ainda, mas acho que o tempo está muito curto, a gente devia aprender muito mais coisas entre nós mesmos. É uma coisa muito importante e eu aconselho a vocês a continuarem dando valor a tudo aquilo que a gente faz de diferente."

"Eu como ex-aluno de lá eu posso falar que lá realmente a gente levanta e o pessoal é interessado mesmo em aprender, não no conteúdo que terá as matérias. Aqui já é diferente, porque aqui quando a gente vem pra cá a gente não vem com tanta vontade de estudar igual lá."
(Entrevista realizada em 29 de outubro de 1986)

O empenho das mães dos alunos da Escola Tio Beijo também expressa o desejo e a busca de novas formas de vida através da escola. Assim se expressaram algumas mães de alunos da Escola Tio Beijo, quando perguntadas a respeito de sua participação no dia-a-dia da escola e sobre a sua importância para elas:

"Foi uma reunião que teve no início do ano. Então o Lírio conversou com a gente e procurou saber quais as mães que poderiam vir. Então, muitas dizem que trabalham, outras dizem que tinham muita criança pequena, que não dava pra vir; mas pra mim não houve problema. Então eu aceitei, principalmente na primeira semana foi eu que comecei."

"Cada uma mãe vem fazer a merenda. Por isso que eu nunca deixei de vir — pra fortalecer a alimentação — porque eu falo, tem muitos meninos que não têm condições de tomar um café. Agora eu acho que todas as mães deveriam de dar um apoiozinho pros filhos, que é isso que falta, apoio de uma mãe. E tem mãe, não sei se é porque eu tenho o coração bom demais, não digo só pros meus filhos, mas pra qualquer uma pessoa que necessita, eu gosto de ajudar num trabalho, porque em finança eu não tenho mesmo."

"Eu faço isso pra ajudar ele, ajudar o filho. Eu acho que vindo aqui, ele fica mais interessado e mais entusiasmado. Eu vindo ajudar eu acho que ele tem mais entusiasmo aqui — participa melhor."

"Eu acho que é uma ajuda, é a única ajuda que os pais podem dar pros filhos aqui é colaborando com a merenda, vir fazer a merenda."

"Sobre o "convivimento" dos professores com os alunos; qualquer reclamação que tem todos os alunos são bem atendidos, qualquer problema que tiver, ou qualquer um que eles chegar pra conversar, os problemas são solucionados."

(Entrevista realizada em 29 de novembro de 1986).

Um outro grupo de alunos assim se expressou, também a respeito da participação das mães na Escola Tio Beijo:

"As mães dos alunos que somos nós, é uma dificuldade muito grande porque elas trabalham de dia dentro de casa, são donas de casa e mesmo assim elas fazem um grande esforço pra vir aqui fazer a nossa merenda."

"Ah! participa também nas reuniões de conselho de classe, elas mesmas têm a própria liberdade...".

"Ela não só esforça também vindo aqui fazer a nossa merenda, mas como também elas participam das reuniões, uma maneir

ra de democratização porque elas mesmas têm uma liberdade de mudar alguma coisa na escola e também ver o nosso rendimento através dos boletins."

"Eu quero completar só uma coisa nessa questão, que eu acho que a maior contribuição das mães aqui é o incentivo assim no sentido de nos incentivar pra dar continuidade ao curso aqui que nós estamos levando. Eu acho que isso é o maior apoio que elas nos dão, é o incentivo mesmo aqui, e colaborando com nós na execução da nossa merenda que é uma coisa muito discutida aí. Eu acho isso muito interessante mesmo, eu gostaria que continuasse essa participação delas." (Entrevista realizada em 07 de novembro de 1986).

Para ampliar mais a noção de que "a demanda por educação expressa interesse por nova forma de vida", investi também no exame do material da avaliação bimestral de outubro de 1986, aplicada pela coordenação pedagógica às turmas de Tornearia e Ajustagem. Dos dados examinados, achei oportuno registrar o testemunho de quatro grupos de alunos sobre a satisfação de suas expectativas ao entrarem para a Escola Tio Beijo. Do questionário examinei a seguinte pergunta:

"Quando entrou aqui, você tinha uma expectativa. Você acha que ela está sendo satisfeita? (Pergunta extraída do material de avaliação de outubro de 1986) A esta pergunta os alunos dos quatro grupos, num total de 58, responderam expressando satisfação quanto a três aspectos:

- a) Sobre a segurança no domínio dos conhecimentos técnicos, tanto teóricos quanto da prática na escola.
- b) Enaltecimento da qualidade da educação quanto à valorização do homem e da justiça social.
- c) Relevância na alteração ocorrida com eles sobre a maneira de conceber o mundo. Quanto à concepção de mundo, muitas vezes tomam-na como conscientização. Ainda estão presentes, nas entrevistas de alunos e ex-alunos já citadas neste capítulo, falas que mostram a Escola Tio Beijo desenvolvendo uma prática educativa que tem dado conta dos aspectos da segurança pelo domínio técnico, da valorização do homem e do êxito quanto à contribuição da escola para a compreensão da realidade.

Todas as falas já transcritas dos moradores, funcionários e coordenadores expressam um testemunho à prática da Escola Tio Beijo a respeito dos aspectos acima mencionados. A Escola de Produção Tio Beijo, na realidade, não está acabada; entretanto, já se delineiam algumas características expressivas de novas formas de relação criadas entre os trabalhadores enquanto edificam a escola que lhes interessa.

1.4. A escola não passa o aluno; ele é quem passa pela escola

É comum depararmo-nos com concepções resultantes de teorias que, presentes também no processo educativo, revelam uma visão de educação que toma o aluno como simples receptor dos saberes que a escola distribui. À escola caberia a tarefa de distribuir determinados conhecimentos julgados suficientes aos alunos na sua prepara-

ção para "servir à sociedade". Para atuar então nessa perspectiva, são organizados e aplicados modelos que nas relações de aprendizagem seriam desenvolvidos no intuito de habilitar o "cidadão" para se adaptar num mundo hierarquizado. No mínimo, dentro de qualquer modelo desses a horizontalidade nas decisões não existe.

Os trabalhadores, como "coro", são excluídos das decisões e, conseqüentemente, dos benefícios. Alunos e pais de alunos, em geral, são tão estranhos à vida da escola sistêmica que sempre estão com a sensação de estarem fazendo algo errado. Os dirigentes das escolas formais assumem uma tal visão de mundo e uma postura de poder sobre os alunos que estes, muitas vezes, vivem até sentimentos de culpa pelas deficiências da educação.

Essa realidade está claramente expressa na constituição das escolas técnicas, especialmente Senai, Sesi e outras. Não é de se estranhar que nenhuma instituição dessas tenha em sua direção organizações representativas dos próprios trabalhadores. O Senai e o Sesi são exemplos disso, como já vimos atrás, pois têm como preocupação básica fabricar a cabeça do homem trabalhador e intervir em diversas áreas sociais, de saúde, habitação, alimentação, dentro de um caráter paternalista.

Para dar conta disso, da parte da escola oficial há uma estruturação e uma atuação no sentido de veicular informações que preparem os indivíduos para o desempenho de papéis já predeterminados. Essas informações, inclusive, têm a força de, por um lado, direcionar a vida das pessoas (os trabalhadores), incutindo-lhes uma maneira de olhar o mundo como já acabado, pronto, engenhado dentro de uma lógica, uma ordem e uma moral, fazendo com que desde o nascimento os indivíduos ajam pela opressão,

colocados de cabeça baixa diante da vida. Por outro lado, enquanto a educação tradicional trabalha no sentido da distribuição de conhecimentos informativos, mantém, pelo controle do processo, pela prática instrumentalizadora, pela disciplina da imposição e do medo uma "ação educativa" que só vem sustentar uma concepção de mundo calcada na razão.

Enquanto a escola atua na perspectiva da informação das pessoas, voltando-se para uma visão de morte ao passado, de culto à personalidade e de esperança no futuro, sufoca as possibilidades emancipadoras do presente. Estas, além de serem reprimidas no dia-a-dia, são também contidas na porta da escola quando, ali, são barrados os sentimentos e as emoções. Abalando e minimizando tudo do corpo e dos sentimentos, uma cadeia de grandes conceitos universais está presente na concepção de educação veiculada pelo sistema educacional oficial. Essa cadeia de conceitos é sustentada por uma lógica que estabelece a partir da Razão a verdade da ciência, da ordem, da consciência e da produção. Enquanto essa cadeia dos grandes conceitos vai sendo montada, inclusive com ajuda da escola, seu peso opressor dificulta e silencia possibilidades de outras dimensões, que compreendem as áreas dos desejos e do corpo.

As verdades dos grandes conceitos fundados na unidade são atacadas por Jacques Derrida. Criando a palavra desconstrução, o autor ataca a concepção conhecida por logocentrismo, cujo berço secular se acenta no Ocidente. O logocentrismo, no Ocidente, representa uma concepção que somente consegue pensar pelo logos, que na língua grega nada mais significa que palavra, espírito, razão. Com o mundo ocidental concebido dentro do logocentrismo, não sobra lugar para nada que não se dê em razão

que se faça sem a unidade da ciência, que seja fora da lei, que perturbe a ordem e que não tenha vínculo com a produção.

É preciso remover o peso dos grandes conceitos, é preciso desconstruir a força maiúscula que cultiva a hierarquia, que sustenta o verticalismo. Esta força da razão, espírito e palavra só se tem desenvolvido à custa ou por meio da opressão que silencia as manifestações de corpo, emoção, desejo, inconsciente etc.

A organização verticalizada da Instituição Escolar fundada na racionalização confere uma excelência tal à escola sistêmica que a leva inclusive a ter poderes sobre o aluno. Vigia sua liberdade, tenta impor-lhe um padrão de comportamento, interferindo inclusive na modelagem do corpo do aluno pela exigência da atividade de educação física, que tem ainda o caráter de disciplina militar.

Pela opressão da linguagem dominante, pela prática histórica do sistema educativo oficial, fica nítida a imagem da Instituição Educacional como organismo promotor do progresso de uns e retentor do progresso e da liberdade de outros. A imagem do retentor aqui implica uma concepção de escola que nada mais nada menos se traduz pela ação de conduzir e passar o aluno ou retê-lo por um processo de avaliação autoritária.

Na Escola de Produção Tio Beijo a contradição decorrente da concepção de "escola que promove o aluno" está, de certa forma, sendo aflorada e enfrentada. Por ter uma prática mais coletiva, esta concepção se traduz na construção material do espaço escolar, na participação de alunos nos programas da escola, na participação dos pais na vida escolar e pelas experiências de vida terem espaço especial no cotidiano da escola. Enfim, cons-

titui-se numa ação desconstrutiva do modelo autoritário de educação. As relações que no dia-a-dia vão sendo criadas pela prática integrada da escola contam com a decisão do aluno. Os conhecimentos alcançados pelo conjunto dos participantes da escola são orientados por interesses com significados que transcendem às necessidades imediatas deles como trabalhadores.

As formas livres de relação que na Escola Tio Beijo são vivenciadas por eles constituem condições fundamentais para sua emancipação. A situação de experimentar, vivenciar diariamente a liberdade para decidir, conquistar uma postura de cabeça erguida diante do mundo, conseguir abrir o caminho da compreensão da realidade sem dar a ela uma imagem acabada e definitiva, desconstruir as barreiras que estão aceirando o campo dos sentimentos e do corpo implica mais uma expressão da autonomia edificando a emancipação. Tal experiência se tem manifestado ali, apesar da existência de forte opressão no cotidiano desses trabalhadores.

Estudar na Escola de Produção Tio Beijo significa para os alunos uma passagem durante a caminhada em busca de novas formas de vida. Para eles, essa escola é um meio e um ponto de apoio que impulsiona à vivência de experiências libertadoras. O aluno-trabalhador, buscando novas formas de existência, tem experiências emancipadoras devido à sua prática integrada do cotidiano. É a partir da possibilidade de vivenciar experiências que a Escola Tio Beijo tem conseguido não só instrumentalizar bem o aluno, mas também ajudá-lo a captar e agarrar as possibilidades emancipadoras existentes no tempo de agora.

1.4.1. Quando os alunos retornam à Escola Tio Beijo

Os navegantes, na Idade Média, traziam no espírito de aventura a incessante satisfação e o prazer em chegar a cada novo porto. Um redobrado sentimento de segurança e prazer invadia, no entanto, sua alma nos momentos de retorno a cada porto dantes conhecido. Ali haviam florescido suas emoções e reabastecido seus sentimentos e conhecimentos com suas narrações de viajante que cruzam as experiências dos sedentários. O porto seguro era o reabastecedor das energias e de coragem para zarpar novamente contra as ondas do bravo mar.

O mar, para o navegante, com toda sua beleza, no dia-a-dia torna limitado tudo. Ele é seu posto de trabalho. É por isso que todo porto para o navegante representa um lugar seguro e simboliza sua liberdade. No porto conhecido, as conquistas dos saberes e as vivências das emoções nunca deixam de atraí-lo ao retorno. Retornar às coisas prazerosas experimentadas, às fontes de saberes novos da vida, às experiências edificadas com as formas livres de relações tem sido uma prática indiscutível da humanidade.

Uma escola aberta, nos moldes da Escola de Produção Tio Beijo, tem para seus alunos a semelhança daquele porto seguro dos navegantes. Os alunos que passam pela Escola Tio Beijo se transformam, e ao se transformarem alteram velhos hábitos cristalizados nas suas formas de organização, inclusive da escola. É nesse sentido que uma escola como essa traz características diferenciadoras do modelo de instituição escolar do sistema. Tal diferenciação acontece, especialmente, pela presença dos alunos-trabalhadores no

dia-a-dia dela. Os alunos têm nela um espaço onde criam formas de organização para a solução de seus problemas.

Também da parte dos professores da Escola Tio Beijo há uma veiculação da concepção de educação, que toma o aluno como sujeito. Acreditam que os alunos, ao passarem pela escola, imprimem nela suas marcas; desenvolve-se, desta forma, uma relação entre aluno e escola que o coloca como agente no processo. Isso nos leva a pensar, então, que o aluno se promove, ao invés de a escola promovê-lo. Tal concepção de escola tem sua sustentação e sua expressão cotidiana nas diversas formas de relação entre a Escola Tio Beijo e seus usuários. De maneira especial esta concepção ganha maior vitalidade nas relações solidárias e afetivas construídas entre os alunos.

Considerando o que foi exposto atrás, entendo que sobre o retorno dos ex-alunos à Escola Tio Beijo cabe uma análise específica relacionada com a passagem deles ali e as situações de seu retorno. Para compreender melhor o que significa o retorno dos ex-alunos à Escola Tio Beijo, citarei algumas falas deles e de moradores que depuseram sobre os motivos e interesses presentes nessas situações. Antes disso, é importante frisar que os alunos que retornam à escola de início dão um testemunho da sua confiança na qualidade e capacidade dela em ajudá-los na solução de seus problemas. Os motivos que orientam os alunos ao retorno são muitos, e vão desde as necessidades de lazer, amizades, participação em reuniões, interesses políticos e participação em encontros que visam buscar melhorias para a comunidade até as de conhecimentos relativos à área profissional.

De forma mais abrangente, o retorno dos alunos à Escola Tio Beijo traduz-se por três grandes motivos e interesse, que já não são só deles como alunos, mas de todos os trabalhadores. Primeiro, pelo interesse ininterrupto do indivíduo em viver a vida, dando-lhe um sentido que expresse, no seu meio, aquilo que ele deseja no fortalecimento de sua identidade. Segundo, pelo interesse que suscitam as modificações decorrentes do avanço tecnológico, constantemente exigindo a busca de novos conhecimentos. E terceiro, pela possibilidade de revitalização devido à possibilidade da manifestação dos sentimentos. As falas a seguir expressam os motivos e as situações em que os ex-alunos retornam à Escola Tio Beijo. A esse respeito, um dos coordenadores assim se expressou:

"Eu acho que o pessoal gosta daqui. Eles gostam de vir aqui, ver, contar onde eles estão trabalhando, o que estão fazendo. Acho que o pessoal se sente bem em vir aqui. Por exemplo, se fez um curso, retorna aqui e fala que arrumou um serviço. O pessoal vem aqui, senta aí, fica falando, a gente conversa sobre o trabalho deles. Eles gostam de vir aqui para conversar. Eu acho que o pessoal se sente bem aqui, então eles vêm e contam tudo que eles estão fazendo, onde estão trabalhando. Agora, concretamente, eu não sei por que eles voltam. Tem gente que volta aqui para treinar de novo e aí eles vêm aqui e ficam o dia inteiro, às vezes. Mas o pessoal volta para cá, sempre tem

gente que volta. No final de semana você vê que o pessoal está aí, sempre estão retornando. Às vezes é para fazer um teste. Às vezes eles estão trabalhando numa função que não é a deles. Então conseguem pegar um teste numa outra fábrica, ou numa própria fábrica conseguem mudar de ramo, então eles têm que treinar para poder se adaptar de novo. Tem rapaz que fica aí duas ou três semanas treinando direto, na plaina, no torno, na furadeira. Muitos retornam mais à noite porque durante o dia eles trabalham, então é à noite que o pessoal retorna mais. Então muitas vezes à noite tem gente aí." (Entrevista realizada em 29 de setembro de 1986).

"Às vezes é para fazer um teste. Tem gente que volta aqui para treinar de novo, pois querem se especializar num outro ramo que não é o deles". (Entrevista com um grupo de pais de alunos realizada em 25 de setembro de 1986).

Os alunos também se expressam a respeito do seu retorno à Escola Tio Beijo:

"Uma vez eu voltei lá porque estava com muito tempo que eu não estava pegando nas máquinas que eu trabalhei, porque estava trabalhando em firma diferente. Aí um dia à noite que eu faltei de aula aqui na escola pública,

eu fui lá pra cima; eu e um colega meu, pra mexer na máquina, conversar com os professores, relembrar. E quando eu preciso também, eu sempre vou lá, eu já fui lá muitas vezes; igual uma época que eu estava querendo aprender a afiar ferramenta que eu tinha esquecido, a plaina, que eu estou trabalhando na plaina agora, fui lá em cima. O Cristo me ajudou e já estou beleza de novo — além dos companheiros de serviço que estavam lá também me ensinaram. É um cara que tinha saído, eu fiquei no lugar dele e ele me ensinou muita coisa. Aí eu ia pra escolinha lá pra desenvolver mais porque já tinha muito tempo que eu não pegava — foi em 84 que eu fiz ajustagem. Ex-aluno que ir lá querer um apoio, aposto que consegue. Os professores ajudam muito os alunos; qualquer dúvida, eles estão sempre lá." (Entrevista realizada dia 29 de outubro de 1986).

"Eu digo ao senhor assim: eu volto muitas das vezes como passeio para rever os amigos, mas estou sempre consultando o Tio Beijo em opiniões, em pesquisas que lá realmente tem uma pequena biblioteca, mas uma biblioteca riquíssima em conteúdo realmente fantásticos. Então quando eu necessito de algo mais, que eu vejo que esse algo mais eu vou encontrar só no lugar

realmente onde que eu tenho um apoio como se fosse uma família; eu retorno lá porque lá eu tenho realmente amigos que eu posso falar: este é meu amigo, este eu almejo alguma coisa e consigo. Porque na escola não tem o material adequado, então eu volto ao Tio Beijo para rever os amigos para fazer-se uma pesquisa bem feita, uma pesquisa enriquecida, para se fazer um trabalho para ajudar os mesmos. Às vezes, quando eu tenho alguma dúvida no trabalho, em questão profissional, eu vou lá, pergunto a eles como se faz na fábrica, eu me saio muito bem. Então, quer dizer, em termos profissionais, em termos culturais, em termos amigáveis também, eu retorno ao Tio Beijo. E fico muito grato a eles de ter me dado realmente essa vivência, essa experiência nova que eu não conhecia e acabei conhecendo, de estar perto deles."(Entrevista realizada em 25 de novembro de 1986 com o ex-aluno Claudio).

"A gente tem tido notícias de alunos que voltam para aperfeiçoar na área profissional, como, por exemplo, eu tive conversando com um colega há poucos dias lá, ele estava fazendo um outro curso e, inclusive, eu tive dizendo pra ele que a gente tem que fazer todo esforço pra não desperdiçar esse curso que a gente obteve

lá, que é um curso que foi obtido com bastante esforço de todos aqueles que participaram dele. Então existem vários colegas que de vez em quando estão indo, voltando à escola, mantendo contatos, porque esse curso, ele, a pessoa querendo aprimorar ou ter um melhoramento profissional, ele tem oportunidade, lá eles mostram interesse em ajudar, e é uma escola que no meu modo de dizer foi uma das melhores escolas que eu já participei até hoje. Eu estou com 38 anos, e essa escola me deu esclarecimentos de que realmente as pessoas devem estar sempre com esperanças para o dia de amanhã porque ali na escola Tio Beijo nós temos encontrado vários recursos profissionalizantes que asseguram o trabalhador para o dia de amanhã; quer dizer, é uma segurança que as pessoas todas têm porque nós vivemos é do trabalho, é dos compromissos que nós temos para com a família, para com os colegas, para com outras pessoas que nos rodeiam. Então nessa escola nós tivemos a oportunidade de falar com as pessoas, tivemos oportunidade de aprender das pessoas e também continuamos naquele mesmo ritmo de ter entendimento e dialogar com as pessoas que fazem parte da direção desse curso e que trabalham lá como professores e alunos e que de uma certa forma dirigem a Escola, como, por exem-

plo, o Padre Miguel, o Padre Baíge, o Lírio, pessoas que trabalham lá no ramo de, podemos dizer, de direção. Também essas pessoas, elas têm uma condição de poder estar sempre na esperança de melhoria e lutando porque essa escola lá é uma escola que nós temos tido oportunidade de participar e de perceber que lá tem um maquinário realmente bem organizado e pessoas capacitadas pra poder orientar e ensinar os alunos aquilo que é necessidade para as suas vidas profissionais." (Entrevista realizada com um ex-aluno dos mais antigos da Escola em 30 de outubro de 1986).

Além dos aspectos já apontados na apresentação das falas dos ex-alunos e alunos a respeito dos interesses e motivos do retorno deles à escola, um outro fator se evidenciou ao examiná-las e ao transcrevê-las aqui. A escola, para eles, tem aparecido em quase todas as entrevistas como um ambiente de reencontro de amigos, de bate-papo descontraído sobre as dificuldades e novidades do mundo do trabalho; tem aparecido como espaço de manifestação das emoções e sentimentos que as relações opressoras do cotidiano estão abafando.

O peso do cotidiano desses trabalhadores, desde as relações do espaço de trabalho até as relativas à área social (saúde, habitação, transporte, educação) tem sido caracterizado por um despotismo de novo tipo. Este vem traduzindo ora o abandono dos oprimidos, ora o controle pela repressão dos seus interesses. A necessidade de um espaço onde os sentimentos e emoções se expressem livremente está cada dia mais evidente. Des

sa forma, o retorno dos ex-alunos à Escola Tio Beijo tem representado uma busca de revitalização e segurança para enfrentar o cotidiano, inclusive do mundo fabril. Simone Weil fala dos efeitos do despotismo presente nas relações do trabalho, fazendo a seguinte análise:

"O operário não sofre somente a influência de pagamento. Ele sofre porque na atual sociedade está relegado a um nível inferior, porque está reduzido a uma espécie de servidão(...).A classe operária sofre por estar sujeita à vontade arbitrária dos quadros dirigentes da sociedade, que lhe impõem, fora da fábrica, seu padrão de existência e, dentro da fábrica, suas condições de trabalho. (...)O fato de que se queria tanto esquecer, o fato de que não se está em casa na fábrica, o fato de que não se tem nela o direito de cidadania, e o de que cada um é um estranho admitido como simples intermediário entre as máquinas e as peças fabricadas, tudo isto atinge o corpo e a alma; sob este golpe, a carne e o pensamento se retraem."
(Weil, 1979).

"Chegando-se à frente da máquina, é preciso matar a alma, oito horas por dia, pensamentos e sentimentos, tudo. Quer se esteja irritado, desgostoso ou triste, é preciso engolir, re-

calçar tudo no íntimo, irritação, tristeza ou desgosto: diminuiriam a cadência. E até a alegria."

(Weil, 1979, p. 65).

"Que vontade de poder largar a alma no cartão de entrada e só retomá-la à saída: Mas não é possível. A alma vai com a gente para a oficina. É preciso, o tempo todo, fazê-la calar-se."

(Weil, 1979, p. 104).

Com tal quadro, entendo que para recuperar a alma, as emoções, o corpo e a liberdade, os trabalhadores criam seu espaço onde as relações não opressoras lhes possibilitam novas energias edificadoras da sua emancipação e revitalizam-se nesses espaços. É necessário que o oprimido sonhe ao menos com a liberdade, para lutar por ela. Mais forte ainda são as experiências vividas nas formas livres de relações que os indivíduos criam.

2. A ESCOLA DE PRODUÇÃO "TIO BEIJO" E A ESCOLA PÚBLICA

Fazendo parte da multiplicidade de experiências dos trabalhadores, dentre muitas figuram as lutas que expressam vivamente o interesse dos trabalhadores por escola. Estas lutas, no entanto, têm sido preteridas pela historiografia que fala sobre o movimento dos trabalhadores em nosso país, como já dissemos anteriormente. Somente as lutas encaminhadas ou avalizadas por partidos políticos e sindicatos é que têm servido de ponto de partida à historiografia sobre os trabalhadores e seus movimentos e, com isso, sua credibilidade histórica é assentada sobre o institucionalizado. Dizendo-se portadores da verdade sobre os trabalhadores, eles se fazem seus representantes e, sistematicamente, falam sobre e em nome deles.

Tanto os que estudam os movimentos de trabalhadores como os dirigentes políticos e sindicais contribuem para colocar no silêncio inúmeras lutas que expressam os cuidados dos trabalhadores com seu cotidiano. Isto por um lado; por outro lado, têm também dado nenhuma ou diminuída significação à existência de experiências que se edificam fora dos modelos que se sustentam na unidade. Particularmente, têm secundarizado as lutas que expressam os interesses dos trabalhadores por educação. Sendo assim, rotulá-las de reivindicações específicas ou "lutas menores", "lutas atrasadas" foi tudo que conseguiram captar daqueles desejos emancipadores da classe trabalhadora.

Nas duas últimas décadas, no entanto, as demandas por educação como busca de novas formas de vida têm-se manifestado, sobremeneira nas regiões industrializadas, com maior vigor. Têm, com isso, representado um avanço significativo na organização cotidiana

desses trabalhadores. Embora no momento não se tenha atingido ainda o nível de luta generalizada por educação, já temos publicações recentes e estudos que, descobrindo novos caminhos, trazem importante contribuição a esse respeito. Tais estudos expressam a sensibilidade de novos educadores que, tentando ir além da crítica, captam a educação como um meio já existente que os trabalhadores reivindicam e utilizam para fortalecer e criar espaços próprios.

As lutas dos trabalhadores em busca da escola na Região Industrial de Belo Horizonte e Contagem têm tido seu peso e sua legítima significação quando, incessantemente, uma outra história silenciada começa a se apresentar. Rogério Cunha Campos, em seu estudo "Luta dos Trabalhadores por Escola" assim traz sua contribuição ao movimento de busca à escola na Região Industrial de Belo Horizonte e Contagem:

"A educação escolar vem sendo crescentemente reivindicada pelos trabalhadores como uma arma elementar de defesa de classe. Os dados colhidos na Região Industrial de Belo Horizonte e Contagem revelam que os trabalhadores desenvolvem um processo de reivindicações no sentido de garantir o acesso e permanência na escola onde possam obter instrumentos que lhe permitem melhorar suas vidas, enquanto trabalhadores individuais, e facilitar suas condições de luta enquanto classe social. (...) Para a compreensão desse processo de luta é importante gravar que a escola é um equipamento social que, ao lado de outros, faz parte da problemática da precariedade dos ser-

viços básicos que conduz às reivindicações sociais presentes nos centros de maior aglomeração dos trabalhadores."

(CAMPOS, 1985)

Os dados dos estudos de Rogério Campos mostram que os trabalhadores não pleiteiam, nessas lutas, apenas a construção de mais escolas. Revelam também que os trabalhadores da Região Industrial de Belo Horizonte e Contagem têm uma demanda por educação que começa pela busca da escola e abre-se formando o seguinte leque de reivindicações: luta pela construção de escola, luta por extensão de série, luta por melhorias nas condições de funcionamento das escolas, luta por mais vagas nas escolas públicas, luta pelo pré-escolar, luta contra o ensino pago, luta contra a extinção de escolas públicas e luta pela participação na vida da escola. Abrindo mais o leque, acrescento a criação de sua própria escola, isto é, da experiência educacional criada e gerida pelos próprios trabalhadores como mais uma demonstração do seu interesse por novas formas de vida.

Buscar a escola pública na perspectiva de muitos bairros da Região Industrial representa para os trabalhadores que vivem ali um avanço na compreensão da existência de novos conhecimentos e meios na instrumentalização oferecida pela rede oficial de ensino. Como o discurso de "escola para todos" tem ficado no "discurso interessante", para alcançar o espaço físico da escola formal, os próprios trabalhadores têm criado formas de luta que, inclusive, levam os dirigentes a abrirem as portas dos cofres públicos. Uma mostra importante dessas lutas tem acontecido no Bairro Lindéia, como já foi exposto (parcialmente) no Capítulo II deste trabalho.

Tem sido notório o caminho percorrido pelos criadores da Escola de Produção Tio Beijo para atingirem a escola pública. Seu ponto de partida, antes da existência da Escola Tio Beijo, foi travar lutas para que o Estado implantasse o 1º e 2º graus no Bairro Lindeia. Não se contentando com a morosidade do ritmo dos órgãos públicos, lançam-se com diversas armas de pressão (inclusive a organização de mutirão) para instalarem as escolas reivindicadas. Lançando mão, em seguida, do direito ao bem público, criam formas de participação na escola formal, por perceberem que os conhecimentos, os saberes, são um patrimônio da humanidade e que, por isso, se interessam em alcançá-los.

Faz parte de um longo processo de luta e de cuidados que os trabalhadores têm com sua educação tanto a demanda por instrumentalização fornecida pela escola pública como a luta pela criação e sustentação das formas alternativas e autônomas que os próprios trabalhadores geram e gerenciam. Ali estão gestando também a educação que lhes interessa. Nesse sentido, a Escola Tio Beijo tem representado a possibilidade de materialização e expressão do tipo de escola que interessa àqueles trabalhadores.

A Escola Tio Beijo tem uma prática que dá conta da instrumentalização dos trabalhadores e seus filhos. Para que isso se efetive, atua na escola pública, influenciando na qualidade do ensino, o que ajuda a avançar uma concepção de educação que toma o aluno como sujeito da sua aprendizagem e agente de sua emancipação. Isto quer expressar a materialização de aspectos de uma pedagogia dos trabalhadores que instrumentaliza dentro da visão de que, por um lado, se deve conquistar a técnica, mas, por outro, deve-se trazer a realidade, o dia-a-dia, para dentro da escola. Dessa

forma se possibilitará que os sujeitos da educação tenham maior compreensão da realidade em que vivem, da possibilidade de alterarem sua vida e de perceberem a edificação de sua história.

A preocupação em vincular a conquista da técnica com a política e problemas do cotidiano sem dúvida tem possibilitado a esses sujeitos de sua própria história se enxergarem como tal. A materialização dessa compreensão em meios reais, para agarrarem novas formas de vida, tem sido a tentativa constante desses trabalhadores de edificarem uma pedagogia que os auxilie na busca e produção de novos conhecimentos.

Reconhecidamente, esse tipo de escola tem realçado seu papel na Região Industrial. A demonstração disso está presente na contribuição às lutas por escola, com o incentivo à criação e sustentação de outras experiências similares às práticas levadas pela Escola Tio Beijo. Com a participação de seus dirigentes e coordenadores na política educacional pública, com a presença de alunos e ex-alunos da Escola Tio Beijo na vida da escola oficial, os trabalhadores da região expressam mais uma forma de cuidado com a sua educação.

Para entender o caráter da relação entre a Escola Tio Beijo e a escola pública local, é necessário fazer um exame que parta da concepção que reconhece o seguinte quadro: a interferência dos trabalhadores na vida da escola pública, enquanto pais e enquanto trabalhadores, na tentativa de mudanças da qualidade do ensino nunca teve muito êxito nesse país. A educação levada pela instituição estabelece uma relação com a população trabalhadora colocando a ela todo tipo de limites.

A começar pela forma como se instala a escola pública nos bairros periféricos, essa relação já se vai estabelecendo, via de regra, num caráter opressivo. A comunidade nunca é consultada sobre o tamanho da escola, sobre o local onde deverá ser instalada, sobre o nome que receberá, nem sobre quem vai dirigi-la, nem mesmo sobre quem vai trabalhar ali. Muito menos é consultada sobre a elaboração da programação que será adotada.

A lógica da instituição é a de que se ela abrir as portas da escola para a comunidade utilizá-la como meio de buscar solução para seus problemas, sem dúvida, logo a escola terá de se submeter aos interesses dos trabalhadores, inclusive aos interesses dos trabalhadores do ensino. E, mais ainda, se a instituição desnudar-se para os trabalhadores, logo a direção da educação tomará outros rumos que não os do interesse dos dirigentes. Para, então, impedir isso, a instituição lança mão do autoritarismo, um escudo que à sua frente impede até que o trabalhador se aproxime muito dela sem que seja para isso convidado. E cria, inclusive, formas de atrair os pais-trabalhadores à escola para atividades que só os desviam dos seus interesses reais. Festas, discotecas, caixa escolar, horta escolar, criação de bandas e fanfarras para os "7 de setembro" que virão são algumas das formas impostas pela escola a participação dos trabalhadores.

Para reforçar um pouco mais o escudo colocado entre a escola e os que dela se servem, os dirigentes dão-lhe ainda uma função muitas vezes paternalista. Nessa situação, a postura da escola diante do aluno é de não deixá-lo levar para dentro dela as suas experiências. É preciso que o aluno deixe na porta da escola, do lado de fora, todas as suas experiências, toda a sua maneira de descobrir o mundo, tudo, enfim, inclu

sive as manifestações da emoção, dos sentimentos e do corpo. O corpo na escola pública é para fazer educação física, fazer fila, marchar, etc. O que predomina na educação física, ainda hoje são atividades inspiradas na vida da "caserna", como já falei antes.

Decorrente, então, dessa situação nasce nos trabalhadores a iniciativa para alcançar uma real participação da vida da escola pública. Descobrimo a possibilidade da escola pública ser um meio para avançar na conquista de seus interesses, vendo-se impedidos de manifestar sua opinião sobre o tipo de escola que desejam e sentindo-se excluídos, diminuídos e também explorados na sua relação com a escola pública, lançam mão de formas próprias das mais diversas para garantir seu avanço na busca e produção de novas formas de existência. É a descoberta de um novo espaço como caminho.

O espaço escolar, a instrumentalização e a possibilidade de mudar o rumo de sua educação impulsiona esses trabalhadores à realização de experiências educacionais, se põem, então a buscar seus próprios espaços educativos, a criar formas livres de relação, num processo em que não figuram aquelas opressões presentes na vida da escola pública. Inventam meios eficazes para que, organizados, efetivem uma participação dos reais sujeitos da educação. Isso os leva a ver que muitos interesses estão em jogo também na vida da escola oficial e que, para conquistarem os seus, sem dúvida é necessário que estejam fortes e que cada vez mais imponham respeito e tenham respaldo organizatório. Não se deve esquecer que da parte dos dirigentes o respeito aos trabalhadores só vem pela força da sua organização. Sua força não pede licença, apresenta-se e se vai legitimando no dia-a-dia pela manifestação e expressão in-

destrutível do novo.

A escola de Produção-Tio Beijo tem-se caracterizado, na relação com a escola oficial, dentro da perspectiva exposta acima. Desde sua criação, deu-se início a uma aproximação com a escola oficial. Os próprios trabalhadores é que reivindicaram e a conquistaram para o bairro. Na medida em que a Escola Tio Beijo se vai legitimando na comunidade do Lindéia, e mais tarde na Região Industrial, começam a aparecer alterações em todas as relações entre a comunidade do Lindéia e a escola oficial.

Nas relações entre a Escola Tio Beijo e a escola oficial, e entre a Escola Tio Beijo e a comunidade também ocorrem alterações. Altera-se o respeito à fala e às práticas dos alunos e ex-alunos da Escola Tio Beijo. Muda-se o comportamento da direção das escolas oficiais nas épocas de cadastramento, nas situações de greve dos trabalhadores do ensino, nas situações eleitorais, nos momentos de alteração da estrutura da escola, até mesmo na substituição da direção da entidade. A escola Tio Beijo tem sido, inclusive, convidada pelas instituições públicas de ensino a opinar sobre a criação de cursos de iniciação profissional. Os atuais coordenadores da Escola Tio Beijo e lideranças comunitárias que se fizeram nas lutas por escola sempre são chamados a falar de suas experiências aos alunos da escola pública dali. São sempre convidados a participar de congressos e debates sobre a educação.

O exemplo mais vivo dessa respeitabilidade a que me refiro está na participação da comunidade no Congresso Mineiro de Educação. Em tal evento, coordenadores da Escola Tio Beijo, alunos, ex-alunos e pais foram até o final da fase municipal como representantes

da escola pública e da comunidade. Terminada a fase estadual do Congresso, foi feita a organização das comissões municipais de educação. Da Comissão da Região Industrial participam, atualmente, alguns dos coordenadores da Escola Tio Beijo e moradores do Bairro Lindéia. A partir desse espaço, os trabalhadores empreenderam articulações para criação de mais escolas de 2º grau na região, incluindo dentre as primeiras conquistas, a do Bairro Lindéia.

Esse nível de relação produzida entre Escola Tio Beijo e a escola pública é parte relevante de um processo que resulta no fortalecimento da autonomia dos trabalhadores, também na educação. A expressão das formas livres de relação tem ali, no exemplo da Escola Tio Beijo, sua garantia. Demonstram esses trabalhadores terem percebido, por um lado, a importância da escola pública na perspectiva da instrumentalização e, por outro lado, que para defenderem seus interesses e garantirem os avanços já conquistados nessa relação é necessário que se mantenham organizados. Isso implica sustentar as conquistas já efetivadas e ampliá-las a um processo que abra outras possibilidades também em outro nível do ensino.

A seguir, faço outras explicitações a respeito da materialização das relações entre a Escola Tio Beijo e a escola pública.

2.1. - Muitas práticas, muitos saberes

Os atuais participantes da Escola Tio Beijo (direção, pais, alunos e ex-alunos) têm uma característica comum. Todos eles, desde os criadores da Escola, vêm, há muito, tecendo o fio de sua história como resultado de diversas práticas levadas no cotidiano.

Costuma-se entender que as práticas relevantes no movimento dos trabalhadores são as do confronto direto dentro dos muros das fábricas. No entanto, as chamadas lutas "menores" do cotidiano fora do local de trabalho têm tido seu peso e sua importância na constante busca da emancipação. Nessas lutas tenho captado o significado e o peso que os trabalhadores dão à educação como um meio para sua libertação e, sendo assim, identifico e compreendo melhor os alunos, pais, ex-alunos e coordenadores da Tio Beijo, enquanto pessoas que levam uma prática integrada. Suas formas de organização servem também como ligação entre a Escola Tio Beijo e a escola pública.

Os atuais alunos da Escola Tio Beijo são, ao mesmo tempo alunos da escola pública local. Os ex-alunos consultados por esta pesquisa ou já passaram ou se encontram na Rede Pública de Educação. Os coordenadores e os moradores consultados estão ativamente acompanhado o processo, tanto da Escola Tio Beijo como das conquistas sobre a escola oficial.

Uma clara demonstração do que foi dito acima está na relação existente entre a Escola Tio Beijo e a escola pública, relação esta que se manifesta nas falas de alunos e ex-alunos da Tio Beijo, nas falas do coordenador pedagógico e nas falas de uma professora da escola pública de 2º grau do bairro. Dentro da concepção de que muitas práticas reflexionadas possibilitam a produção de muitos novos saberes, temos, a seguir, depoimentos de ex-alunos e alunos da Escola Tio Beijo que expressam suas vivências enquanto atuantes nela e na escola pública. Assim se expressaram eles sobre suas vivências nas duas escolas:

"A força que a gente mais deu, eu pelo menos, quando iniciou o trabalho pra construção desse colégio, eu era um pouco parado, não participava, mas a única coisa que eu participava mesmo do trabalho que era feito era mais quando eles iam na prefeitura para conversar com o prefeito, levar abaixo-assinado, então eu dava uma força, ia lá, ajudava o pessoal no abaixo-assinado. Então acho que isso saiu totalmente da comunidade, mas não sabem do jeito que a comunidade queria, porque apesar de que esse Colégio Padre Peni do Bournier, ele não está de acordo com os planos que a comunidade estava querendo porque está sendo um colégio bastante ... não muito bom, porque o ensino não está bom, apesar dessa greve que é em benefício do professor, mas foi prejudicial à gente, e se prejudicou esse ano, acho que vai prejudicar vários anos; então atrapalhou esse, vai atrapalhar o ano que vem também."

(Entrevista com alunos do curso de ajustagem realizada em 07 de novembro de 1986).

"Nós estudamos aqui, pelo menos eu estudo aqui por também, não além de me formar em um bom torneiro, um bom ajustador, mas sim também pela amizade que eu tenho aqui, pela companhia dos alunos também que estão junto comigo e tentando também se formar. Então é

uma coisa que atrai muito, as amizades que temos aqui na escola."

(Entrevista com alunos de ajustagem em 07 de novembro de 1986).

"No princípio nós tivemos muitas oportunidades de fazer esse trabalho, mas como nós nunca tínhamos visto uma escola desse jeito, como nós nunca tínhamos visto esse tipo de trabalho, ficamos meio confusos, complexos, meio tímidos perante a essa situação. Mas depois dum determinado tempo, foi-se tomando amizade, foi se criando um certo laço muito forte, nós vimos que isso é importante, então começamos a ter participação. O professor de área de Integração Humana, de História, perguntava a gente o que a gente acharia mais hábil discutir, o que nós estávamos precisando conhecer mais, o que nós não conhecíamos em termos de Brasil, em termos de conhecimento assim: reforma agrária ou outro movimento, greves. Então ele preocupava em mostrar à gente que é importante a gente saber o quê que a gente realmente quer; não é importante os outros determinar pra você uma certa coisa, falar assim: Você vai estudar história disso, você vai fazer isso. É importante que você faça o que você quer, é importante que você faça e veja a história sua e a história de seu pai, a história das suas raízes. É importante você estudar os movimentos, é importante você estudar isso que vo

cê vai fazer um dia, porque de repente, dentro de um certo contexto você está querendo fazer uma coisa na sua escola que já foi feita antigamente e que hoje morreu, então, quer dizer, você tem aquela ambição de fazer alguma coisa, mas não tem incentivo. Então nós vamos estudar isso se você quer estudar isso. Estão se você quer estudar História, vamos supor, qualquer tipo de história, se você quer estudar a história do colégio, a gente vai estudar a história do colégio. Então é importante que vocês façam aquilo que vocês se sintam bem. Então nós escolhemos, por não conhecermos tanto quanto na escola como na vida... porque como crianças, nós estávamos comentando lá, nós eramos crianças ainda, então não conhecíamos a história do povo, a história do trabalhador, a luta mesmo, como eles faziam, se era como televisão: só falava e não cumpria. então, quer dizer, o quê que tinha debaixo desse pano, o quê que destrinchava aí que a gente não sabia, porque que eles falam que a política é suja mas só fica na mão dos poderosos, o pobre mesmo não quer sujar a mão, então por que esse medo? Fala que o governo é culpado disso, tem culpa disso; porque que ele tem culpa, até onde vai a culpa dele? O povo tem culpa; até onde vai a culpa do povo também? Então quer dizer, ele dava uma certa delimitação pra você fazer dentro de um certo contex-

to aquilo que você queria. Então você queria, ou melhor, fazia o que quisesse, mas dentro de um certo alinhamento, dentro de um certo contexto frisando os fatos reais, fatos comprovados, como jornais, recortes de jornais, livros que excepcionalmente foram até excluídos de bibliotecas pelo governo." (Os grifos são meus).

(Entrevista com ex-aluno da Escola Tio Beijo realizada em 25 de outubro de 1986).

Discutindo sobre a diferença entre a Escola Tio Beijo e a escola pública, assim se expressou um grupo de ex-alunos:

"Existe diferença entre os professores do Tio Beijo e os da escola pública porque no colégio assim os professores têm o currículo pra cumprir do governo e aqui os professores já tem a liberdade de ensinar o que desejam, o que interessa mais os alunos."

"Aqui eles dão muita liberdade pra gente, e lá no colégio, onde nós estudamos, eles não dão liberdade quanto aqui. Se a gente quer alguma coisa, aqui a gente luta por ela, todo mundo reúne e luta; lá embaixo a gente não tem essa liberdade pra lutar. Então eu acho que devia haver liberdade pra todo mundo, tanto pra diretora como pros alunos. Se os alunos querem uma coisa, reúne todo mundo e os professoo

res também e vão tentar conseguir. Mas não são todos que assim são, todos os colégios estaduais, municipais.

"Esse sentido de liberdade também é um sentido de democratização. O que os alunos enxergam na escola que pode ser mudado, a gente reúne com os professores, discute, um debate; então eles entram naquela ênfase com a gente num debate, e então eles apoiam ou não, vê se aquilo tem a ver com a gente e debate."

"Tem uma grande diferença porque lá é uma escola democrática, mas no sentido democrático mesmo. No que agora, com essa nova política agora que nós estamos vivendo uma nova democracia, todavia por enquanto não deu pra se ver quase nada; melhorou um pouco mas não deu realmente pra se ver, realmente para sentir como que é uma nova, uma boa democracia. Mas existem certas escolas, certas entidades, certas coisas que vivem uma democracia individual; e lá no Tio Beijo vivia-se essa democracia individual. Agora, aqui na escola, não há coisa mais repreensiva; você quer fazer um movimento, você quer fazer uma coisa, e então você tem que pedir uma certa autoridade lá embaixo. E eles te ofuscam porque falam que essa possibilidade de haver esse movimento não vai ser

possível porque eles recebem ordens da Secretaria de Educação. Então, quer dizer, teremos que ir à Secretaria da Educação, vai falar que não pode; então, quer dizer, vai se fazendo um cordão e chega num certo ponto, você como aluno, você desanima de criar, você vai com aquela pequena mentalidade: você está aqui é pra obedecer, é pra fazer aquilo que te mandam, se você quiser além disso você está sujeito a ser expulso do colégio. De repente, ele forma um profissional, só que um profissional medroso, um profissional que não tem uma certa vivência, que não tem uma certa convivência com o mundo lá fora. Então no Tio Beijo a gente estudava e via o mundo, quer dizer, quando eles te jogavam você pra fora, você dizia assim: eu já enfrentei uma fábrica dentro dessa escola, eu vou ciente, eu vou conseguir e vou fazer porque eu sou capaz. Dentro de um certo contexto, é uma escola que não te traz um material adequado, não por culpa da escola, porque talvez a escola faça o máximo. Em síntese, o plano de educação no Brasil está muito fraco, está decaindo cada vez mais. dentro de um certo contexto, se você quiser alguma coisa a mais você tem que se expandir, você tem que consultar uma biblioteca, você tem que fazer uma coisa, e o colégio, o próprio colégio não traz uma biblioteca adequada. Então, quer expandir o seu co-

nhecimento, você tem que fazer um esforço além do normal para conseguir ser um bom profissional. Então, se nessa escola fosse como na Tio Beijo, fosse como numa outra escola que tivesse para o curso de contabilidade escritórios-modelo aqui, então, quer dizer, você já teria uma aula de vivência "fabrical", na fábrica, você teria aquele clima, aquela coisa, e você teria aulas que te auxiliariam; mas tudo correndo em torno da fábrica, em torno da vivência, em torno daquela coisa que realmente é o mundo lá fora, da experiência; você criaria sua própria experiência. (os grifos são meus) (Entrevista realizada em 25 de novembro de 1986 com um grupo de ex-alunos que hoje estuda na Escola Pública Pe. João Bosco Bournier).

Um outro grupo de alunos e ex-alunos da Escola Tio Beijo que estudam no Colégio João Bosco Bournier, onde estava sendo realizada esta entrevista, assim se expressou sobre as diferenças entre as duas escolas:

"Eu acho no meu modo de pensar o seguinte: quando a gente entra lá, desde o princípio o professor motiva a gente demais pela profissão. A gente tem um interesse igual aqueles que conseguem passar e ficar lá pra trabalhar, ser alguém na vida, lutar pela profissão. então não é que coloca na cabeça, ele tenta encaixar a gente

mais na profissão, eles motivam a gente. Não falam igual aos professores daqui: É, você tem que lutar muito senão você não consegue. Lá eles falam assim: Você vai conseguir porque é só você esforçar. Quer dizer, há uma disponibilidade dos professores pra qualquer hora que a gente precisar, o professor está lá. E aqui não é o caso; só na hora da aula está ali; acabou a aula, acabou o professor. Lá não, a gente procura o professor a qualquer hora e ele está lá. Qualquer hora que a gente precisar deles, eles estão lá prontos pra te dar apoio."

"A diferença é a seguinte: que lá na Escola de Produção Tio Beijo a gente já sai de uma aula com aquilo que ele deu na cabeça, a gente aprende dentro de sala mesmo, há união entre professor; vai lá o aluno, pergunta o outro, conversa com o todo mundo, não tem dificuldade, luta pra aquilo conseguir mesmo, todo mundo aprende a matéria. Que ali teve uma união entre professor e aluno."

"Lá o aluno deixa o professor dar aula, também; que eu achei que na minha época lá que eu estudei, os alunos tudo colaborava com o professor, deixava ele dar aula. Aqui tem uns alunos também que..."

"Igual eu estava falando, lá é diferente pelo seguinte: a gente já sai com a matéria na cabeça, pronto pra fazer prõva e fazer teste em qualquer lugar. E aqui não; a gente sai com a matéria pra estudar em casa e se torna muito difícil pra pessoa que trabalha. Como é que a pessoa vai estudar? Ela não tem tempo, ela passa o dia inteiro trabalhando e estudando. Não tem."

"Lá em casa sempre a gente tem a cabeça quente, e podè ir pro Tio Beijo, pode até ir esmorecido, e chega lá tudo conversando, as amizades. O professor chega perto da gente, conversa, aluno, tudo, e a gente fica animado, até esquece aquele problema e conversa, se abre com a gente, com o outro. E nessa escola a gente não tem oportunidade, se a gente for abrir aqui ainda é gozado, que sempre eu toco nesse tema aí, a gente é gozado. Podia pelo menos conscientizar o aluno nessa escola, o que é um filho de operário. Não tem jeito não; eles têm que fazer um currículo assim que..." (Entrevista realizada em 29 de outubro de 1986).

As falas que se seguem são de profissionais da educação pública estadual (professor e especialista de educação no Colégio João Bosco Penido Bournier). Como educadores, falam revelando a imagem que tem dos alunos da Escola Tio Beijo. Expressam, também, ter co-

nhhecimento sobre a Escola Tio Beijo e seu papel nas conquistas de melhorias para o bairro, especificamente na área da educação. Suas falas mostram em síntese, o nível de relação existente entre a Escola Tio Beijo e a Escola João Bosco Bournier. Assim se expressaram:

"Na Escola Tio Beijo a gente tem, a gente sabe que existe um trabalho de conscientização do aluno, e não só a formação profissionalizante, mas um trabalho também que é feito à base de conscientização do aluno, principalmente em termos de classe profissional, categoria profissional a que ele vai pertencer. Então esses alunos geralmente são mais questionadores. E esses geralmente a gente destaca; então, conversando, de repente você detecta que ele veio lá do Tio Beijo. Agora, a gente percebe um nível de ansiedade deles em relação ao currículo comum, ao currículo de conhecimentos básicos, quando eles estão se preparando pra uma profissionalização, então eles ficam meio inquietos, meio ansiosos em meio a tanta matéria de conhecimento geral, uma vez que a intenção deles é fazer um curso profissionalizante. Então a gente começa a conversar, e quando percebe essa ansiedade tenta mostrar pra eles a necessidade de ter pelo menos um mínimo de conhecimento geral pra que eles se possam situar mesmo como profissionais. Ao longo dessa

convivência, a gente percebe que eles vão aceitando, vão compreendendo, mas ainda permanece essa ansiedade e, mesmo aqui na nossa escola que tem apenas o curso Técnico de Contabilidade, há uma procura muito grande por parte dos alunos em relação a outros cursos que a escola pudesse oferecer. Outros cursos técnicos. Geralmente fala-se em Computação, em Mecânica e em curso de Administração."

(Nesse momento da entrevista, eu quis confirmar se a computação tinha demanda forte. Perguntei, então, se isso era uma reivindicação dos alunos, com interesse caracterizado).

"É, exatamente, dos alunos. Eles nunca fizeram formalmente a reivindicação, mas a gente conversando, trocando idéias, eles sempre perguntam porque a escola não oferece. E existe uma idéia, a diretoria já colocou pra nós a vontade que ela tem de transformar a escola em uma escola de 2º grau em nível profissionalizante, exatamente por causa dessa procura dos próprios alunos em relação a isso. E inclusive no momento em que a escola foi fundada, parece que quando ela foi criada que havia uma intenção mesmo daqueles que trabalharam pela criação da escola de incorporar o aluno pra uma profissão — a preocupação era mais nesse nível. Inclusive em nível de 5ª a 8ª série, não se pensava

nem em 2º grau. Só depois que o Estado ampliou o 2º grau é que a gente conseguiu, mas essa idéia não morreu e parece que não vai morrer porque ca da dia mais os alunos nos procuram com essa proposta. O primeiro bloco da escola, esse que nós estamos nele aqui, onde está a parte administrativa, e o segundo bloco, que foi onde nós iniciamos com algumas turmas, foram construídos pela própria comunidade. Os padres locais, eles adquiriram a verba diretamente, eles mesmos que foram até Brasília, que providenciaram as verbas, os meios, e os moradores locais trabalharam com a mão-de-obra, trabalharam aí, construindo mesmo em nível de mutirão, cada um dentro da sua especialidade. E a parte de cima, a parte restante, aí que já veio uma verba, me parece que foi estadual, não tenho muita certeza, mas uma verba via canais governamentais mesmo, e que terminou de ser construída."

(Neste momento da sua fala perguntei-lhe se os alunos e ex-alunos da Escola Tio Beijo que também freqüentam aquela escola pública se destacavam em termos de participação, questionamentos e solidariedade.)

"Em termos de liderança, às vezes, em uma proporção de 10 aparece 1 - desponta. Mas ainda é uma forma meio acanhada, talvez porque ainda estejam cursando, estejam ainda se preparando,

estão engatinhando ainda. Mas a gente já percebe alguns indícios de um provável líder; já dá pra gente perceber isso. E normalmente são bem questionadores com a matéria que eu trabalho; fica mais fácil talvez pra gente perceber isso porque a matéria dá muita oportunidade, História dá muita oportunidade pra esse tipo de questionamento. Agora, são mais solidários entre eles, procuram, no momento em que percebem alguma coisa que não está indo muito bem, procuram, no modo deles, às vezes meio acanhadamente, às vezes com certa dificuldade pra se expressar, mas procuram esclarecer os colegas a respeito, ou procuram um esclarecimento pelos colegas e para os colegas " (os grifos são meus) (Entrevista realizada em 29 de outubro de 1986 com a professora Cida, cadeira de História, no Colégio Pe. Burnier).

O que se pode captar da fala acima a respeito do líder vai além. Expressa o resultado de uma prática educativa que toma o aluno como sujeito. Nesse sentido, a afirmação sobre o "provável líder" revela que o aluno da Escola de Produção Tio Beijo traz suas experiências para dentro da escola pública.

Perguntei, também, como são os alunos e ex-alunos da Escola Tio Beijo na escola pública e a coordenadora pedagógica assim se manifestou:

"O que não, só eu, mas que os outros professores têm observado é que esses alunos se mostram bem mais amadurecidos pelo fato deles já trazerem uma experiência anterior de escola profissionalizante que atende muito mais às aspirações deles, porque os prepara para o mundo do trabalho. Eles manifestaram-se bastante interessados em que os cursos que a escola já possui sejam mais perfeitos, sejam de caráter mais prático. Eles percebem que tudo acontece no mundo acadêmico, no mundo fictício. Por exemplo, contabilidade, eles não sabem realmente como funciona o escritório; os pequenos papéis que eles manuseiam, passados em mimeógrafo, talvez sem muita perfeição, isso não dá para eles terem uma verdadeira idéia do que seja um contador no exercício profissional, num escritório bem montado,. Eles reclamam sim. Eu ainda não tive uma oportunidade, especificamente do Tio Beijo, ainda não tive oportunidade de analisar esse pormenor pra eles. Mas de um modo geral, em sala de aula esses alunos se destacam pelo amadurecimento que eles manifestam nos debates, nas conversas. Essa escola aqui é uma conquista da comunidade. A comunidade quis uma escola de 2º grau e batalhou para que isso acontecesse. A conquista primeira foi a conquista do terreno. E depois o Esta

do deu muito do material, mas muita mão-de-obra foi feita também pelos elementos da comunidade. E quase todas as reformas que acontecem na escola, ou ampliação, ou conserto, é aproveitável pessoal da comunidade também. Então a escola é realmente um trabalho de conquista da comunidade." (Entrevista realizada em 04 de novembro de 1986 com a professora Júlia, coordenadora pedagógica do Colégio Pe.Penido Bournier).

As falas que tomei para caracterizar a relação entre a Escola Tio Beijo e a escola pública trazem muitos elementos que expressam os cuidados que os trabalhadores têm com sua educação. As falas de alunos e ex-alunos mostram os conhecimentos obtidos na sua prática como alunos da Escola Tio Beijo e o cruzamento desses conhecimentos na escola pública. Essa prática integrada está sendo desenvolvida num processo em que se faz uma educação participativa, reflexionada e dentro de princípios libertários; isto da parte da Escola Tio Beijo. Nota-se aí que há uma influência da Escola Tio Beijo na vida da escola pública do bairro, em termos de alterar, inclusive, a prática desta. Primeiro, pela presença dos filhos dos trabalhadores nela, e, segundo, porque os termos de um projeto pedagógico emancipador já se fazem presentes na prática da Escola Tio Beijo.

Os alunos e ex-alunos têm feito observações e críticas a respeito do peso do dia-a-dia na escola pública, do seu distanciamento da realidade. E isto só vem comprovar a importância da Escola Tio Beijo na produção de novas visões, novas concepções que, sem dúvida, estão gerando novas formas de existir e de se ma-

nifestar. Isto por um lado; por outro lado, esta análise se completa pelas falas dos profissionais da educação pública entrevistados, expressando uma imagem da prática da Escola Tio Beijo que, sem dúvida, só reforça e confirma a existência de aspectos pedagógicos emancipadores na sua prática.

3. UMA ESCOLA A SERVIÇO DOS TRABALHADORES

A existência de experiências inovadoras em muitas áreas da vida social hoje é inegável. Na alimentação, a busca da macrobiótica e de alternativas vegetarianas; na saúde, a homeopatia questionando e recriando o saber relativo à medicina dos antibióticos; na psicanálise quando captam-na como mais um meio para a constituição da identidade do sujeito-trabalhador; na agricultura, a incessante experiência e novas buscas na produção de conhecimentos e técnicas que eliminem os agrotóxicos no crescimento dos vegetais; no prazer, as manifestações do corpo e das emoções estão desconstruindo velhos hábitos calcados na moral e na razão; na arte, há a manifestação do épico que capta e expressa a força do gesto quando gera novos gestos e, com isso, altera as mais "arredondadas" realidades, mesmo que no gesto do silêncio.

As novas formas de relação edificadas no dia-a-dia, apesar da opressão, têm-se materializado e se expressado em muitos setores oprimidos da sociedade. Mais do que nunca, confirma ali a concepção de que o interesse é percebido como orientador de novos conhecimentos e também, como força vital de mobilização. Nesse sentido, os indivíduos farejam possibilidades diferentes, e os de mesmos interesses se movimentam eventualmente, juntos em busca de nova vida. Nessa incessante busca, organizam-se e edificam sua história, cotidianamente, de forma incerta e, por isso mesmo fascinante e descontínua, como é a vida.

A ação de se organizar é de natureza social e política. Os homens se organizam desde o momento em que se sentem, se percebem e se compreendem em relação.

Nesse sentido, também os dominadores, num movimento expresso desde os gestos até os sistemas mais complexos de opressão, implantam mecanismos que, utilizados para sustentar seus interesses, estabelecem as condições de exploração. Montam sistemas, criam leis garantindo seus interesses, enfim, privatizam a vida e geram o controle como maior limite imposto aos desejos dos oprimidos. E, não bastando isso, produzem ainda outros mecanismos que, constantemente, reprimem as forças novas e livres de vida.

Fortalecidos, tanto na força como nas formas de opressão, os dominantes criam os mecanismos de controle, abandono, repressão, e com eles sustentam seus projetos. Nesse movimento instituem, impõem e vão desenvolvendo a divisão social do trabalho com as marcas da opressão. Sistematizam e desenvolvem suas concepções, institucionalizam o "logos", mostrando um mundo que oculta ou tenta impedir a manifestação da liberdade

No logos esta imbutida a unidade da ação política, como se o mundo fosse unificado, e com tal força controlam o ritmo da vida social com os mecanismos de opressão. Nele também está imbutida a Unidade como a melhor maneira de impedir que os sujeitos sejam inteiros.

Com esse conceito, a cultura ocidental incute um tipo de crença segundo o qual os oprimidos passam a se conceberem limitados, partícipes da concepção de totalidade, inferiorizados, fracos e chamados a viver da esperança no futuro

Presente também no logos está a Unidade nas ciências, sistematizando, estabelecendo o controle e

privatizando os conhecimentos produzidos socialmente pela humanidade.

Ainda assim a concepção de educação expressa na experiência que os trabalhadores edificam no dia-a-dia é uma demonstração viva da possibilidade da desconstrução do logocentrismo. As formas de relação produzidas no processo de luta por escola implicam na criação de uma pedagogia dos trabalhadores que expressa, sem dúvida, aqueles cuidados que eles têm com sua educação, na história do agora.

Ao tentarem desenvolver relações livres, inclusive no processo de organização de sua escola, no curso da aprendizagem e na produção de novos conhecimentos, os trabalhadores desconstróem, como já vimos, velhos hábitos organizat6rios que são sustentados por uma cadeia de grandes conceitos que por sua vez tem em sua base o já nosso conhecido e mencionado princípio da Unidade.

3.1. A Escola que interessa aos trabalhadores

A Escola de Produção Tio Beijo, pela sua prática, tem representado, juntamente com outras forças populares da Região Industrial de Belo Horizonte e Contagem, um significativo avanço na construção, não diria de um projeto ou modelo, mas de um caminho próprio voltado para sua educação. Essa prática só tem ajudado na edificação e no avanço de concepções autônomas, também agora manifestas na sua educação.

Como exemplo disso, além dos fatores já mencionados neste trabalho, caracterizando o papel da Escola Tio Beijo na região, temos um outro que implicou

sua participação na luta pela criação de uma unidade da Utramig na área industrial de Belo Horizonte e Contagem. Além dessa luta traduzir a reivindicação de uma sub-sede da Utramig — com seus programas e cursos técnicos, inclusive de Computação — traz dentre suas propostas uma que expressa o interesse dos participantes em ter um Conselho de Entidades Populares Culturais, Educacionais e Sindicais compondo a direção da experiência que fosse criada. O referido conselho chegou a ser constituído e, inclusive, foi divulgada sua existência no Minas Gerais. (ver Anexo I).

Durante o ano de 1984 e o início de 1985, diversas reuniões aconteceram na Região Industrial, nas quais entidades representativas dos trabalhadores pleiteavam a criação de cursos técnicos para a região. Essa luta chegou a contar, no processo, com mais de 60 entidades, que compreendiam associações comunitárias, entidades culturais, centros educacionais e profissionalizantes, sindicatos de trabalhadores, entidades religiosas e instituições que administram programas assistenciais na região.

Com um certo poder de negociação, essas forças atuaram junto ao governo da época no sentido de que viessem para a área industrial todos os recursos necessários para se implantar uma educação técnica acessível aos trabalhadores e seus filhos. Além disso, esses trabalhadores almejavam uma real participação na direção da escola da Utramig, na região, o que seria, na certa, a possibilidade deles imprimirem uma direção ao processo educativo que atendesse aos seus interesses. Nesse processo, chegaram até a eleger, junto ao superintendente da Utramig da época, um Conselho Provisório Representativo de Entidades que participavam da mobilização. O referido conselho tinha tarefas de-

finidas pelo conjunto dos participantes em cada demanda junto às autoridades.

Vale dizer que os componentes do referido conselho sempre se renovavam, garantindo, com isto, a participação em todas as instâncias de negociação de um maior número de trabalhadores. Eram também considerados como situação de aprendizado os momentos de debate, reunião e encontro com autoridades, devido ao fato de ocorrer nessas demandas um confronto mais explícito de interesses. Deve ressaltar, também, que a renovação dos representantes para as negociações não constituía um princípio, mas uma preocupação em não deixar cristalizarem formas de relação naquele processo.

Dentre as entidades que por quase dois anos se mantiveram empenhadas, e com mobilização quase permanente, figuravam três entidades do Bairro Lindéia. Dentre as 61 entidades da lista, estavam a Associação Comunitária do Bairro, representantes da Paróquia Jesus Ressuscitado e a Escola de Produção Tio Beijo, esta última figurando na lista das entidades com o número de ordem 41, e como Centro Profissional do Bairro Lindéia (ver Anexo 11).

No processo de mobilização a que me referi anteriormente a Escola de Produção Tio Beijo e outros centros profissionalizantes tiveram um papel de dupla importância: na mobilização de forças interessadas em avançar e organizar a demanda e na formulação de diretrizes que expressassem os interesses educacionais dos participantes. Para obter uma maior participação da população na educação que interessa aos trabalhadores, foram promovidos debates que versavam sobre as diversas experiências de educação que os próprios alunos-trabalhadores já lavavam na região.

A Escola Tio Beijo atuou nesse movimento cedendo espaços para os encontros, narrando toda a sua experiência, momento em que seus coordenadores e alunos demonstravam um caminho já percorrido na edificação da educação que incessantemente buscam. Ao apresentarem suas experiências eles tinham todo cuidado para que seu trabalho não fosse tomado como modelo, e para isso sempre propunham o debate e a troca de experiências educativas levadas no cotidiano da região.

Apesar de não se ter conseguido vitória na instalação da Utramig na Região Industrial, as experiências de cursos profissionalizantes se desenvolveram e seus participantes estão sempre se ajudando e discutindo seus acertos e dificuldades. Esses centros têm, inclusive, atuado no sentido de criar outros, e no sentido de incentivarem novas demandas por educação.

3.2. As escolas que se ajudam

A prática educativa na concepção expressa pela Escola de Produção Tio Beijo tem avançado a um patamar mais elevado. A Escola Tio Beijo, como veremos no capítulo seguinte, já tem alguns aspectos pedagógicos avançando e outros ainda estão aí como desafio. No entanto, sua prática tem apresentado uma preocupação constante com a avaliação do processo, e isso tem envolvido a discussão que questiona os modelos acabados de educação.

Tem sido apresentada, em tais avaliações, uma preocupação com o processo de aprendizagem para se compreender a possibilidade e a necessidade de não se dissociar experiências vividas e narradas. Tem também

esta preocupação se ampliado para uma avaliação em nível das outras experiências existentes em Belo Horizonte, Contagem e Betim, bem como nas escolas profissionalizantes de outros estados com práticas similares às da Escola Tio Beijo.

Os cursos existentes em Belo Horizonte, Contagem e Betim têm realizado encontros para discutirem a respeito de sua independência e autonomia; discutem desde a não-subordinação às instituições governamentais até a prática da autonomia possível no processo educativo, a questão relevante que tem orientado e exigido uma avaliação e muita discussão envolve uma concepção que capta naquela prática a possibilidade de estarem sendo criadas formas novas de relações livres no cotidiano da sua prática educativa.

As escolas e centros profissionalizantes de Belo Horizonte, Contagem e Betim, juntamente com outras escolas similares de São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco realizaram em agosto de 1986 um quarto encontro, tendo como preocupação principal aprofundar a avaliação da prática desses centros, sem, no entanto, querer traçar linhas de ação ou outros modelos de educação. Pelo contrário, foram rejeitadas as idéias e propostas que se preocupavam com a unificação e com uma linha de ação conjunta.

As discussões ocorridas nos encontros de representantes de escolas de trabalhadores têm contribuído para que se avance em uma linha de investigação e de estudos que analisam as práticas dos trabalhadores desenvolvidas também fora do local de trabalho.

Não basta, no entanto, levantar como hipótese a idéia de que a importância para o fortalecimento da

autonomia está no controle da educação pelas mãos dos trabalhadores. É preciso ir mais longe. A relação, particularmente na aprendizagem, deverá ocorrer dentro de um clima de liberdade e prazer, tanto na tentativa de se alcançar conhecimentos acumulados como na produção de novos.

Teríamos, então, como condição fundamental para avançar o raio da autonomia, a existência de formas livres de relação. Por conseguinte, nessas relações em que se desenvolve a aprendizagem é necessário que sejam superadas as ações opressoras, a começar pela que atua nos indivíduos ao nível dos desejos. A emancipação do indivíduo estará comprometida enquanto as formas opressoras estiverem agindo nesse nível. E disso depende a possibilidade educativa emancipadora de escolher o que estudar.

A interferência ao nível dos desejos que sempre se manifestou através dos sentimentos assemelha-se ao corte de uma antena de televisão. O aparelho sai de sintonia. A opressão ao nível dos desejos implica sufocar as aspirações, coibir as fantasias, ofuscar no indivíduo a busca do prazer, dificultar a manifestação dos sentimentos e negar as aspirações de vida.

Essa descaracterização da escola do sistema é o ponto comum dessas experiências. Não se pretende aqui inventar a roda de novo; o que na verdade creio é que estamos sempre e infinitamente reinventando tudo. Sem nenhum exagero, é necessário que se pense mesmo é em reinventar a vida. Na medida em que no dia-a-dia das escolas dos trabalhadores suas relações se tornam menos opressoras, desconstroem-se os modelos de vida, abrindo lugar para a manifestação da emoção, do desejo, da invenção, do inconsciente e da poesia.

Neste sentido é que se entende que a descons
trução do lógocentrismo é imprescindível, não ainda pa
ra que a Razão ceda o seu lugar à emoção, mas para que
desocupe um espaço significativo à manifestação da vi
da, antes que não se reconheça mais o homem.

NOTAS

¹ Avenida Amazonas:

Até 1985 era a única via de acesso entre Belo Horizonte e a Região Industrial. E, até hoje, é a via que acolhe todo o transporte de São Paulo rumo a Brasília e outros estados passando por dentro da Região Industrial.

² A entrevista com o morador foi feita perto da Escola Estadual Padre Penido Bournier, conquistada e construída pela comunidade.

³ "Na tragédia grega o centro do cenário era quase sempre ocupado pelos heróis, os únicos que se encontravam em contato direto com os deuses. A vida cotidiana era reservado, ao contrário, um espaço subalterno e sem rosto: o de coro. Quem o formava eram as mulheres, as crianças, os escravos, os velhos, os mendigos, os inválidos, em suma, todos aqueles que permaneciam na cidade enquanto os demais partiam em busca de aventura, do poder e da glória." (NUN, José. A rebelião do coro, 1983).

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO IV

O EDUCATIVO DESCONTÍNUO NA SALA DE AULA
DA ESCOLA "TIO BEIJO"

Dentre outros fragmentos do cotidiano está a emergência de um novo espaço educativo que aos poucos vem sendo descerrado, mostrando os cuidados que os trabalhadores têm com sua educação. Está sendo revelado ali um momento "caleidoscópico" da ação educativa na sala de aula.

Não pretendo fazer nenhuma radiografia tão terminal e definitiva das práticas educativas que ocorrem no dia-a-dia da sala de aula na Escola Tio Beijo. Muito menos extrair daquelas experiências um receituário pedagógico. Nem tampouco, proponho-me decifrar ou a explicar a descontinuidade das vivências pedagógicas que se desenvolvem ali. É demasiada ousadia acadêmica acreditar na eficácia de métodos para explicar a descontinuidade do movimento que se autoconstitui pelas ações de sujeitos que interagem na rica descontinuidade do cotidiano. Procuro, entretanto, tocar em alguns aspectos das práticas internas da Escola Tio Beijo, que a meu ver têm expressado a preocupação por uma educação que ajude na fundação da liberdade daqueles agentes educativos.

Para quem está convencido e aposta no espaço específico como o lugar de enfrentamento também das opressões específicas fica coerente dizer que ali, na sala de aula, está embrionária a pedagogia que interessa aos sujeitos-trabalhadores. Isso porque ali, e através de suas experiências vividas, aqueles trabalhado-

res encontram condições de auto-expressão, fortalecimento da sua autoconfiança, de solidariedade na busca de solução para problemas comuns. Ali abrem-se caminhos novos para a reflexão a respeito do que realmente interessa à vida, isto é, a compreensão mais profunda sobre a descontinuidade do existir humano.

Também é ali, no seu espaço específico próprio, que emergem possibilidades de exame das reminiscências. Estas, ao serem resgatadas e reelaboradas explicitam as vicissitudes humanas, aqui entendidas pela manifestação das emoções, ora expressando alegria, afeto, desejo silenciado; ora caracterizando-se pela explosão dos conflitos e frustrações. Enfim, ali configura-se mais um espaço da rememoração histórica pelo cruzamento das experiências vividas e narradas daqueles trabalhadores no seu "efetivo acontecer".

Ao tecerem a teia das experiências na especificidade do cotidiano, os sujeitos-trabalhadores inventam seu próprio espaço educativo e dão-lhe, permanentemente, novos significados. E, ao criarem tais possibilidades, lançam suas experiências como flechas, levando tochas aos novos céus da história. A sustentação de um espaço educativo sob os cuidados dos sujeitos-trabalhadores significa, ou melhor, expressa uma conquista. E significa mais: os trabalhadores estão manifestando também insatisfação com o que lhes é oferecido pela sua entrada restrita para a escola oficial. E mais ainda: manifestam também a negação modelar autoritária da escola sistêmica.

Para o sujeito-trabalhador o espaço educativo não é um lugar onde se diz que são transmitidos conteúdos. É mais que apenas momentos em que ocorre a instrumentalização. É mais que um espaço onde se luta pe-

las conquistas materiais e pelo domínio da tecnociência. Seu espaço educativo quer possibilidades de ir além. Quer resgatar tudo o que a história dos dominantes silenciou. Quer demolir relações opressivas desmemorizantes. Quer ver emergir as sementes com toda sua força germinativa, para a reelaboração contínua de sua memória. Nesse sentido, as palavras de Hamilton Faria são esclarecedoras:

"Desnecessário dizer que ocultar a história das classes subalternas é arma vital da ideologia dominante, elemento constitutivo de qualquer sistema de opressão e exploração de classe. E mais desnecessário ainda afirmar que nenhuma classe se torna sujeito de sua própria história se não reelabora permanentemente a sua memória, atribuindo-lhe novos significados. A memória é um elemento de subversão de valores e de constituição de identidade; assim como Marcuse referia-se à sua função subversiva ou o poeta T.S. Elliot, esta é a utilidade da memória: libertação."

(FARIA, 1986 p. 12).

Nesse sentido, é possível pensar o espaço educativo, a Escola de Produção Tio Beijo, como um lugar onde seus criadores e atuais participantes apropriam-se de uma reminiscência tal como ela manifesta seu brilho pelo relampejo nos momentos de cruzamento das experiências vividas e narradas. Ali é trabalhada a matéria-prima das experiências; a deles e a dos outros. E isso se nos apresenta como um ascender de esperanças à constituição de uma vida que não resgata somente a própria

experiência, mas, também, a de outros, daqueles que sob as mais duras opressões seculares guardaram, no silêncio, um grito interrompido de Libertação. Pois essa experiência ainda reluz de longe, do "fundo dos tempos", atirando seus raios memoriais em forma caleidoscópica, aos tempos de agora.

Trago aqui o emergir de algumas vivências do cotidiano nas salas de aula dos participantes da Escola Tio Beijo. Com esta prática educativa em um espaço próprio, explicita-se mais uma forma pela qual os trabalhadores constroem um outro caminho pedagógico. Os itens destacados abaixo constituem os aspectos caracterizáveis da prática ocorrida no espaço interno da Escola Tio Beijo. Ali é possível desenvolver:

- . eficiente formação profissional;
- . lutas pela conquista das coisas materiais;
- . manifestação dos sentimentos e emoções, abafados, pela racionalização da existência;
- . recuperação dos gestos, criação de novos gestos e de novos "textos" que não sejam só os do trabalho produtivo;
- . cruzamento de experiência vividas e narradas;
- . autoconstituição de um movimento naquele espaço de aprendizagem.

Assim sendo, exponho agora uma série de falas que expressam um acervo assistemático das possibilidades destacadas atrás. A este respeito, assim se expressou Roberto, um dos criadores e atual coordenador do curso de Tornearia da Escola Tio Beijo:

"Na escola normal, como por exemplo, eu aprendi no SENAI e lá não se discute as coisas que se vai fazer. Você faz. Quem te ensina a fazer é o professor. Se tiver que discutir, você tem que fazer a pergunta para ele e ele soluciona. E do modo que nós estamos ensinando, nós não solucionamos problemas e nem sequer a gente passa a maneira tal qual vai fazer. Então vai acontecer duas coisas: primeiro, eles vão ter que aprender a maneira, conversando uns com os outros, numa troca de conhecimentos. São pessoas com conhecimentos diferentes, usando-os para fazer uma mesma coisa. Isso tem muito a ver com a sociedade. Se a gente está tentando uma mudança de sociedade, é muito importante que as pessoas comecem a dividir aquilo que sabem com outras. A partir da questão do próprio trabalho se pode dividir o saber. Se você sabe uma coisa e outro sabe outra, uma terceira fórmula sairá daí. Agora a troca de conhecimentos só acontece quando o professor tem condição de desenvolver esse trabalho para que as pessoas possam aprender a fazer isso. É importante ter saberes diferentes, mas que isso seja colocado em comum. Mas a maioria hoje é pela sustentação do sistema. É importante para manter o sistema que cada um brigue entre si porque, à medida que isso acontece, o sistema vai permanecer intacto.

Como eu já disse um pouco atrás, depende

muito do professor. De uma maneira ou de outra, você fica com o poder. Não tem jeito de escapar disso. Agora, como exercer o poder do conhecimento da matéria é que é colocado em questão, em discussão. É importante o aluno saber que você tem o conhecimento da matéria, mas que não vai usar isso para impor as condições de como pensar, de como fazer. Mas, dali, que nasça uma nova maneira, a não ser a sua. Você coloca o seu saber em segundo lugar, em relação ao das outras pessoas, porque é importante que cada um desenvolva a sua maneira de pensar, desenvolva o seu saber. A gente trabalha também a questão do valor. O que é valor? quando você é um bom profissional, qual o valor que você tem? Aí você tem a maneira de como discutir uma direção. Será que o valor está no dinheiro que você vai ganhar? Então, a própria maneira que as pessoas nascem, vivem no mundo, já tem determinados valores. É importante quando a gente começa a influenciar para descobrir valores. O valor de estar junto de outras pessoas, de ser amigo de discutir, de partilhar o que se sabe com os outros. Porque é aí que nasce nas pessoas o chamado companheirismo. Esse tipo de valor a gente discute e a própria prática que a gente tem no trabalho leva as pessoas a terem visões de valor diferentes do que a sociedade coloca hoje. Eu acho

que isso aí vai favorecer. Por exemplo: a pessoa está dentro da fábrica e começa a se amotinar com o outro e trocar idéias. Começa a se respeitar. Sabe que aquela pessoa tem a mesma capacidade que ele, só que não teve oportunidade nenhuma. Que aquela pessoa tem um valor. Começa a valorizar as pessoas, não porque tenham dinheiro, posição, carro, mas que são pelo que são. Eu acho que aí entra uma parte mais humana, que discute com os alunos". (Os grifos são meus)

(Entrevista concedida em 22 de setembro de 1986.

A respeito da prática pedagógica específica no interior da Escola Tio Beijo, assim se expressou Lírio, um dos criadores e atual coordenador pedagógico da escola:

"Muitas vezes o pessoal fala que a escola tem que oferecer as coisas praticamente prontas. O professor tem que chegar e dar a sua aula. É o pensamento da grande maioria no começo do ano. Eles gostam que você chega e dá uma aula muito boa, bem falada, bem colocada, tudo muito bem organizado. Mas a gente procura desde o começo fazer o pessoal trabalhar em grupo. A gente tenta juntar esse pessoal porque, às vezes, é muito mais fácil aprender com outro aluno do que aprender com a gente. Agora a questão de tomar decisão aqui dentro é o seguinte: questão de aluno, questão referente à escola, é

definido com eles, questão de horário etc. Já a questão da limpeza, ficou definido que ela seria feita a cada semana por um grupo de uma bancada e que a cada quinze dias iriam fazer uma limpeza geral, lá embaixo, onde terá a participação de todos. A questão da oficina começou a ser discutida a partir dessa semana, porque a oficina estava ficando um tanto quanto suja, muito bagunçada. Então a gente se reúne com o pessoal de cada turno e começa a arrumar as coisas. Agora eles definiram que vai ficar uma bancada fixa para cada três alunos." (Entrevista realizada em 22 de setembro de 1986).

Aristo é quem fala a respeito das diferenças entre o processo de aprendizagem desenvolvido na "Tio Beijo" e o que tem como interlocutor oculto a educação autoritária e doutrinária do instituído:

"Primeiro, a diferença é que ela é diferente. Partindo do princípio que todo mundo é diferente, também a escola é diferente das outras escolas, porque é uma escola onde as pessoas que ensinam são aquelas que aprenderam a trabalhar. Então eles vão ensinando o que aprenderam. Então é diferente da outra escola, assim neste sentido. E é diferente também que nós o procuramos... o nosso ensino não é um ensino automático, é um ensino trabalhado do mesmo, onde as pessoas não são ades

tradas; não é adestrado pra fazer um determinado tipo de serviço; você aprende a fazer. E você aprende para sempre. Outra diferença que vemos nos nossos alunos é a atuação deles nas fábricas; eles estão sempre vindo aqui para dar uma treinadinha. Então eu acho que é uma escola realmente diferente, onde as pessoas aprendem as coisas do nosso lado, do lado de quem trabalha." (Entrevista realizada em 29 de setembro de 1986).

A respeito do seu papel de professor na Escola de Produção Tio Beijo e do processo de aprendizagem, assim ainda se expressa Aristo:

"O meu papel é só o de animador mesmo. E em eventuais problemas que eles juntos não conseguem resolver, aí eu entro como se fosse um juiz lá pra tentar acertar as coisas. Mas, mesmo assim, ainda entro não como o cara que chegou e soube resolver tudo não. Dou a técnica, depois se eu ver que a minha técnica está um pouco falha, aí eu volto depois na técnica pra eles acertarem ela, mas a prática é eles mesmos que fazem. Então acontece o seguinte: às vezes a gente questiona a relação da nossa tecnologia com a tecnologia estrangeira, e que nós importamos e que é americana. E hoje a gente questiona já tudo isso aí: "Que vocês acham desse negócio aí?". Pra poder o pessoal ver como é que aconte

ce também dentro da fábrica: muitas vezes eles vêm com aquilo ali e jogam em cima de você pra você fazer e você tem de saber porque que esse negócio é assim e não poderia ser de outro jeito. Pra cima de nós tudo que vem de fora é bom; inclusive, o pessoal tem até uma consciência que o negócio tem que ser americano, tem que ser japonês, porque a tecnologia nós estamos herdando deles, a tecnologia que eles querem que a gente ensine, sendo que nós hoje já desenvolvemos um conhecimento nosso."

(Entrevista realizada em 29 de setembro de 1986).

Revelando formas significativas de relação, criadas na solução de problemas educacionais específicos, alunos e ex-alunos assim se expressaram:

"Eu queria dizer o seguinte: eu já acho que a escola é diferente e boa porque lá a gente pode dar opinião, o quê que a gente quer estudar, o que é melhor pra gente, a gente é que decide as regras da escola, a maioria é que decide, conversa com o professor; não têm aquela briga de professor e aluno. Tem tudo, colegiado, aluno e professor participam, colocam o que for melhor pra escola, colocam lá e aquilo é usado. Professor e aluno lá é igual."

(Entrevista realizada em 26 de outubro de 1986).

Sobre o interesse na aprendizagem e a manifestação de sentimentos no espaço educativo da sala de aula, outros alunos e ex-alunos apresentam suas falas esclarecedoras:

"Principalmente porque a escola é nossa, nós fazemos o nosso currículo junto dos professores. Você dá vontade mais, tudo que é nosso a gente tem que cuidar e sentir bem dentro dela."

"Lá na Escola de Produção, eu pelo menos achei muito bom. A gente pode sair de casa desanimado e chega lá, chega na escola, você entra na sala pra estudar, e você tem o direito de discutir. Lá eles dão chance de você dar as suas opiniões e de ter direito, liberdade de conversar com os professores. Até os problemas particulares você pode discutir com os professores porque lá eles aceitam, dão opinião. Se a gente está precisando de uma coisa, a gente fala pro professor, ele dá uma força, eles dão uma opinião, eles não vão intrometer na vida da gente. A gente está em dúvida, a gente pode pedir opinião que eles aceitam ajudar."

(Entrevista realizada em 29 de outubro de 1986).

Também se expressaram outros ex-alunos, a respeito dos sentimentos que são vivenciados na escola:

"Eu vejo que muito importante para mim foi esse modo de aprender uma profissão, que realmente me fizesse homem no sentido profissional e no sentido realmente físico, mental também, porque dá uma vivência muito grande e a gente se fez amigos, a gente não simplesmente fez o curso, a gente também fez amigos, a gente criou alguma coisa. Então, quer dizer, é essa coisa que faz a gente mais alegre, é uma coisa que faz você sempre continuar - você saber que tem outras pessoas lutando junto com você. Tio Beijo foi uma escola que deu essa vivência pra gente, que de repente, dentro de um contexto, se quiser implantar hoje nessa escola, vai-se implantar um novo método, e se os alunos não quiserem, você tem coragem de brigar porque você sabe que é uma coisa boa. Então, quer dizer, o Tio Beijo deu aquela força, aquele empurrão que muito jovem hoje poderia e pode ter."

(Os grifos são meus).

(Entrevista realizada com o ex-aluno Cláudio em 25 de novembro de 1986).

"Além da profissionalização, a gente aprendeu o relacionamento humano. Não vou dizer que a gente não tinha, assim não, mas lá a gente aprendeu a conviver mais com a pessoa que a gente não se liga, não se dá muito bem."

(Entrevista realizada em 27 de novembro de 1986).

Sobre o cruzamento de experiências que geram novos gestos e novos textos em um espaço criado pelos próprios trabalhadores, ex-alunos falam da escola como parte da vida das pessoas, e depõem sobre como suas práticas vão além da sala de aula:

"As mães aqui, elas participam. Quando tem reuniões aqui as mães vêm aqui, ficam sabendo sobre a escola, e tem um tema aí da merenda, porque a escola não é uma escola rica, então ela não tem condições de pagar uma servente; então as mães vêm cá e fazem a merenda aí pra colaborar com a escola porque a escola está dentro da vida de cada um aqui da comunidade. Então as mães já estão vindo aqui na escola, elas participam bastante."

(Entrevistas realizadas em 27 de novembro de 1986).

"Aqui costumamos sempre preparar um assunto, a gente prepara ele. A gente pode preparar um teatro, um debate e, quando chega no local, a gente põe aquilo em andamento e começa com teatro, como fizemos o último aí, um teatro muito bom, uma coisa muito boa mesmo. Apresentamos fora, foi no Nova Granada. A gente começou com teatro, depois houve mais um discurso mesmo, um debate ali. E isso traz uma boa aprendizagem pra nós, que está passando pra eles, e pra quem está assistindo é também muito bom. (...) Desde que eu entrei aqui eles começaram a me ensinar, eu comecei a aprender is

so, como agir aí fora com eles. Vendo o trabalho que eles iam fazendo, eu fui observando e entrei."

(Entrevistas realizadas em 07 de novembro de 1986).

As falas seguintes, a meu ver, resgatam a possibilidade da sala de aula ser pensada como um espaço de educação da efetividade, da manifestação dos sentimentos, mesmo que do outro lado da balança estejam as dificuldades e as "indisciplinas":

"Antes de eu entrar aqui, eu não sabia nada, aqui eles ensinaram como enxergar o futuro, a saber compreender as pessoas, porque aqui não ensina só prática não, ensina integração humana, uma coisa importante que ajuda a gente a compreender os nossos amigos. Então eu acho que é uma coisa importante e muito bonita, aqui eu não tenho nada a reclamar porque eu gostei de tudo, no geral eu gostei de tudo. Então eu só agradeço por ter me dado uma chance de eu ter entrado aqui nessa escola."

(Entrevista realizada em 29 de setembro de 1986).

"Realmente eu gostei de tudo, porque foi uma conscientização de todos, uma dedicação grande dos professores, dos próprios alunos aqui, que eu não conhecia muita gente, foi uma amor grande que os professores teve por nós de ter aguentado a nossa turma por dois

anos, e que foi uma turma bastante ba
gunceira. Espero que eles continuem as
sim e que a-gente dê mais valor a is-
so tudo."

(Entrevista realizada em 29 de novem-
bro de 1986).

As falas acima expressando o acervo assistemá
tico de vivências cotidianas no interior da Escola Tio Beijo, dispensam comentários de análise. Revelam, por si mesmas, suas riquezas. No entanto, há um as
pecto de las que merece comentário destacado. Quero dizer que na re
lação entre professores e alunos da Escola Tio Beijo vi
ve-se um clima de liberdade, respeito mútuo e solidari
idade. Nessa relação evidencia-se uma prática que ques
tiona o autoritarismo e as formas de opressão. A vigi
lância nas re'ações educativas deve atacar sempre o des
potismo e as opressões que impedem a emergência da "ex
periência humana".

Na aprendizagem, a opressão inibe desde a ma-
nifestação dos sentimentos e da criatividade até a per
cepção e o domínio de conhecimentos técnicos. Reforçan
do o que Roberto, um dos coordenadores, declarou numa
entrevista, sem dúvida o conhecimento torna-se poder
opressor quando é usado pelo professor que coloca sua
"capacidade acima de tudo". É cabível, aqui, decretar
uma sentença: a forma mais sutil de opressão inibe a
vida como as pirâmides não deixam germinar o grão.

1. - Misturando as práticas

Além do registro das experiências relatadas, exponho também neste trabalho observações que fiz enquanto desempenhava dois papéis, um como professor e outro como pesquisador. Na experiência do dia-a-dia da

sala de aula da Escola Tio Beijo captei formas de relação caracterizáveis como expressões da autonomia também no processo de aprendizagem. Na dinâmica do cotidiano dessa escola, dentre outras observações apresento algumas que correspondem à descaracterização do modelo sistêmico de escola. Com essa descaracterização, criam-se novas possibilidades educativas que revelam os cuidados que esses sujeitos-trabalhadores têm com a educação que lhes interessa. Exponho, a seguir, as observações mais relevantes:

. A movimentação dos alunos pelos espaços internos da escola expressa a liberdade, a confiança, o sentimento e gestos novos criados na especificidade do cotidiano. São gestos devidos às novas formas de relação criadas e devidos a uma outra concepção de espaço e de aprendizagem. Por exemplo:

- Ali a secretaria, a biblioteca, a cantina e outros espaços são utilizados pelos alunos que são orientados pelos seus interesses.
- A cantina é organizada e funciona pela participação dos alunos, mães, funcionários e professores.
- Nos banheiros não há a determinação para uso discriminado, homem e mulher.
- As salas de aula, no decorrer de uma atividade, transformam-se em palco para teatro, projeção de filmes, "slides" etc.
- As aulas, muitas vezes, são interrompidas pelos próprios alunos para exposição de problemas relativos à vida coletiva da escola, da comunidade, ou mesmo para resolução de problemas da escola pública onde, também muitos deles estudam.

- . Há na escola manifestação das emoções, carregada de sensibilidade e afeto, ou, em outras situações, de conotação penosa e conflitiva: Por exemplo: ali se vive a interrupção de aulas no instante em que os alunos prestam solidariedade ou aconselhamento aos colegas que vivenciam problemas emocionais, financeiros, ou situações conflitivas entre eles mesmos e a família.

- . Adota-se, ali, formas de organização não-verticalizada e de orientação não-cristalizável. Exemplificando: alunos que se organizam em comissões rotativas para buscar novos conhecimentos, através de pesquisa no bairro, participação nas tarefas coletivas da escola. Nesta prática se apresentam para lutas da comunidade. Para defenderem seus interesses na aprendizagem, se fortalecem organizando-se como alunos, criando normas internas que asseguram a fundação da liberdade naquele espaço.

- . Os alunos da Escola Tio Beijo quebram o autoritarismo pedagógico na execução do currículo. Por exemplo: as programações das matérias de História, Sindicalismo, Integração Humana, ou a discussão de questões do cotidiano são alcançadas através de propostas dos alunos, professores, coordenadores, etc.

- . Num encontro de ex-alunos, alunos funcionários e professores pude captar os instantes significativos do cruzamento de experiências vividas e narradas. Ali cruzam-se as experiências dos ex-alunos-trabalhadores fabris, as dos alunos já no processo produtivo e as de alunos não trabalhadores. Neste espaço garantem a discussão de qualquer questão do seu cotidiano.

. A equipe de professores e coordenadores ajuda na constituição da teia de experiência da classe trabalhadora, a começar pela própria prática desses professores e instrutores, que participam de outros movimentos específicos da região. Também pela concepção de educação que têm, privilegiam uma literatura e um método educativo que acredita na construção de sua autonomia.

No período da pesquisa que possibilitou essas observações, procurei explicitar manifestações que, à primeira vista, parecem impressionistas. No entanto, quando vivenciei a experiência como profissional da educação na área de história, compreendi que a sala de aula da Escola Tio Beijo representa a constituição de um espaço vital para esses trabalhadores, pois demonstra sua negação ao autoritarismo presente na educação formal. Isto por um lado; por outro lado, essa constituição temporal e espacial representa o lugar onde se reelabora, permanentemente, a memória desses sujeitos. E mais: Essa conquista representa a possibilidade de recuperação de vivências que foram silenciadas e que, constantemente, se evidenciam nas práticas daqueles trabalhadores.

Assim a especificidade do dia-adia faz desencadear um movimento de alunos e professores em busca de soluções específicas que enfrentam, por vias diretas, as opressões também específicas. Neste sentido, as relações aluno/aluno e aluno/professor se explicam por uma visão pedagógica caracterizável, como afirma Novaski, pelo "mútuo levar de um lugar para outro: o meu interlocutor me leva para sua perspectiva, eu o trago para a minha, e assim o conteúdo da nossa conversa vai-se acumulando de informações enriquecedoras." (MORAIS, 1986 p. 11.12).

Considerando isso, o levar e trazer estará permeado de interesses mútuos que sempre vão orientando a busca de novos conhecimentos, à medida em que naquele espaço educativo ocorre o já referido cruzamento de experiências vividas e narradas em condições não autoritárias. Com essa prática pedagógica abrem-se novos caminhos; em que alunos e ex-alunos, a parte até então silenciada e considerada receptora no processo educativo, se apresentam como sujeitos também a partir das quatro paredes de uma sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha preocupação ao começar este trabalho estava centrada na possibilidade de recuperar a experiência vivida por trabalhadores da região Industrial enquanto travavam lutas pela criação de sua própria escola. Era também intenção minha demonstrar que a experiência da Escola Tio Beijo está contribuindo para gerar uma nova pedagogia. Digo isso porque acredito que no espaço específico de lutas criado pelos próprios trabalhadores se dá o enfrentamento às opressões, também específicas. Pretendia demonstrar que ao descobrirem novos caminhos aqueles trabalhadores desconstróem os limites e os aceiros inibidores de sua autonomia.

Ao desenvolver a pesquisa percorri vários caminhos para "desentocar", tirar do silêncio as formas de relação produzidas pelos trabalhadores e expressa na criação e nos cuidados com a Escola Tio Beijo. Com relação a essa experiência, a pesquisa revela que os trabalhadores, ao criarem seu espaço específico, ajuntam os fragmentos de sua identidade e se apresentam fortalecidos na luta contra a opressão. Mostra que ao desenvolverem sua prática educativa específica aqueles sujeitos-trabalhadores não abandonam os espaços controlados pelo poder político vigente. Ao contrário, com a ampliação de seu espaço e o fortalecimento de sua organização autônoma, apresentam-se nas relações com o poder instituído, por meio de um movimento que se autoconstitui e exercita um contra-poder.

E, ao ampliarem suas formas de relação, esses trabalhadores abrem mais os espaços específicos de lu-

ta, onde materializam os cuidados com sua educação. No espaço construído e orientado por seus interesses, eles se colocam vigilantes, com uma outra postura diante dos dominantes. Não só os enfrentam, reivindicando melhorias na educação pública como também se organizam e se apresentam em vigilância crítica dela.

Concluí que o movimento daqueles protagonistas em busca da educação que lhes interessa se constitui da prática fragmentada do seu cotidiano, onde a sua experiência educativa se mostra por uma imagem caleidoscópica. Os dados levantados revelam que o espaço educativo não formal deve ser pensado também como um lugar que contribui para as transformações sociais. Revelam, com mais intensidade ainda, que essas transformações não seguem um caminho único.

Explicitam as análises, que os locais já consagrados pelo poder político vigente dificultam e constroem aceiros para frear o avanço das forças autônomas e garantir o controle e a exploração sobre os trabalhadores. Cheguei, então, à conclusão de que o poder político vigente, para garantir o referido controle, institui programas e executa reformas no nível administrativo, criando para isso os mecanismos que impedem as transformações mais profundas. Inclusive, quando isso não acontece dentro do absorvível pela "ordem democrática" o poder vigente lança mão de mecanismos repressivos para silenciar as mudanças qualitativas que estão sendo gestadas no cotidiano específico.

A trajetória da constituição do processo educativo expressa neste estudo só confirma e revela que o movimento dos trabalhadores, ao constituir-se, abre novos espaços específicos de lutas emancipatórias que pegam os estreitos caminhos já consagrados pelo poder

político dominante. Concluí, ainda, que as práticas educativas ocorridas naquele espaço específico também demonstram que os trabalhadores, ao criarem formas de autonomia expressas nas relações criadas naquele espaço educativo específico, fincam marcos de sua liberdade. Ali aqueles trabalhadores se vêem respeitados e se percebem como sujeitos.

Nas diversas ações educativas desencadeadas pela Escola Tio Beijo percebi a constituição da teia das experiências vividas e narradas, possibilitada pela prática educativa no dia-a-dia daquela escola. Pelo cruzamento dessas experiências, naquele espaço educativo, os trabalhadores abrem a possibilidade de se perceberem como sujeitos. Procurei, então, demonstrar que aquele espaço específico da sala-de-aula está possibilitando a recuperação do memorial das experiências dos alunos enquanto sujeitos. Considero dispensável afirmar que a libertação do trabalhador implica na reelaboração da sua memória como sujeito agente de sua própria história no seu efetivo acontecer.

Entendi, também, que ao tecer a teia de suas experiências o trabalhador descobre-se e constrói, no processo, sua identidade. E, ainda nesse processo, ao se reconhecer ele fareja e vivência os instantes de sua emancipação, quando, nas relações cotidianas descontínuas se lança à busca de novas formas de vida. Os impulsos à busca de novas condições de existência têm demonstrado, ali, seu movimento.

Procuro mostrar nesse estudo que as experiências de autonomia na prática educativa da Escola Tio Beijo, ao contrário da visão unificadora da educação, revelam que os caminhos se constroem na própria construção. Revelam também que os interesses dos trabalha-

dores orientam para a reapropriação e produção de novos conhecimentos. É que são os próprios sujeitos-trabalhadores quem define os passos importantes para sua emancipação.

Aquelas experiências revelaram também que a prática daqueles trabalhadores no espaço específico da sala-de-aula tem garantido formação técnica eficiente, tanto no aspecto do domínio do conhecimento técnico como no desempenho de atividades operacionais. Tais experiências têm mostrado que, simultaneamente, éssa prática educativa traduz nas relações professor/aluno, aluno/aluno, bem como na compreensão política do mundo, uma vital significação na emancipação daqueles trabalhadores.

Além disso, revelam as experiências da Escola de Produção Tio Beijo que para conseguir a fundação da sua liberdade os trabalhadores criam seus próprios caminhos, as formas de organização que lhes convêm e, inclusive, espaços onde respiram o perfume e tomam o gosto, nem que seja por instantes, de suas vitórias. Demonstram ali que por meio de uma prática educativa que expressa os seus interesses e cuidados com sua educação os trabalhadores captam a importância do enfrentamento das opressões, também no espaço educativo específico do cotidiano. Percebem aqueles trabalhadores que seu espaço educativo se revela, por um lado, como um lugar da opressão, dada a existência de relações autoritárias na prática educativa entre os agentes daquele processo. No entanto, por outro lado, aquele espaço lhes aparece como um lugar onde ocorre a construção de conhecimentos que descontroem o autoritarismo.

As teorias tradicionais a esse respeito tomam a aprendizagem como um momento da transmissão de conhecimentos. Nesse sentido, este trabalho explicita que o conhecimento só é construído na perspectiva emancipadora quando os interesses dos alunos-trabalhadores orientam sua busca. Assim, no processo educativo, quando isso não ocorre, podemos afirmar, sem dúvida, que a denominação conhecida comumente por aprendizagem nada mais é que memorização temporária, ou, na linguagem mais vulgar, memorização descartável, ou, ainda, "saberes" que vão encher os fundos da memória. Isso inclusive estabelece condições favoráveis para que sejam jogadas ali novas informações, também descartáveis, para alimentar o ritmo do consumo.

Com a explicitação das experiências educativas da Escola de Produção Tio Beijo desponta uma maneira peculiar de enfrentamento da questão da educação dos trabalhadores. Tal experiência e outras similares já citadas neste trabalho estão contribuindo amplamente para a emergência de uma outra qualidade na demanda por educação.

O movimento explícito, constituído em função de melhoria da qualidade da educação formal tem sido sobretudo a nível do acesso à escola que os trabalhadores do ensino e pais têm reivindicado. Isto por um lado, por outro lado, as concepções tradicionais a respeito da educação dos trabalhadores têm tomado, como única fonte para sua análise, as lutas e as práticas orientadas por sindicatos e/ou partidos políticos. Com isso ignoram a possibilidade de lutas no espaço educativo específico. Com isso também ocultam o movimento não-explícito que está se autoconstituindo nas "lutas por escola". E ocultam, também, uma nova forma de aprendizagem construída no interior da sala de aula.

Todavia, uma outra linha de análise explicativa tem privilegiado o espaço educativo fragmentado do cotidiano, onde acontece a educação que interessa aos trabalhadores. Nesse sentido, procurei demonstrar que o objetivo de algumas análises mais recentes é "desentocar" entulhos e velhas concepções que entravam o avanço na construção da pedagogia dos trabalhadores.

Alguns trabalhos teóricos produzidos nas duas últimas décadas, e já citados nesta dissertação, têm contribuído, mesmo que por vias indiretas, para que o espaço específico da sala-de-aula, onde estão no cabo do remo os trabalhadores, seja pensado como um lugar para "transgredir com sabedoria as regras de comportamento estabelecidas...", como afirmou Carlos Brandão. (MORAIS, et alii, 1986 p. 114).

Na Escola Tio Beijo também está em construção um espaço do fortalecimento da autonomia dos trabalhadores e a pesquisa permite, ainda, concluir que o espaço específico onde os trabalhadores cuidam da sua educação tem revelado uma outra forma de expressão da autonomia como imprescindível à sua emancipação.

Tanto através da existência de pequenos grupos, comissões de alunos e de ex-alunos, grupos de pais, mutirões e caravanas, bem como através da prática do controle e gerência de sua própria escola, os trabalhadores vêm construindo um movimento autônomo pela educação que lhes interessa, no espaço fragmentado do seu cotidiano.

Naquele espaço educativo há a possibilidade do cruzamento das experiências vividas e narradas, há a busca constante da produção de conhecimentos orientados por seus interesses. Ali, aqueles trabalhadores decidem a forma de suas lutas e deixam emergir novos im-

pulsos para outras buscas. Indicam e destituem seus representantes. Se apresentam e são respeitados pelas instituições da educação pública, por partidos políticos e pelas organizações representativas a nível local (associação comunitária, sindicato, etc.).

Essa prática é reconhecida também em nível nacional, como por exemplo pela Central Única dos Trabalhadores - CUT, Pastoral de Base da Igreja Católica, entidades culturais e meios de comunicação de caráter alternativo. A experiência de educação da Escola Tio Beijo, no entanto, tem passado por diversas dificuldades de nível financeiro, ou provenientes das limitações de ordem política.

Uma outra contribuição importante da prática pedagógica desenvolvida na dinâmica interna da sala-de-aula da Escola de Produção Tio Beijo se expressa pelo fato dela servir como referência às outras experiências similares de educação na Região Industrial de Belo Horizonte/Contagem e, também, em outros estados, como já foi dito anteriormente. Sua prática educativa tem merecido atenção e reconhecimento também por parte dos educadores das escolas públicas locais.

O dia-a-dia na experiência da Escola de Produção Tio Beijo se tem tornado um campo de estudos, observação e pesquisas por parte de professores e alunos do ensino superior da área de Ciências sociais e Humanas. A meu ver, é necessário destacar de maneira especial, e repetir de viva voz, que é imprescindível à luta emancipatória dos trabalhadores a reelaboração do memorial histórico de suas experiências vividas e narradas; que o espaço específico da sala-de-aula é um lugar do cruzamento dessas experiências; que nesse espaço, e a partir dele, o movimento daqueles trabalhadores

se autoconstitui, ao criar suas formas de autonomia na luta onde materializa os cuidados com sua educação; que a sala-de-aula poderá ser pensada como um lugar privilegiado, em que a razão se curvará frente à emoção quando a experiência humana, a educação do humano, emergir ajuntando os fragmentos de identidade daqueles sujeitos-trabalhadores.

Enfim, as formas de relações produzidas no processo educativo da Escola de Produção "Tio Beijo", tanto na dinâmica interna como na prática pedagógica mais geral emergem como fundamentais à constituição da identidade dos sujeitos-trabalhadores que ali atuam. Nesse movimento aqueles trabalhadores buscam resgatar o passado pela redescoberta do tempo onde afirmam sua diferença e compreendem suas vivências cotidianas fragmentadas. Por meio de uma prática integrada, eventualmente convergente, se comprometem com as necessidades da realidade presente, através da "experiência humana" da arte, da produção científica e da fundação de uma outra história.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

01. ASA, José Carlos. Matiz Biografia de Benjamim Garcia. Belo Horizonte, Página Arte e Composição Ltda, 1985 p.44.
02. BAKUNIN. O socialismo literário. São Paulo, Globo Editora, 1979, p.166.
03. BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas, magia e técnica, arte e política. São Paulo, Brasiliense, 1986.
04. BERNARDO, João. Marx crítico de Marx. Porto. Afrontamento, 1979, v.3.
05. BRUNO, Lúcia. O que é autonomia operária. São Paulo, Brasiliense, 1985, p.12-8.
06. CADERNO DE EDUCAÇÃO POPULAR. Petrópolis, 10, 1986 - 125 p.
07. CADERNOS GETEC. "Mutirão". Belo Horizonte, ago. 1978 (mimeogr.)
08. CADERNOS DE PESQUISA. São Paulo, 47, nov.1983.
09. CADERNOS DO TRABALHADOR. "Nas Raízes da Democracia Operária". São Paulo, 4, 1982.
10. CAMPOS, Rogério Cunha. Luta dos trabalhadores pela escola. Belo Horizonte, FAE/UFMG, 1985. (tese mestrado).

11. CODO, Wanderley. O que é a alienação. São Paulo, Brasiliense, 1985.
12. COELHO, Magda Prates. Tentativa de reconstrução da história do bairro Lindéia. Belo Horizonte, 1980. (mimeogr.)
13. CASTORIADIS, Cornelius & COHN, Daniel Bedit. Da ecologia a autonomia. São Paulo, Brasiliense, 1981.
14. ----- . As encruzilhadas do labirinto. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
15. ----- . A experiência do movimento operário. São Paulo, Brasiliense, 1985.
16. ----- . Socialismo ou Barbárie: o conteúdo do socialismo. São Paulo, Brasiliense, 1983.
17. CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. São Paulo, Brasiliense, 1986.
18. CURY, Carlos R. Jamil. Educação e Contradição. São Paulo, Cortez, 1985.
19. DECCA, Edgar S. de. O silêncio dos vencidos. São Paulo, Brasiliense, 1984.
20. DELEUZE, Gilles. Proust e os signos. Rio de Janeiro, 1987.

21. EDITORIAIS E TEXTOS DO JORNAL COMBATE. Porto, Afronta
mento, 1975.
22. ELIOT, T.S. Poesia. Rio de Janeiro, Nova Fronteira,
1981.
23. FARIA, Hamilton José Barreto. A experiência operária
nos anos de resistência. A oposição sindical meta-
lúrgica de São Paulo e a dinâmica do movimento ope-
rário, 1964-1978. São Paulo, PUC, 1986 (tese mes-
trado).
24. FAUSTO NETO, Ana Maria Quiroga. Família operária e
reprodução da força de trabalho. Petrópolis, Vozes,
1982.
25. FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, Cultura e História
Social: Perspectiva de Investigação, In: Projeto
História 4, História e Historiografia - Contribuição
ao debate. São Paulo, PUC - EDUC, junho, 1985.
26. FLEURY, Maria Tereza Leme, et alii. Processo e rela-
ções do trabalho no Brasil. São Paulo, Atlas, 1985.
27. FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro,
Paz e Terra, 1983.
28. FREIRE, Roberto & BRITO, Fausto. Utopia e paixão: a
política do cotidiano. Rio de Janeiro, Rocco, 1984.
29. FRIGOTTO, Gaudêncio. Fazendo pelas mãos a cabeça do
trabalhador. Cadernos de pesquisa. 47:39, 1983.

30. FRIGOTTO, Gaudêncio. A Produtividade da escola impro-
dutiva. São Paulo, Cortez, 1984.
31. GABEIRA, Fernando. Vida alternativa: uma revolução do
dia-a-dia. Porto Alegre, L&PM Editores Ltda, 1985.
32. GORZ, André. Adeus ao proletariado: para além do so-
cialismo. Rio de Janeiro, Forense Universitária,
1982.
33. GRUPO DE EDUCAÇÃO POPULAR. "Que história é essa? Esco-
la Viva". São Paulo, 2:3-42, fev.1985.
34. GUATTARI, Felix & ROLNIK, Suely. Cartografias do de-
sejo. Petrópolis, Vozes, 1986.
35. HABERMAS, Jurge. Conhecimento e interesse. Rio de Ja-
neiro, Zahar, 1982, p.229.
36. KUENZER, Acácia Z. Pedagogia da fábrica. São Paulo,
Cortez, 1985.
37. LE FORT, Claude. A invenção democrática. São Paulo,
Brasiliense, 1983.
38. LINHART, Robert. Greve na fábrica. Rio de Janeiro,
Paz e Terra, 1980.
39. LOBROT, Michel. A pedagogia institucional. Lisboa, Ini-
ciativas Editoriais, 1966.

40. LUKÁCS, Georg. História e consciência de classe. Lisboa, Pub.Escorpião, 1974.
41. LUXEMBURGO, Rosa. Greve de massas, partidos e sindicatos. Coimbra, Centelha, 1974.
42. LYOTARD, Jean-François. O Pós-moderno. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.
43. MARONI, Améris. A Estratégia da recusa: análise das greves de 1978. São Paulo, Brasiliense, 1982.
44. MARTINS, José de S. O Cativo da terra. São Paulo, Lech, 1981.
45. MARX, Karl. O Capital. Rio de Janeiro, Civilização 1975. 3.ed., vol.I.
46. ----- & ENGELS, F. A ideologia alemã (Feurbach). São Paulo, Hucitec, 1984.
47. MORAIS, Regis de, org. Sala de aula: que espaço é esse? Campinas, Papirus, 1986, p.11-12.
48. MOTTA, Fernando C.Prestes. Organização e poder - empresa, estado e escola. São Paulo, Atlas, 1986.
49. MUNAKATA, Kasumi. O lugar do movimento operário. In: Encontro Regional de História de São Paulo, 4. Anais... Araraquara, 1980.

50. NUN, José. A rebelião do coro. in Revista Desvios, São Paulo, Paz e Terra, 2, 1983.
51. PAOLI, Maria Célia & SADER, Eder. Pensando a classe operária - os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico. Revista Brasileira de História. São Paulo, 6:129-149, 1984.
52. ----- . Os trabalhadores urbanos na fala dos outros: tempo, espaço e classe na história brasileira - 1. n.t. p.24-25(mimeogr.)
53. PISTRAK. Fundamentos da escola do trabalho. São Paulo, Brasiliense, 1981.
54. Revista Desvios. Coletivo Autonomista. São Paulo, Paz e Terra, 1985 e 1986.
55. Revista de Economia Política. São Paulo, 5(3):5-156, jul.set.1985.
56. ROSSI, Wagner Gonçalves. Capitalismo e educação. São Paulo, Moraes, 1980.
57. ----- . Pedagogia do trabalho, raízes da educação socialista. São Paulo, Moraes, 1981.
58. RUDE, George. Ideologia e protesto popular. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
59. SADER, Eder, et alii. Movimento operário brasileiro. 1900-1979. Belo Horizonte, Vega, l.d.

60. SANTOS, Jair Ferreira dos. O que é pós-moderno. São Paulo, Brasiliense, 1986, p.79-80.
61. SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. São Paulo, Cortez, 1983.
62. SCHAFF, Adam. História e verdade. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
63. SOUZA, Maria Inez Salgado. Os empresários e a educação. Petrópolis, Vozes, 1981.
64. SUBIRATS, Eduardo. Da Vanguarda ao pós-moderno. São Paulo, Nobel, 1986.
65. THOMPSON, E.P. Lucha de clases sin clases: tradicion, revuelta y consciencia de clase. Barcelona, Editorial Crítica, 1979, p.39.
66. TRONTI, Mário. Operário e capital. Porto, Afrontamento.
67. WEFFORT, Francisco C. Participação e conflito industrial: Contagem e Osasco - 1968 - Cadernos CEBRAP São Paulo, 1972. p.87.
68. WEIL, Simone. A Condição operária e outros estudos sobre a opressão. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979 p.65-104.

ANEXOS

ANEXO I

Contagem, meta da Utramig

Que tipo de educação interessa aos trabalhadores? Este foi o principal questionamento do debate travado por cerca de 20 associações comunitárias, escolas profissionalizantes e lideranças operárias reunidas na sede do Centro Operário Profissionalizante e Recreativo — Copre, em Contagem, oportunidade na qual o superintendente da Utramig, Dimas Perrin, anunciou que estão sendo desenvolvidos estudos junto à Prefeitura de Contagem para implantar, no prédio onde hoje funciona a Câmara Municipal, uma unidade da Utramig.

Durante a reunião, foi lançado o Conselho Utramig de Educação e Trabalho de Contagem, que tem por finalidade auxiliar a implantação da Fundação naquele município, bem como estimular a sua atuação no sentido de efetivação de uma universidade do trabalho que idealize uma educação voltada para a problemática social.

O Conselho tem a participação de sindicatos, associações comunitárias, grupos culturais, creches e es-

colas operárias. A eleição de sua diretoria executiva foi no último domingo, na sede do Copre. Têm direito a voto todos os representantes populares interessados na extensão das atividades da Utramig, enquanto uma escola voltada para os problemas do trabalhador.

Como resultado dos debates realizados e tendo como respaldo a experiência em educação e formação profissional das entidades presentes, foram alinhados os pontos básicos de uma escola que se destine aos trabalhadores. Entre eles, ressaltam-se o atendimento aos desempregados e pessoas carentes e a seus filhos, permitindo a sua promoção social; e a definição de uma educação libertadora, que ajude o operário a entender e dominar o processo de trabalho, bem como questionar o sentido político da técnica. Esta opinião vem ao encontro do pensamento que hoje orienta a Utramig, já que, segundo Dimas Perrin, seu principal objetivo é a adequação definitiva da instituição a uma autêntica universidade do trabalho, assim como ela foi originariamente pensada.

ANEXO II

o Senhor Dr. Tancredo de Almeida Neves
Governador do Estado de Minas Gerais

Nós, representantes das associações comunitárias, sindicatos, creches e demais sociedades que trabalham com a formação profissional e outros grupos culturais da Região de Contagem e Betim, solicitamos que a Utramig viesse discutir conosco as suas possibilidades em integrar-se às comunidades periféricas.

A Utramig mostrou-se receptiva a essa nossa sugestão: Fizemos várias reuniões conjuntas para discutirmos problemas de educação e de trabalho, que tipo de educação é necessária para atender os moradores dessas regiões.

A população da Região Industrial, composta por um grande número de moradores (41 favelas só na região de Contagem), uma grande percentagem de analfabetos provenientes do meio rural e na sua grande maioria por trabalhadores de baixa renda, tem hoje a sua situação agravada pelo desemprego. Por outro lado, o que existe de educação profissionalizante voltada para esta população tem sido insignificante, pois atende a um número irrisório de interessados e são cursos de curta duração, dados de maneira precária com base no trabalho voluntário das entidades comunitárias. Os poucos cursos técnicos que existem são inacessíveis para a grande maioria, dada a exigência de nível de escolaridade que uma grande parte dos trabalhadores não tem e, boa parcela por insuficiência nutricional e/ou em consequência dessa, sofreram distúrbios orgânicos que os coloca numa situação marginal, não só em relação a sociedade como para a própria disputa de possibilidade de trabalhar.

Diante desse quadro e cientes da intenção do atual Superintendente Utramig em atender prioritariamente os trabalhadores, conforme o objetivo inicial dessa entidade, vimos através deste manifestar a nossa crença de que este seja um passo importante rumo à educação democrática que beneficie a nossa comunidade.

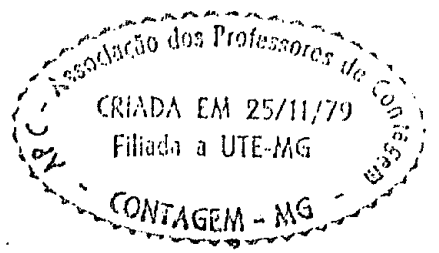
Com base no exposto acima e a partir das questões levantadas nas reuniões, vimos perante V.Excelência apresentar as seguintes reivindicações:

- Que a Utramig tenha uma unidade em Contagem, onde funcione além dos cursos de curta duração, um curso técnico de 2º grau;
- Que esses cursos sejam acessíveis e na sua maioria gratuitos;
- Que a Utramig apoie os cursos já existentes;
- Que as entidades representativas da comunidade tenham uma participação permanente na direção dos trabalhos da Utramig aqui;
- Que a Utramig faça um levantamento junto as entidades particulares e públicas dos equipamentos, oficinas e espaços físicos próprios;

- 13 . Associação do Bairro Novo Eldorado
- 14 . Associação dos amigos do Parque São João
Rua 8 nº 161 Parque São João - Contagem
- 15 . Centro Social Urbano -
CSU - Eldorado - Contagem
- 16 . ACMEM - Associação Comunitária dos Bairros - Maria da Conceição
Stª Edwiges - J.Marrocos-
- 17 . Associação dos Moradores da Vila Beatriz
- 18 . Associação Comunitária do Retiro das Esperanças
Retiro - Contagem
- 19 . Associação Comunitária do B.Monte Castelo
Rua Cubatão s/n - Monte Castelo
- 20 . COPRE - Centro Operário Profissionalizante e Recreativo
Av. do Canal 118 - Cid. Jardim Eldorado - Contagem
- 21 . JUSL - Grupo de Jovens -
- 22 . Comunidade São João Batista -
Paróquia Jesus Operário -
- 23 . JUST - Grupo de Jovens - São Caetano
- 24 . SAC - Grupo de Jovens da Vila Cristina
- 25 . CEU - Grupo de Jovens da Petrolândia
- 26 . Associação dos Moradores do Bairro Petrolândia - Contagem
- 27 . JOBIC - Grupo de Jovens do C. Sta. Helena
- 28 . Associação Educativa " Pés no Chão "
- 29 . Associação Comunitária do Bairro Santa Helena
Rua 5 nº 237 - Bairro Santa Helena
- 30 . Associação Feminina Jardim Castelinho
Rua Francisco Rodrigues Pereira 456
- 31 . S.S.V.Paulo - Conferência Santa Cristina
Rua Itália 273 - Bairro Amazonas
- 32 . S.S.V.P. Conferência Santa Luzia
Av. JK. 622 - Bairro Industrial - Contagem
- 33 . S.S.V.P. Conferência S.Sebastião
Av. JK - 622
- 34 . Associação da Vila Vista Alegre
Rua João XXIII 95 - Vista Alegre-Belo Horizonte-

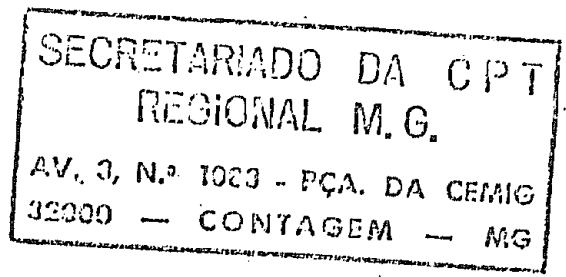
- 35 . Associação Beneficente dos Moradores da Villa do Bairro Cabana
Bairro Cabana - Belo Horizonte
- 36 . Creche Aurora Prado
Rua Marquês do Paraná 95 Bairro Amazonas
- 37 . Coordenadora da Alfabetização de Adultos e Adolescentes
da Comissão Municipal do Mobral em Contagem
Praça Silviano Brandão nº19 - Centro-Contagem
- 38 . Fundação Educacional e Cultural Metropolitana
Rua Visconde de Ouro Preto nº 70- Jardim Industrial
- 39 . Associação Comunitária Inconfidentes
Rua João Lima 343 - Bairro Inconfidentes - Contagem
- 40 . Secretariado da CPT Regional de MG.
Av. 3 1083 Praça da Cemig - Contagem
- 41 . Centro Profissional do Bairro Lindeia
Bairro Lindeia - Belo Horizonte
- 42 . JUNAC - Grupo de Jovens do Bairro Industrial
- 43 . Associação Comunitária do Bairro Amazonas
- 44 . Associação Comunitária do Bairro Industrial
- 45 . Associação Comunitária do Bairro Lindéia
- 46 . Pároco da Igreja Jesus Ressuscitado do Bairro Lindéia
- 47 . José Milton do Vale do Jatobá - Metalúrgico
- 48 . Creche - Lar Frei Toninho - Bairro Independência
- 49 . Movimento Cultural do Vale do Jatobá
- 50 . Federação de Cineclubes de Minas Gerais.
- 51 . Associação Comunitária Novo Progresso
- 52 . Associação Comunitária do Bairro Nova Vista
- 53 . Associação Comunitária do Guanabara
- 54 . Associação Comunitária do Campina Verde
- 55 - Associação Comunitária do Vila São Mateus
- 56 - Associação Comunitária do Bairro Vazquez
- 57 - Associação Comunitária do Bairro Estrela Dalva
- 58 . Associação Comunitária Bairro Kennedy
- 59 - Escola Municipal - Padre Massote
- 60 - (Escola) Associação Comunitária Santa Luzia
- 61 - S.S.V.P. Conferência do Bairro Jardim Lagoa

Associação dos Professores de Contagem
Associação da Anha Guimarães



João César de Oliveira, 650
CONTAGEM - S.T.

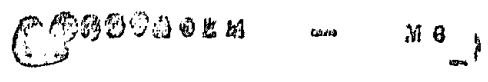
dos Alberto Kouzani.
dos Brincos de Assunção
Augusto Alves Gomes



21 426 222 / 0001-11

ASSOCIAÇÃO DA VILA BARRAGINHÃ

RUA 18, N.º 684
CEP 32.000

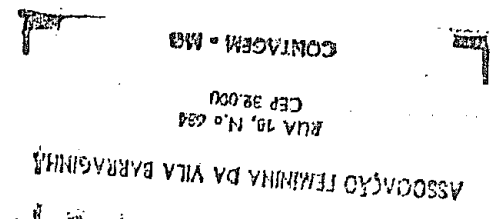


13040803/0001-94

ASSOCIAÇÃO FEMININA DA VILA BARRAGINHÃ

RUA 18, N.º 684
CEP 32.000

CONTAGEM - MG



16840803/0001-94

José Rodrigues de Paula
Adete Augusta de Jesus Silva
Coniara Maria da Silva.

Cláudia Pedra -
Associação Social do Conselho Paroquial M.S do Carmo.
R. dos Italianos 1346. Flamengo.

Jucarm. Jovens Unidos costringido o amor
R. dos Italianos N.º 1346 Flamengo
Representante: Nivaldo Azevedo Dutra

Conselho Municipal da Mulher Contagense
Rua Anchieta nº 374 B. Bandeirantes Contagem
Representante do Bairro no Conselho
Sônia Maria de Oliveira

Município de Oliveira
Rua Anchieta, 374
Bairros dos Bandeirantes - CONTAGEM

S. S. V. P.
CONFERÊNCIA SÃO
FRANCISCO DAS CHACAS
- B. BANDEIRANTES
PRESIDENTE

Comissão pro-Melhoramento do Bairro Bandeirantes
Rua das Bazaristas 1101 - B. Bandeirantes - Contagem

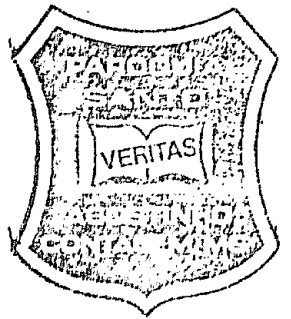
[Signature]
JOSÉ EUSTÁQUIO DOS SANTOS
PRESIDENTE

José Augusto Lima
Rua dos Italianos 1146.

S.S.V.P. DO BRASIL
CONSELHO PARTICULAR
BARRIO FLAMENGO DO CANTO
- BARRIO FLAMENGO -
CONTAGEM - M. G.

S.S.V.P. DO BRASIL
CONSELHO PARTICULAR
BARRIO FLAMENGO DO CANTO
- BARRIO FLAMENGO -
CONTAGEM - M. G.

Ricardo Valente
Rua Marte 435



Associação Cultural Habitar
Res. da Associação 21123179 / 0001-44
Comunitária do Bairro
Riacho das Pedras
Rua Rio Indaia 611
Riacho

ASSOC. COMUN. DO BARRIO
RIACHO DAS PEDRAS
RUA RIO MADEIRA, 446
RIACHO DAS PEDRAS - CEP 22.000
CONTAGEM - M. G.

Associação do Bairro Novo Eldorado

Associação dos amigos de Parque São
Sto. Edwiges - Vila União

Associação Comunitária dos Bairros
Maria Conceição, St. Edwiges
e J. Marrocos,

Associação dos moradores da
Vila Beatrix.

Associação Comunitária
dos Esperanças
Vila e Lagoa Santa

Associação Comunitária
do Monte Castelo

CENTRO OPERÁRIO PROFISSIONALIZANTE
E RECREATIVO
do Monte Castelo
Sede

Zacarias - Presidente
Jaima Dist. 19195973/0001-5

Associação dos Amigos do Parque São
Gerente do CDU Eldorado RUA B N.º 161
PARQUE SÃO JOÃO - CEP 32.600
CONTAGEM - MG

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS BAIROS
Maria da Conceição - St.ª Edwiges - J. Marrocos
(ACMEM)

José Alves de Souza

Associação dos Moradores da Vila Beatrix
Carlos Alberto da Silva
PRESIDENTE

Associação Comunitária do Retiro
CONTAGEM - MG

Madir Rentes dos Santos
Presidente Associação Comunitária
do Retiro

Madir Rentes
16 871 394 / 0001 - 93

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA
MONTE CASTELO - A.C.M.G.

RUA CUBATÃO, S/Nº

B. MONTE CASTELO - CEP 32000

Associação S. Rompim Frederico

21 811 930 / 0001 - 03

CENTRO OPERÁRIO PROFISSIONALIZANTE E RECREATIVO

AV. DO CANAL, 113

CID. JARDIM EL DORADO - CEP 32000

CONTAGEM - M. G.

DOMINGUES

JONCADAS Grupo de jovens J.U 31. São Luiz.
Coordenador.

Mendes Lopes

COMUNIDADE DE SÃO JOÃO BATISTA São João
PARÓQUIA JESUS OPERÁRIO
(ARQUIDIOCESE DE B. HORIZONTE)

do Apolinário Sobrinho

Grupo de jovens Just. São Baltazar
2º Coordenador

do Medeiros de Oliveira

GRUPO DE JOVENS AC VILA CRISTINA
Coordenador

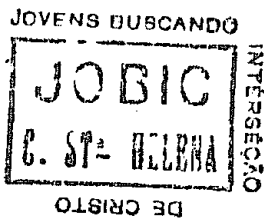
do Ferreira de Sousa

Grupo Jovem CEU - Petrolândia
Coordenador

do Soares Cardoso

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DE
BAIRRO PETROLÂNDIA (APRO)

do Silva Cunha



do Perpetua Socorro
do Silva Ferreira

ASSOCIAÇÃO EDUCATIVA PÉS
CHÃO

do Silva Ramos

Associação Comunitária
do Bairro Santa Ecles
Rua 5 nº 237

JARDIM CASTELHANO
Rua Frei João Rodrigues P. 1.
Conv. Movimento Brasileiro
Alfabetização

Associação Feminina Jardim Castelhanos
 Rua Tronçães Rodrigues Pereira 456
 Glória Soares Rodrigues Presidente

Sebastião Ferreira Ferreira
 Conferência Santa Cruzina S.S.V. paulista
 Rua Itatiaia 293 Bairro Amazonas
 Luiz de Brito e Conselho de São Paulo de Cassino

Presidente - Conferência Santa Luzia: Quinta Progresso da L.
 L. J.K. B. INDUSTRIAL - 622 CONTRAÇÃO
 Conferência Santa Luzia
 Pres: Quinta Progresso da Luzia

Conferência S. Sebastião
 Antonio Battini
 Av. Juscelino Kubitschek - n: 622

21127840/0001-90

ASSOCIAÇÃO L.º DE BMD DA VILA VISTA ALEGRE

RUA JOÃO XXIII, 95

VISTA ALEGRE - CEP 30000

BELO HORIZONTE - IA. G1

JOAQUIM VALENTIM GOMES

J. Gomes
PRESIDENTE

16.839.367/0001-33

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DOS
MORADORES DA VILA DO
BAIRRO CABANA

BELO HORIZONTE - M.B.

Creche Aurora Prado
Marquês do Paraná nº 95 B.A.
Aurora de Oliveira Campos

Clube de Remadores da Alfabetização de
Meninos e Adolescentes da Comissão
Municipal de Natação em Contagem
Alameda da Legião

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL E CULTURAL
METROPOLITANA

RUA VISCONDE D.º DURO PRETO Nº 70

FAZENDA INDUSTRIAL - CONTAGEM

Leonhardt
CARLOS JULIO LEONHARDT

Presidente

Fundação Educ. e Cult. Metropolitana

- ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DA VILA VISTA ALEGRE.

- ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DOS MORADORES DA VILA DO BAIRRO CABANA

- Praça Sirlviano Brandão nº 19 -
Galeria do Contagem Tênis Clube
Centro - Contagem
Fone: 351-0577 - P. 25

cas dos equipamentos, oficinas e espaços físicos ociosos existentes e estude a possibilidade de canalizar estes recursos para o funcionamento dos cursos. (Já temos conhecimento da existência de alguns destes recursos e da disponibilidade destes para a Instituição).

- Que a UTRAMIG se constitua também num Centro de apoio para a produção de material didático e recursos pedagógicos para os diversos cursos na área de profissionalização existente na região.

- Que se dê continuidade e amplie o Programa Comunitário de Educação e Trabalho (PROCET), que a UTRAMIG está realizando na região, através de alfabetização e profissionalização em convênio com o Mobra;

- Que a UTRAMIG atenda de imediato a demanda surgida no decorrer das discussões

De nossa parte, nós, em nome das associações e entidades aqui representadas, com demonstração e prova da validade do acima exposto assinamos este abaixo assinado que apresentamos à V. Exa., Senhor Governador Tancredo Neves.

Maria de Lourdes Gonçalves.

21091335/0001-32

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA INCONFIDENTES

RUA JOÃO LIMA, 343

BAIRRO INCONFIDENTES - CEP 32.200

CONTAGEM - M.G.

Duvidelo F. Machado
presidente da APE

SECRETARIADO DA CPT
REGIONAL M.G.

AV. 3, N.º 1033 - PÇA. DA CEMIG
32000 - CONTAGEM - MG

Amor Rodrigues Couto.

CENTRO PROFISSIONAL
LINDOIA BAIRRO LINDOIA

cas dos equipamentos, oficinas e espaços físicos ociosos existentes, e a possibilidade de canalizar estes recursos para o funcionamento dos cursos. (Já temos conhecimento da existência de alguns destes recursos e da disponibilidade destes para a Instituição).

- Que a UTRAMIG se constitua também num Centro de apoio para a produção de material didático e recursos pedagógicos para os diversos cursos na área da profissionalização existente na região.
- Que se dê continuidade e amplie o Programa Comunitário de Educação e Trabalho (PROCET), que a UTRAMIG está realizando na região, através de alfabetização e profissionalização em convênio com o Mobral;
- Que a UTRAMIG atenda de imediato a demanda surgida no decorrer das discussões.

De nossa parte, nós, em nome das associações e entidades aqui representadas, com demonstração e prova da validade do acima exposto assinamos este abaixo assinado que minhamos à V. Exa., Senhor Governador Tancredo Neves,

Maria Aparecida Braz
Lara Jussias Braz - B. Industrial - grupo de p. Juazeiro
Sra Louisa - ass. comu. B. Industrial
Maria Auxiliadora Braz Serena de Freitas
João Guimarães Filho - Bairro Amazônia
Maurício Luiz Dias - Associação Comunitária - Bairro
B. Industrial - Bairro do Lindalva - Itanópolis
Sra. Maria Aparecida L. - " " " - Itanópolis
Sra. Milton P. de Souza - Rua 205 Nova Valdeia
Mônica Maria de Souza - Rua 205 Casa 5
Milton Edson de Souza - Movimento Cultural do Vale do Tatu
Federação de Cineclubes de MG.

1) João Poud do Couto

tel. 46409

ASSOCIAÇÃO DOS MEMBROS EM TIPO DE SAÍDA APÓS CONCLUSÃO
"ASSOCIAÇÃO DAINOPRO"

C.O.C. 10.123.127/000179 - CONTAGEM - MG

João Poud do Couto
ASSOCIADO EM TIPO DE SAÍDA
2009/11/20

Moisés Rodrigues Ferreira

17 513 037 / 0001 - 16
ASSOCIAÇÃO COM. DOS B. NOVO
BOA VISTA E JARDIM DO LAGO
RUA PERU, S/Nº
B. Novo Boa Vista - CEP 32.000
CONTAGEM - MG.



Alva Aparecida da Cruz

Jose Otaviano de Oliveira

ASSOCIAÇÃO DOS MEMBROS
DA VILA ESTRELA D'ALVA E
VILA SÃO MATEUS Nº 3.206

Antônio Domingos de Souza
ASSOCIADO

Associação Comunitária do Bairro Tijucas

Amilton Rodas Maurício
ASSOCIAÇÃO COM. B. KENNEDY
AV. N.º 41 FONE 3516118

Antônio de Souza

Escola Municipal Pe. Edimar Plaf o Massote
Antônio de Souza
PROF. LUIZ CONCEIÇÃO LOPES CORDEIRO
DIRETOR



Comunidade de Instrução e Beneficência

Confirmação de João Damasceno
Rua Republicana 675 f. Lagoa Curitiba
Prestador de serviços de
Confirmação de João Damasceno

12-1000 / 150 012 11
CURV B 5-3 UNIDADE GAZETA DO P
DOAL OD MICHU B 410 Y ALB
VMS UNITE 7157
6000 910 - NOV 1988 B
101 - MICHU

DOAÇÃO DE
Mestradado em
Educação
14.01.88

